

teatro da juventude

**Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura**



Ano 4 - Número 25 - Agosto de 1999

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez



500 Anos de
Dramaturgia Brasileira

Teatro da Juventude

Ano 4 - número 25 - Agosto de 1999

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Eliana Rocha

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Consultoria: Prof. Milton Andrade

Capa: Flávio Império (in memoriam.)

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp

Tiragem: 7 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Comissão de Teatro

Rua Mauá, 51, 3º andar, Sala 301 - Praça Júlio Prestes - São Paulo - SP - CEP 01028-907

Temos uma boa notícia que queremos compartilhar com todos que vem trilhando conosco este percurso que tem por objetivo fortalecer a cultura do nosso país, oferecendo ferramentas para o saber e estímulo à criatividade por meio das artes cênicas.

Estamos nos referindo ao decreto nº 44.073, de 1º de julho de 1999, que institui a revista TEATRO DA JUVENTUDE, com edição especial em comemoração aos “500 Anos do Descobrimento do Brasil”, assinado por Mário Covas, governador do Estado de São Paulo.

O decreto foi instituído considerando: primeiro, que é dever do Estado garantir o acesso à cultura, mediante o amparo, desenvolvimento e difusão de todas as suas manifestações; segundo, que o teatro é veículo educacional e cultural e pode atuar como agente transformador e depurador de valores humanos e sociais dos jovens.

Para nosso orgulho pelo reconhecimento do trabalho que vimos desenvolvendo, o artigo 1º do referido decreto institui a TEATRO DA JUVENTUDE “como meio de preservação da memória teatral no Brasil”.

Este ato, embora isolado, é muito importante para o país porque garante a continuidade da publicação, independente de mudanças governamentais. Para quem não sabe, a revista foi criada em 1965, sobreviveu a três mudanças do governo e foi extinta em 1972. Somente 23 anos depois de sua fundação, em 1995, foi resgatada. Felizmente o governo de Mário Covas que a resgatou e, principalmente, o Secretário de Estado da Cultura, Marcos Mendonça, que se empenhou para que isso acontecesse, permaneceram e possibilitaram a continuidade da publicação.

Brindemos, portanto, ao decreto 44.073.

Quanto a esta edição, continuando nosso trajeto histórico, estamos entrando no período realista do Teatro Brasileiro. Para representá-lo, três dos principais autores da época: Machado de Assis, com a peça *Lição de Botânica*, França Júnior, com *Caiu o Ministério*, e Arthur Azevedo que, juntamente com José Piza, escreveu o maravilhoso *Mambembe*.

Apresentando as peças e o período, temos o artigo de um dos principais críticos de teatro adulto e infantil, doutor em artes cênicas e professor aposentado de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes – ECA, da Universidade de São Paulo – USP. Estamos falando de Clóvis Garcia.

Boa TEATRO DA JUVENTUDE para você.

Erné Vaz Fregni

SOLICITAÇÃO DA TEATRO DA JUVENTUDE

A Prefeitura do Município de Mogi Mirim, através do Departamento de Educação e Cultura, vem desenvolvendo vários projetos culturais, proporcionado à população a ocupação proveitosa do tempo em atividades que valorizam o lazer, a integração social, e estimulam o desenvolvimento educacional. Entre várias ações, pretendemos, a longo prazo, proporcionar a capacitação dos monitores das áreas de Teatro, Dança, Artes Plásticas e Música. São profissionais servidores da Prefeitura Municipal responsáveis por ministrar cursos em suas áreas nas escolas e nas casas da cultura descentralizadas. Para aprimoramos seu conhecimento, gostaríamos de ter em nossa biblioteca os volumes que compõem a coleção **TEATRO DA JUVENTUDE**, porque acreditamos que essa obra estará colaborando sobremaneira para o aperfeiçoamento didático e pedagógico, não só dos professores, mas dos alunos envolvidos nessas atividades de arte e educação. Conhecendo a boa vontade da Secretaria do Estado da Cultura em democratizar o acesso aos bens culturais, aprimorando o fazer artístico, a fim de termos o bom desenvolvimento social e *educacional da população*, aguardamos gentilmente o vosso importante retorno e, desde já, colocamos este Departamento sempre à disposição de V. Sa., para quaisquer esclarecimentos. Renovamos as nossas considerações.

Massao Hito – vice-prefeito e diretor de Educação e Cultura - Prefeitura Municipal de Mogi Mirim - Mogi Mirim – SP

O Externato Rio Branco vêm respeitosamente, solicitar a doação das publicações que integram a coleção

TEATRO DA JUVENTUDE para enriquecer o acervo de sua biblioteca.

O Externato Rio Branco é uma escola que ensina desde a educação infantil até o 2º grau e conta com 1095 alunos e 61 professores. Tem como atividade extra-curricular aulas de teatro e, para suas pesquisas teatrais, os alunos utilizam a biblioteca. A biblioteca tem dificuldade em atender seus usuários, pois seu acervo é muito escasso, devido a dificuldade de se encontrar material específico. Por isso contamos com sua colaboração e desde já agradecemos.

Glauca Regina Vilas Bôas- bibliotecária
Biblioteca Glória Maria Barquete
Externato Rio Branco
São Bernardo do Campo- SP

Vimos por meio desta solicitar que nos sejam enviados os exemplares da revista **TEATRO DA JUVENTUDE** referentes ao ano de 1999, sendo que a mesma tem sido de grande utilidade aos nossos alunos de teatro. Sem mais, nossos agradecimentos.

Isabel Nunes – bibliotecária
Clube Paineiras do Morumby
São Paulo – SP

Vimos por meio deste, solicitar de V. Sa., como integrante da *Comissão de Teatro da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo*, a gentileza de nos enviar a revista “**TEATRO DA JUVENTUDE**”, a fim de que possamos desenvolver nossas atividades educacionais, visando sempre a Formação Humana e Artística de nossos alunos.

Angela Aparecida Foglietti- assessora de Academia - Pedro Armando Fossa- diretor educacional - Colégio Marista de Ribeirão Preto
Ribeirão Preto - SP

Gostaríamos de receber, em nossa escola, a coleção completa **TEATRO DA JUVENTUDE**, para ter a disposição de

nossos alunos e professores de artes. A cada ano apresentamos uma mostra de trabalhos realizados pelos alunos – cenas curtas, “esquetes”, exposições de máscaras teatrais, entre outras coisas. Em 1998 apresentamos: “Bailão na Roça” (trabalho integrado de professores e alunos de teatro, dança, artes plásticas e música), “mostra de trabalhos de alunos da EMIA” (com os alunos de teatro e dança) e uma exposição de máscaras teatrais confeccionadas pelos alunos.

Luís Roberto da Rocha de Francisco
Escola Municipal de Iniciação Artística (EMIA)
Manolo Santoro – Itu – SP

Tomamos conhecimento e gostamos muito da revista “Teatro na Juventude” publicada pela Secretaria da Cultura. Estamos interessados em conseguir exemplares da mesma para subsidiar nosso trabalho com alunos do Ensino Médio.

Colégio João XXIII
São Paulo - SP

O NATTA- Núcleo de Atividades Artísticas vem desenvolvendo seu trabalho de montagens cênicas workshops teatrais e produção cultural, desde 1994.

E com o objetivo de ampliar nosso acervo de textos, futuras montagens e, principalmente, para utilização, por nossos alunos, em curso e workshops, requisito a esse Departamento, a coleção completa TEATRO DA JUVENTUDE.

Heitor Barsalimi - diretor artístico
NATTA- Núcleo de Atividades Artísticas
Campinas- SP

Ficamos sabendo da revista através da Art Center, uma empresa de divulgação teatral. Gostaríamos de receber a revista TEATRO DA JUVENTUDE, porque trabalhamos com teatro há muito tempo, e esta revista será muito importante para o desenvolvimento do nosso trabalho, por

apresentar peças, os seus autores, depoimentos e o que acontece no meio teatral.

Companhia de Teatro Água Viva
Rio Grande da Serra- SP

O Departamento de Cultura e Turismo, da Prefeitura de São João da Boa Vista, vem, através deste, solicitar, na medida do possível, o envio dos números 04, 07 e 10 da revista TEATRO DA JUVENTUDE, editado pela Secretaria de Estado da Cultura; números esses que faltam a coleção que temos em nosso Centro Cultural. Sendo isso possível, solicito enviar os exemplares para o Centro Cultural Pagu.

Departamento de Cultura e Turismo
Vania Gonçalves Noronha- diretora
São João da Boa Vista- SP

Sou uma simples atriz amadora com formação técnica no Centro Cultural de Mogi Mirim. Estou organizando um Grupo Teatral Amador, chamado G.A.T Faz & Conta, com participação média de 35 pessoas, sem fins lucrativos. Apesar de não termos muita estrutura, estamos com uma peça “montada”, a qual pretendemos apresentar não somente no nosso município. Gostaria de fortalecer esse grupo com livros de instruções, exercícios e interpretação. Chegaram às minhas mãos (emprestados), alguns exemplares da TEATRO DA JUVENTUDE, que me despertaram grande interesse. Peço ansiosamente para que, se puderem, vocês me enviem gratuitamente o material de que tanto necessito. Serei grata eternamente.

Darly Noronha Alves – coordenadora
G.A.T Faz & Conta
Mogi Mirim – SP

Meu nome é Pollyana Costa Prado, tenho quinze anos e há quatro sou atriz amadora. No começo deste ano, comecei montando

peças com pessoas que gostam de teatro mas não têm oportunidade. Hoje, tenho três grupos e pretendo formar mais. Como eles não têm muito acesso à Biblioteca e à Casa da Cultura de minha cidade devido à distância, gostaria muito de adquirir a revista *TEATRO DA JUVENTUDE*. Gostaria de saber se é possível recebê-la e se há como conseguir edições anteriores. As que tenho lido são da biblioteca, que fica muito longe de onde moro. Por favor me respondam se é possível ou não receber as revistas, e o que eu tenho que fazer para que isso aconteça. Vocês não sabem como isso é importante para mim.

Pollyana Costa Prado – atriz
Catanduva – SP

Participo de aulas de teatro na cidade de Catanduva desde o ano passado. Gostaria de receber os exemplares da revista *TEATRO DA JUVENTUDE*, para aprimorar e ampliar meus conhecimentos.

Jacqueline Peixoto Seolati – estudante
Catanduva – SP

Solicitamos a esse departamento dois exemplares da coleção da revista *TEATRO DA JUVENTUDE*, para o nosso conhecimento e divulgação para as unidades dos Colégios Maristas do Brasil.

Maria Célia da Silva – divisão educacional
Associação Brasileira de Educação e Cultura –
A.B.E.C
São Paulo – SP

Trabalho com teatro como ator, diretor e iluminador há algum tempo. Atualmente, participo da Associação de Artes Cênicas de Pereiras – ACEP (SP) e estou cursando o Curso de Formação de Atores Adultos do Conservatório Dramático e Musical “Dr. Carlos de Campos”, de Tatuí (SP).

Pela excelente qualidade da publicação

TEATRO DA JUVENTUDE, gostaria de passar a receber os exemplares, porque, na ACEP, trabalhamos com atores de diversas cidades. Se possível, gostaria de receber também os números anteriores.

Eduardo da Cunha Jorge
Associação de Artes Cênicas de Pereiras – ACEP
Botucatu – SP

Resposta: As revistas solicitadas podem ser retiradas na própria Secretaria do Estado da Cultura, no Departamento de Artes Cênicas (Rua Mauá, 51 – 3º andar), ou nas Delegacias Regionais de Cultura mais próximas.

FESTIVAIS E MOSTRAS DE TEATRO

Trabalho com um grupo de teatro e recentemente ganhei um exemplar da revista *TEATRO DA JUVENTUDE* de junho de 96. Achei a publicação bastante rica em informações e excelente fonte de pesquisa. Estou mandando a ficha de solicitação da revista e espero receber outras edições. Gostaria de obter informações e datas sobre festivais e mostras de teatro de São Paulo e, se possível, do Brasil. Parabênizo a redação e o estímulo da Secretaria.

Joaquim Gomes da Silva
Cia. Abaiô de Teatro
S. Bernardo do Campo – SP

Resposta: Caro Joaquim, agradecemos os parabéns e informamos que, pelo fato de fecharmos as edições com muita antecedência, as datas de festivais e mostras nem sempre poderão ser confirmadas a tempo. Para que você obtenha informações seguras e atualizadas, sugerimos que telefone para o Efren (11 223 5199, r. 311), no Departamento de Artes Cênicas da Secretaria do Estado da Cultura, que terá imenso prazer em atendê-lo.

**SOLICITAÇÃO TEATRO DA JUVENTUDE
POR FORMULÁRIO PUBLICADO NO
FINAL DA REVISTA**

Companhia de Teatro Água Viva
R. Icatuaçu, 94 Bairro Recanto das Flores
Rio Grande da Serra- SP

Cinira Paludeto Bengozl- escriturária
Biblioteca Pública Municipal Guilherme de
Almeida
Cerquilha- SP

Maria Augusta Paranhos Faro
Externato Rio Branco
São Bernardo Campo- SP

Mariza C. Caruzo- coordenadora
Colégio Terra S/C Ltda.
São Paulo- SP

Tania Cruz
Escola Santa Mônica
São Paulo- SP

Georgina Stadulo Ceio
Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
de Votoranti
Votaranti- SP

Chico Canimoé
PM de Franco da Rocha
Franco da Rocha- SP

Eliana Bach
Clowstofóbicos (La Bayadére)

Irmã Claret
Colégio Santo Antônio de Lisboa
São Paulo – SP

Ivano Silva de Lima
E. E. Dr. Aureliano Leite
Osasco – SP

Heloiza Lourenço Dias
Colégio Modelo
São Paulo – SP

Amanda Rodrigues
Grupo Liberdárte na Cidade Azul
Rio Claro – SP

Eduardo da Cunha Jorge
ACEP – Associação de Artes Cênicas de Pereira
Botucatu – SP

Newton Antonio Martins
Centro Cultural Brasil Estados Unidos
Santos – SP

ZéCarlos Crepaldi
Cia. Teatral “Paluarte”
Indaiatuba – SP

ESCREVA PARA CARTAS

A seção Cartas é um canal direto entre você e a Teatro da Juventude. Comunique-se – por carta ou fax – enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.

O ENDEREÇO É:
Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
RUA MAUÁ, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP
CEP 01028-907
Tel.: (11) 222-6971 / Tel-fax.: (11) 220-8125.

APRESENTAÇÃO

REALISMO NO TEATRO BRASILEIRO	11
Clovis Garcia	

TEXTOS

LIÇÃO DE BOTÂNICA	13
Machado de Assis	

CAIU O MINISTÉRIO	27
França Júnior	

O MAMBEMBE	55
Arthur Azevedo e José Piza	

REALISMO NO TEATRO BRASILEIRO

Representativos do período realista no Brasil, Machado de Assis, Arthur Azevedo e França Junior, cada um no seu estilo, expressam a comédia nacional.

Clovis Garcia *

Pedem-me que escreva sobre três peças de três autores que poderiam ser classificados como pertencentes ao período realista do teatro brasileiro: Machado de Assis, que, se não foi tão realista na sua obra teatral (há resquícios do Romantismo na sua dramaturgia), defendeu o Realismo como nova e moderna forma de teatro nas suas críticas e pareceres da censura; França Júnior, este sem dúvida classificável como realista; e, finalmente, Arthur Azevedo, que os estudiosos colocam num período a que chamam de “teatro musicado” (o que se possa entender por essa classificação), mas que sem dúvida foi realista nas suas comédias de um ou mais atos. As peças indicadas foram *Lição de Botânica*, *Caiu o Ministério* e *O Mambembe*, comédias de um ato a primeira, de três atos a segunda, e uma burleta em três atos a terceira.

Joaquim Maria MACHADO DE ASSIS (1839-1908) é considerado o maior escritor brasileiro do século XIX e um dos maiores da nossa literatura de qualquer época. Foi romancista, contista, poeta, cronista, crítico teatral, censor pelo Conservatório Dramático e dramaturgo. Sua atividade como autor teatral foi de grande fecundidade, tendo escrito 24 peças, além de sete traduções, compreendendo vários gêneros, como a ópera, a opereta, o drama, a comédia e até paródias. Como crítico, escreveu um grande número de artigos e, como censor, emitiu pelo menos dezessete pareceres que são verdadeiros ensaios sobre o teatro.

“Nas comédias de Machado de Assis mais ironia do que graça, mais literatura do que teatro.”

Entretanto, apesar de toda essa produção, se Machado de Assis não fosse o grande romancista que foi, seu nome dificilmente constaria da história do nosso teatro (aliás, no recente livro de Edvaldo Cafezeiro e Carmem Gadelha publicado pela UFRJ/FUNARTE, nenhuma peça sua é citada), no que tem ilustres antecessores, bastando citar

Cervantes e Voltaire. De fato, a maioria dos críticos considera menor a obra teatral de Machado de Assis. Por outro lado, tem-se afirmado que seus romances são muito mais teatrais que suas peças (e talvez por esse motivo sejam continuamente adaptados para o teatro).

De fato, apesar da numerosa produção dramática do grande escritor, nenhuma peça sua chega a atingir o nível da sua obra literária. Suas peças – comédias em um ato, como era moda no teatro brasileiro do século passado – são, em sua maioria, apenas o desenvolvimento de um provérbio, ou de uma idéia, numa linguagem literária, contida, sem que se possa encontrar nelas a graça da fala popular, tão importante na comédia. Preocupado em não incorrer em exageros, Machado escreve comédias que têm mais ironia do que graça, mais literatura que teatro, o que justifica a frase de Quintino Bocaiúva: “As tuas comédias são para serem lidas, e não para serem representadas”.

Em *Lição de Botânica*, temos todas essas características, seja na definição dos personagens, com uma viúva que centraliza a ação (e as viúvas são personagens que atraíam a atenção de

Machado de Assis), seja na linguagem literária, seja na temática de caráter didático, em que se prova que o casamento não prejudica a atividade científica. Não se trata, pois, de uma grande peça, mas de um exercício de estilo, que hoje somente teria interesse, para montagem, como um elemento de estudo da figura e da obra de Machado de Assis.

Já Joaquim de FRANÇA JÚNIOR (1838-1890) é, sem dúvida, um autor teatral. Sua obra conta com algumas comédias de grande valor dramático, possíveis de serem encenadas (e o têm sido), ainda hoje, com sucesso. Considerado o sucessor de Martins Pena, formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, que, no século passado, foi um grande centro de efervescência teatral, com nada menos de 39 autores que escreveram 102 peças, a maioria representadas. Desde cedo, revelou sua vocação para o teatro, sua enorme capacidade de fazer rir com assuntos sérios, escrevendo comédias satíricas, criticando a política, o direito, especialmente a justiça, os costumes sociais, a vida do Rio de Janeiro, espelho de todo Brasil, a participação e a valorização cega do estrangeiro (que Martins Pena já havia satirizado), o nepotismo, a amizade interesseira e até mesmo, numa peça discutível, os excessos do feminismo. Enfim, todas as mazelas nacionais foram por ele criticadas e, por permanecerem na nossa vida social e política, fazem do teatro de França Júnior um teatro de grande atualidade, o que explica o sucesso das montagens de suas comédias hoje em dia.

Caiu o Ministério é um retrato da ação política brasileira que parece ter sido traçado atualmente. Na peça estão presentes os interesses pessoais, o nepotismo, o bacharelismo, a corrupção, a vigarice dos projetos absurdos – no caso, a proposta de um trem puxado cachorros feita por um inglês (e os ingleses eram os imperialistas do século passado), que é aprovada por influências familiares, e não pelo seu valor ou interesse público. O primeiro ato se passa na Rua do Ouvidor, então centro da vida carioca, com grande movimentação de atores. Esse quadro dinâmico e movimentado é um belo início para uma comédia de costumes. O tema principal, entretanto, é a instabilidade política, com os interesses particulares se sobrepondo aos públicos.

“Fazendo rir de assuntos sérios, os textos de França Junior são atuais ainda hoje.”

O Conselheiro, pai de uma moça casadoira, é pobre, mas basta a notícia de que vai organizar o novo Ministério para surgirem os amigos, todos com pedidos pessoais, candidatos a genro e até o inglês com seu projeto incrível. O Conselheiro faz gastos superiores às suas possibilidades financeiras e, quando o Ministério cai, por uma questão menor, explorada pela imprensa como motivo de escândalo, desaparecem os amigos, os pretendentes à mão da filha, ficando o Conselheiro abandonado e cercado de credores. Para terminar bem a comédia, como convém ao gênero, França Júnior se utiliza do famoso recurso do *Deus ex machina*, que nos vem do teatro grego, especialmente de Eurípedes (os deuses apareciam no final para solucionar os problemas, transportados por uma *machina tractatória*, espécie de guindaste que levava os atores por sobre a *skene*). A solução, porém, é bem mais simples e brasileira: o personagem Felipe, jornalista modesto e apaixonado por Beatriz, a filha do Comendador, ganha na loteria e propõe casamento à jovem que o desprezara, mas que agora prontamente o aceita (em francês, língua então em moda, para satirizar a mania esnobe de adotar idioma estrangeiro).

Apesar do grande número de personagens, *Caiu o Ministério* é uma comédia divertida, bem construída e absolutamente atual. Só por ela, França Júnior

estaria inscrito, com destaque, na história do teatro brasileiro.

Outra figura excepcional da dramaturgia nacional é ARTHUR Nabatino Gonçalves de AZEVEDO (1855-1908). Vindo do Maranhão, sua terra natal, para o Rio de Janeiro, fez carreira como funcionário público e se destacou como jornalista. Mas foi, acima de tudo, um amante do teatro, ao qual dedicou toda a vida. Sua produção, de grande fecundidade, inclui cerca de uma centena de peças, entre comédias de um ato (como sempre, em grande moda no século passado), comédias de dois e mais atos, óperas, operetas, burletas, zarzuelas, traduções, adaptações e paródias. Dedicando-se ao teatro musicado, em várias formas de expressão, é um dos iniciadores do nosso teatro de revista. Animador cultural, foi grande incentivador da construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que ele pretendia fosse um centro da dramaturgia

nacional e que não chegou a ver inaugurado, pois faleceu um ano antes.

Dentre suas peças, *O Mambembe*, uma comédia musical que tem por tema o próprio teatro, ficou no esquecimento por muitos anos, até que a famosa encenação do Teatro dos Sete a recolocou no repertório nacional e fez com que a crítica redescobrisse suas qualidades. Sem dúvida, é um texto bem escrito, com uma temática interessante, com personagens atuantes, com um agudo espírito de observação e um senso crítico de grande comicidade, além das músicas originais de Assis Pacheco.

O sentido e a origem do termo “mambembe” têm sido motivo de discussão. Teria vindo do quimbundo, língua africana dos bantos, significando algo de má qualidade, ordinário, ou ainda lugar deserto (versão fortemente contestada). Mas Arthur Azevedo se encarrega de dar ao público o significado que adotou pela fala do personagem Frazão, ao convidar Laudelina, atriz amadora, para ser a primeira dama da sua trupe, que vai partir para o interior do Brasil: “Mambembe é a companhia nômade, errante, vagabunda, organizada com todos os elementos de que um empresário pobre possa lançar mão num momento dado, e que vai de cidade em cidade, de vila em vila, de povoação em povoação, dando espetáculos aqui e ali, onde encontre um teatro ou onde possa improvisá-lo”. O fato é que o termo “mambembe” e o verbo dele decorrente, “mambembar”, ficaram fixados com o sentido de companhia ambulante, de poucos recursos, que percorre todas as cidades do interior, pequenas ou grandes.

O Mambembe de Arthur Azevedo é uma peça de teatro sobre o teatro, numa verdadeira metalinguagem. A organização da companhia, os tipos que a compõem, os problemas financeiros, as dificuldades com as autoridades locais, com os conquistadores de província, com os coronéis, com o repertório, com as condições técnicas dos locais de representação, tudo é examinado e, como resultado final, há uma exaltação do trabalho dos artistas cênicos e do próprio teatro.

Arthur Azevedo coloca todo o seu amor pelo teatro em *O Mambembe*. De passagem, ainda, há

**“Um dos iniciadores
teatro de revista no
Brasil, Arthur Azevedo
dedicou-se ao teatro
em várias formas
de expressão.”**

uma crítica ao desamparo em que a arte cênica e seus artistas são deixados pelas autoridades, uma sátira às figuras e aos costumes interioranos e até mesmo ao próprio teatro, dividido entre o amor à arte e as necessidades materiais. A peça termina com um efeito cômico, o famoso reconhecimento do melodrama: Laudelina, a primeira dama, é reconhecida como filha desaparecida do coronel Chico Inácio, rico latifundiário da pequena cidade de Pito Aceso. Assim, com o final feliz, como convém às comédias, a peça termina, depois de passar por vários gêneros, homenageando o melodrama, que, importado da França, aqui fez grande sucesso.

Apesar de suas dezenas de personagens, *O Mambembe* é uma peça que pode ser representada (e o tem sido)

com sucesso ainda hoje. E é uma das grandes peças da dramaturgia nacional.

Três autores, três peças, três personalidades, três expressões da comédia nacional, nos seus diferentes níveis de qualidade.

* Prof. Clovis Garcia é crítico de teatro adulto e infantil. Doutor em arte, é professor aposentado do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Arte (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Machado de. *TEATRO*. Rio: FUNARTE, 1982.
- AZEVEDO, Arthur. *TEATRO*, 6 v. Rio: FUNARTE, 1985/1995.
- CAFEZEIRO, Edwald e Gadelha, Carmen. *HISTÓRIA DO TEATRO BRASILEIRO*, Rio: UFJ/EDUERJ/FUNARTE, 1996.
- FARIA, João Roberto. *O TEATRO REALISTA NO BRASIL: 1855-1865*. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1993.
- FRANÇA JUNIOR. *TEATRO*, 2v. Rio: FUNARTE, 1980.
- GALANTE DE SOUZA, J. *O TEATRO NO BRASIL*, 2v. Rio: INL, 1960.
- MAGALDI, Sábato. *PANORAMA DO TEATRO BRASILEIRO*. São Paulo: Global, 1997, 3ª Ed.
- MAGALHÃES JUNIOR, R. *ARTHUR AZEVEDO E SUA ÉPOCA*. S. Paulo: Saraiva, 1953.
- MARTINS, Antônio. *ARTHUR AZEVEDO: A PALAVRA É O RISO*. S. Paulo: Perspectiva, 1988.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *MACHADO DE ASSIS*. S. Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1949, 4ª Ed.
- PRADO, Décio de Almeida. *HISTÓRIA CONCISA DO TEATRO BRASILEIRO*: S. Paulo, EDUSP, 1999.

LIÇÃO DE BOTÂNICA

Machado de Assis

PERSONAGENS:

Dona Helena

Dona Leonor

Dona Cecília

Barão Sigismundo de Kernoberg

Lugar da cena: Andaraí.

ATO ÚNICO

(Sala em casa de Dona Leonor. Portas ao fundo, uma à direita do espectador.)

CENA I

(Dona Leonor, Dona Helena e Dona Cecília)

(Dona Leonor entra, lendo uma carta, Dona Helena e Dona Cecília entram no fundo.)

DONA HELENA

Já de volta?

DONA CECÍLIA

(A Dona Helena, depois de um silêncio) Será alguma carta de namoro?

DONA HELENA

(Baixo) Criança!

DONA LEONOR

Não me explicarão isto?

DONA HELENA

Que é?

DONA LEONOR

Recebi ao descer do carro este bilhete. “Minha senhora. Permita que o mais respeitoso vizinho lhe peça dez minutos de atenção. Vai nisto um grande interesse da ciência.” Que tenho eu com a ciência?

DONA HELENA

Mas de quem é a carta?

DONA LEONOR

Do Barão Sigismundo de Kernoberg.

DONA CECÍLIA

Ah! O tio de Henrique!

DONA LEONOR

De Henrique! Que familiaridade é essa?

DONA CECÍLIA

Títia, eu...

DONA LEONOR

Eu quê?... Henrique!

DONA HELENA

Foi uma maneira de falar na ausência. Com que então o Senhor Barão Sigismundo de Kernoberg pede-lhe dez minutos de atenção, em nome e por amor da ciência. Da parte de um botânico é por força alguma égloga.

DONA LEONOR

Seja o que for, não sei se deva receber um senhor a quem nunca vimos. Já o viram alguma vez?

DONA CECÍLIA

Eu nunca.

DONA HELENA

Nem eu.

DONA LEONOR

Botânico e sueco: duas razões para ser gravemente aborrecido. Nada, não estou em casa.

DONA CECÍLIA

Mas quem sabe, titia, se ele quer pedir-lhe... sim... um exame no nosso jardim?

DONA LEONOR

Há por todo esse Andaraí muito jardim para examinar.

DONA HELENA

Não, senhora, há de recebê-lo.

DONA LEONOR

Por quê?

DONA HELENA

Porque é nosso vizinho, porque tem necessidade de falar-lhe, e, enfim, porque, a julgar pelo sobrinho, deve ser um homem distinto.

DONA LEONOR

Não me lembrava do sobrinho. Vá lá; aturemos

o botânico. (*Sai pela porta do fundo, à esquerda.*)

CENA II

(*Dona Helena, Dona Cecília*)

DONA HELENA
Não me agradece?

DONA CECÍLIA
O quê?

DONA HELENA
Sonsa! Pois não adivinhas o que vem cá fazer o barão?

DONA CECÍLIA
Não.

DONA HELENA
Vem pedir a tua mão para o sobrinho.

DONA CECÍLIA
Helena!

DONA HELENA
(*Imitando-a*) Helena!

DONA CECÍLIA
Juro...

DONA HELENA
Que o não amas.

DONA CECÍLIA
Não é isso.

DONA HELENA
Que o amas?

DONA CECÍLIA
Também não.

DONA HELENA
Mal! Alguma coisa há de ser. *Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée.* Porta neste caso é coração. O teu coração há de estar fechado ou aberto...

DONA CECÍLIA
Perdi a chave.

DONA HELENA
(*Rindo*) E não o podes fechar outra vez. São assim todos os corações ao pé de todos os Henriques. O teu Henrique viu a porta aberta, e tomou posse do lugar. Não escolheste mal, não; é um bonito rapaz.

DONA CECÍLIA
Oh! Uns olhos!

DONA HELENA
Azuis.

DONA CECÍLIA
Como o céu.

DONA HELENA
Louro...

DONA CECÍLIA
Elegante...

DONA HELENA
Espirituoso...

DONA CECÍLIA
E bom...

DONA HELENA
Uma pérola. (*Suspira.*) Ah!

DONA CECÍLIA
Suspiras?

DONA HELENA
Que há de fazer uma viúva falando... de pérola?

DONA CECÍLIA
Oh! Tens naturalmente em vista algum diamante de primeira grandeza.

DONA HELENA
Não tenho, não; meu coração já não quer jóias.

DONA CECÍLIA
Mas as jóias querem o teu coração.

DONA HELENA
Tanto pior para elas: hão de ficar em casa do joalheiro.

DONA CECÍLIA
Veremos isso. (*Sobe.*) Ah!

DONA HELENA
Que é?

DONA CECÍLIA
(*Olhando para a direita*) Um homem desconhecido que lá vem; há de ser o barão.

DONA HELENA
Vou avisar titia. (*Sai pelo fundo, à esquerda.*)

CENA III

(*Dona Cecília, Barão*)

DONA CECÍLIA
Será deveras ele? Estou trêmula... Henrique não me avisou de nada... Virá pedir-me?... Mas não, não, não pode ser ele... Tão moço!... (*O Barão aparece.*)

BARÃO
(*À porta, depois de profunda cortesia*) Creio que a Excelentíssima Senhora Dona Leonor Gouvea recebeu uma carta... vim sem esperar a resposta.

DONA CECÍLIA
É o Senhor Barão Sigismundo de Kernoberg? (*O Barão faz um gesto afirmativo.*) Recebeu. Queira entrar e sentar-se. (*À parte*) Devo estar vermelha...

BARÃO
(*À parte, olhando para Cecília*) Há de ser esta.

DONA CECÍLIA
(*À parte*) E titia não vem... Que demora!... Não sei que lhe diga... estou vexada... (*O Barão tira*

um livro da algibeira e folheia-o.) Se eu pudesse deixá-lo... É o que vou fazer. (Sobe.)

BARÃO

(Fechando o livro e erguendo-se) Vossa Excelência há de desculpar-me. Recebi hoje mesmo este livro da Europa; é obra que vai fazer revolução na ciência; nada menos que uma monografia das gramíneas, premiada pela Academia de Estocolmo.

DONA CECÍLIA

Sim? *(À parte)* Aturemo-lo; pode vir a ser meu tio.

BARÃO

As gramíneas têm ou não têm perianto? A princípio adotou-se a negativa, posteriormente... Vossa Excelência talvez não conheça o que é perianto...

DONA CECÍLIA

Não, senhor.

BARÃO

Perianto compõe-se de duas palavras gregas: *peri*, em volta, e *antos*, flor.

DONA CECÍLIA

O involúcro da flor.

BARÃO

Acertou. É o que vulgarmente se chama cálix. Pois as gramíneas eram tidas... *(Aparece Dona Leonor ao fundo.)* Ah!

CENA IV

(Os mesmos, Dona Leonor)

DONA LEONOR

Deseja falar-me?

BARÃO

Se me dá essa honra. Vim sem esperar resposta à minha carta. Dez minutos apenas.

DONA LEONOR

Estou às suas ordens.

DONA CECÍLIA

Com licença. *(À parte, olhando para o céu)* Ah! Minha Nossa Senhora! *(Retira-se pelo fundo.)*

CENA V

(Dona Leonor, Barão)

(Dona Leonor senta-se, fazendo um gesto ao Barão, que a imita.)

BARÃO

Sou o Barão Sigismundo de Kernoberg, seu vizinho, botânico de vocação, profissão e tradição, membro da Academia de Estocolmo, e

comissionado pelo governo da Suécia para estudar a flora da América do Sul. Vossa Excelência dispensa a minha biografia? *(Dona Leonor faz um gesto afirmativo.)* Direi somente que o tio de meu tio foi botânico, meu tio botânico, eu botânico, e meu sobrinho há de ser botânico. Todos somos botânicos de tios a sobrinhos. Isto de algum modo explica a minha vinda a esta casa.

DONA LEONOR

Oh! O meu jardim é composto de plantas vulgares.

BARÃO

(Gracioso) É porque as melhores flores da casa estão dentro de casa. Mas Vossa Excelência engana-se; não venho pedir nada do seu jardim.

DONA LEONOR

Ah!

BARÃO

Venho pedir-lhe uma coisa que lhe há de parecer singular.

DONA LEONOR

Fale.

BARÃO

O padre desposa a igreja; eu desposi a ciência. Saber é o meu estado conjugal; os livros são a minha família. Numa palavra, fiz voto de celibato.

DONA LEONOR

Não se casa.

BARÃO

Justamente. Mas, Vossa Excelência compreende que, sendo para mim ponto de fé que a ciência não se dá bem com o matrimônio, nem eu devo casar, nem... Vossa Excelência já percebeu.

DONA LEONOR

Coisa nenhuma.

BARÃO

Meu sobrinho Henrique anda estudando comigo os elementos da botânica. Tem talento, há de vir a ser um luminar da ciência. Se o casamos, está perdido.

DONA LEONOR

Mas...

BARÃO

(À parte) Não entendeu. *(Alto)* Sou obrigado a ser mais franco. Henrique anda apaixonado por uma de suas sobrinhas, creio que esta que saiu daqui, há pouco. Impus-lhe que não voltasse a esta casa; ele resistiu-me. Só me resta um meio: é que Vossa Excelência lhe feche a porta.

DONA LEONOR

Senhor barão!

BARÃO

Admira-se do pedido? Creio que não é polido nem conveniente. Mas é necessário, minha senhora, é indispensável. A ciência precisa de mais um obreiro: não o encadeemos no matrimônio.

DONA LEONOR

Não sei se devo sorrir do pedido...

BARÃO

Deve sorrir, sorrir e fechar-nos a porta. Terá os meus agradecimentos e as bênçãos da posteridade.

DONA LEONOR

(Sorrindo) Não é preciso tanto; posso fechá-la de graça.

BARÃO

Justo. O verdadeiro benefício é gratuito.

DONA LEONOR

Antes, porém, de nos despedirmos, desejava dizer uma coisa e perguntar outra. *(O Barão curva-se.)* Direi primeiramente que ignoro se há tal paixão da parte de seu sobrinho; em segundo lugar, perguntarei se na Suécia estes pedidos são usuais.

BARÃO

Na geografia intelectual não há Suécia nem Brasil; os países são outros: astronomia, geologia, matemáticas; na botânica são obrigatórios.

DONA LEONOR

Todavia, à força de andar com flores... desviam os botânicos trazê-las consigo.

BARÃO

Ficam no gabinete.

DONA LEONOR

Trazem os espinhos somente.

BARÃO

Vossa Excelência tem espírito. Compreendo a afeição de Henrique a esta casa. *(Levantando-se)* Promete-me então...

DONA LEONOR

(Levantando-se) Que faria no meu caso?

BARÃO

Recusava.

DONA LEONOR

Com prejuízo da ciência?

BARÃO

Não, porque neste caso a ciência mudaria de acampamento, isto é, o vizinho prejudicado

escolheria outro bairro para seus estudos.

DONA LEONOR

Não lhe parece que era melhor ter feito isso mesmo, antes de arriscar um pedido ineficaz?

BARÃO

Quis primeiro tentar fortuna.

CENA VI

(Dona Leonor, Barão, Dona Helena)

DONA HELENA

(Entra e pára.) Ah!

DONA LEONOR

Entra, não é assunto reservado. O Senhor Barão de Kernoberg... *(Ao Barão)* É minha sobrinha Helena. *(A Helena)* Aqui o senhor barão vem pedir que não o perturbemos no estudo da botânica. Diz que seu sobrinho Henrique está destinado a um lugar honroso na ciência, e... Conclua, senhor barão.

BARÃO

Não convém que se case, a ciência exige o celibato.

DONA LEONOR

Ouviste?

DONA HELENA

Não compreendo...

BARÃO

Uma paixão louca de meu sobrinho pode impedir que... Minhas senhoras, não deseje roubar-lhes mais tempo... Confio em Vossa Excelência, minha senhora... Ser-lhe-ei eternamente grato. Minhas senhoras. *(Faz uma grande cortesia e sai.)*

CENA VII

(Dona Helena, Dona Leonor)

DONA LEONOR

(Rindo) Que urso!

DONA HELENA

Realmente...

DONA LEONOR

Perdôo-lhe em nome da ciência. Fique com as suas ervas, e não nos aborreça mais, nem ele nem o sobrinho.

DONA HELENA

Nem o sobrinho?

DONA LEONOR

Nem o sobrinho, nem o criado, nem o cão, se o houver, nem coisa nenhuma que tenha relação com a ciência. Enfada-te? Pelo que vejo, entre o

Henrique e a Cecília há tal ou qual namoro?

DONA HELENA

Se promete segredo... há.

DONA LEONOR

Pois acabe-se o namoro.

DONA HELENA

Não é fácil. O Henrique é um perfeito cavalheiro; ambos são dignos um do outro. Por que razão impedirmos que dois corações...

DONA LEONOR

Não sei de corações, não hão de faltar casamentos a Cecília.

DONA HELENA

Certamente que não, mas os casamentos não se improvisam nem se projetam na cabeça; são atos do coração, que a Igreja santifica. Tentemos uma coisa.

DONA LEONOR

Que é?

DONA HELENA

Reconciliemo-nos com o barão.

DONA LEONOR

Nada, nada.

DONA HELENA

Pobre Cecília!

DONA LEONOR

É ter paciência, sujeite-se às circunstâncias... (A *Dona Cecília*, que entra) Ouviste?

DONA CECÍLIA

O quê, titia?

DONA LEONOR

Helena te explicará tudo. (A *Dona Helena*, baixo) Tire-lhe todas as esperanças. (Indo-se) Que urso! Que urso!

CENA VIII

(*Dona Helena*, *Dona Cecília*)

DONA CECÍLIA

Que aconteceu?

DONA HELENA

Aconteceu... (Olha com tristeza para ela.)

DONA CECÍLIA

Acaba.

DONA HELENA

Pobre Cecília!

DONA CECÍLIA

Titia recusou a minha mão?

DONA HELENA

Qual! O barão é que se opõe ao casamento.

DONA CECÍLIA

Opõe-se!

DONA HELENA

Diz que a ciência exige o celibato do sobrinho. (*Dona Cecília encosta-se a uma cadeira.*) Mas sossega; nem tudo está perdido; pode ser que o tempo...

DONA CECÍLIA

Mas quem impede que ele estude?

DONA HELENA

Mania de sábio. Ou então, evasiva do sobrinho.

DONA CECÍLIA

Oh! Não! É impossível; Henrique é uma alma angélica! Respondo por ele. Há de certamente opor-se a semelhante exigência...

DONA HELENA

Não convém precipitar as coisas. O barão pode zangar-se e ir-se embora.

DONA CECÍLIA

Que devo então fazer?

DONA HELENA

Esperar. Há tempo para tudo.

DONA CECÍLIA

Pois bem, quando Henrique vier...

DONA HELENA

Não vem, titia resolveu fechar a porta a ambos.

DONA CECÍLIA

Impossível!

DONA HELENA

Pura verdade. Foi uma exigência do barão.

DONA CECÍLIA

Ah! Conspiram todos contra mim. (*Põe as mãos na cabeça.*) Sou muito infeliz! Que mal fiz eu a essa gente? Helena, salva-me! Ou eu mato-me! Anda, vê se descobres um meio...

DONA HELENA

(Indo sentar-se) Que meio?

DONA CECÍLIA

(Acompanhando-a) Um meio qualquer que não nos separe!

DONA HELENA

Há um.

DONA CECÍLIA

Qual? Dize.

DONA HELENA

Casar.

DONA CECÍLIA

Oh! Não zombes de mim! Tu também amaste, Helena; deves respeitar estas angústias. Não tornar a ver o meu Henrique é uma idéia intolerável. Anda, minha irmãzinha. (*Ajoelha-se, inclinando o corpo sobre o regaço de Dona Helena.*) Salva-me! És tão inteligente, que hás de

achar por força alguma idéia; anda, pensa!

DONA HELENA

(*Beijando-lhe a testa*) Criança! Supões que seja coisa tão fácil assim?

DONA CECÍLIA

Para ti há de ser fácil.

DONA HELENA

Lisonjeira! (*Pega maquinalmente no livro deixado pelo barão sobre a cadeira.*) A boa vontade não pode tudo; é preciso... (*Tem aberto o livro.*) Que livro é este?... Ah! Talvez do barão.

DONA CECÍLIA

Mas vamos... continua.

DONA HELENA

Isto há de ser sueco... trata talvez de botânica. Sabes sueco?

DONA CECÍLIA

Helena!

DONA HELENA

Quem sabe se este livro pode salvar tudo? (*Depois de um instante de reflexão*) Sim, é possível. Tratará de botânica?

DONA CECÍLIA

Trata.

DONA HELENA

Quem lhe disse?

DONA CECÍLIA

Ouvi dizer ao barão, trata das...

DONA HELENA

Das...

DONA CECÍLIA

Das gramíneas.

DONA HELENA

Só das gramíneas?

DONA CECÍLIA

Não sei; foi premiado pela Academia de Estocolmo.

DONA HELENA

De Estocolmo. Bem. (*Levanta-se.*)

DONA CECÍLIA

(*Levantando-se*) Mas que é?

DONA HELENA

Vou mandar-lhe o livro...

DONA CECÍLIA

Que mais?

DONA HELENA

Com um bilhete.

DONA CECÍLIA

(*Olhando para a direita*) Não é preciso; lá vem ele.

DONA HELENA

Ah!

DONA CECÍLIA

Que vais fazer?

DONA HELENA

Dar-lhe o livro.

DONA CECÍLIA

O livro, e...

DONA HELENA

E as despedidas.

DONA CECÍLIA

Não compreendo.

DONA HELENA

Espera e verás.

DONA CECÍLIA

Não posso encará-lo; adeus.

DONA HELENA

Cecília! (*Cecília sai.*)

CENA IX

(*Dona Helena, Barão*)

BARÃO

(*À porta*) Perdão, minha senhora; eu trazia um livro há pouco...

DONA HELENA

(*Com o livro na mão*) Será este?

BARÃO

(*Caminhando para ela*) Justamente.

DONA HELENA

Escrito em sueco, penso eu...

BARÃO

Em sueco.

DONA HELENA

Trata naturalmente de botânica.

BARÃO

Das gramíneas.

DONA HELENA

(*Com interesse*) Das gramíneas!

BARÃO

De que se espanta?

DONA HELENA

Um livro publicado...

BARÃO

Há quatro meses.

DONA HELENA

Premiado pela Academia de Estocolmo?

BARÃO

(*Admirado*) É verdade. Mas...

DONA HELENA

Que pena que eu não saiba sueco!

BARÃO

Tinha notícias do livro?

DONA HELENA

Certamente. Ando ansiosa por lê-lo.

BARÃO

Perdão, minha senhora. Sabe botânica?

DONA HELENA

Não ousou dizer que sim, estudo alguma coisa, leio quando posso. É ciência profunda e encantadora.

BARÃO

(*Com calor*) É a primeira de todas.

DONA HELENA

Não me atrevo a apoiá-lo, porque nada sei das outras e poucas luzes tenho de botânica, apenas as que pode dar um estudo solitário e deficiente. Se a vontade suprisse o talento...

BARÃO

Por que não? *Le génie, c'est la patience*, dizia Buffon.

DONA HELENA

(*Sentando-se*) Nem sempre.

BARÃO

Realmente, estava longe de supor que, tão perto de mim, uma pessoa tão distinta dava algumas horas vagas ao estudo da minha bela ciência.

DONA HELENA

Da sua esposa.

BARÃO

(*Sentando-se*) É verdade. Um marido pode perder a mulher, e se a amar deveras, nada a compensará neste mundo, ao passo que a ciência não morre... Morremos nós, ela sobrevive com todas as graças do primeiro dia, ou ainda maiores, porque cada descoberta é um encanto novo.

DONA HELENA

Oh! Tem razão!

BARÃO

Mas, diga-me Vossa Excelência: tem feito estudo especial das gramíneas?

DONA HELENA

Por alto... por alto...

BARÃO

Contudo, sabe que a opinião dos sábios não admitia o perianto... (*Dona Helena faz sinal afirmativo.*) Posteriormente reconheceu-se a existência do perianto. (*Novo gesto de Dona Helena.*) Pois este livro refuta a segunda opinião.

DONA HELENA

Refuta o perianto?

BARÃO

Completamente.

DONA HELENA

Acho temeridade.

BARÃO

Também eu supunha isso... Li-o, porém, e a demonstração é claríssima. Tenho pena que não possa lê-lo. Se me dá licença, farei uma tradução portuguesa e daqui a duas semanas...

DONA HELENA

Não sei se deva aceitar...

BARÃO

Aceite; é o primeiro passo para me não recusar segundo pedido.

DONA HELENA

Qual?

BARÃO

Que me deixe acompanhá-la em seus estudos, repartir o pão do saber com Vossa Excelência. É a primeira vez que a fortuna me depara uma discípula. Discípula é, talvez, ousadia da minha parte...

DONA HELENA

Ousadia, não; eu sei muito pouco; posso dizer que não sei nada.

BARÃO

A modéstia é o aroma do talento, como o talento é o esplendor da graça. Vossa Excelência possui tudo isso. Posso compará-la à violeta – *viola odorata* de Lineu –, que é formosa e recatada...

DONA HELENA

(*Interrompendo*) Pedirei licença à minha tia. Quando será a primeira lição?

BARÃO

Quando quiser. Pode ser amanhã. Tem certamente notícia da anatomia vegetal...

DONA HELENA

Notícia incompleta.

BARÃO

Da fisiologia?

DONA HELENA

Um pouco menos.

BARÃO

Nesse caso, nem a taxonomia, nem a fitografia...

DONA HELENA

Não fui até lá.

BARÃO

Mas há de ir... Verá que mundos novos se lhe abrem diante do espírito. Estudaremos, uma por uma, todas as famílias, as orquídeas, as

jasmíneas, as rubiáceas, as oleáceas, as narcíseas, as umbelíferas, as...

DONA HELENA

Tudo, desde que se trate de flores.

BARÃO

Compreendo: amor de família.

DONA HELENA

Bravo! Um cumprimento!

BARÃO

(Folheando o livro) A ciência os permite.

DONA HELENA

(À parte) O mestre é perigoso. *(Alto)* Tinham-me dito exatamente o contrário; disseram-me que o senhor barão era... não sei como diga... era...

BARÃO

Talvez um urso.

DONA HELENA

Pouco mais ou menos.

BARÃO

E sou.

DONA HELENA

Não creio.

BARÃO

Por que não crê?

DONA HELENA

Porque o vejo amável.

BARÃO

Suportável apenas.

DONA HELENA

Demais, imaginava-o uma figura muito diferente, um velho macilento, melenas caídas, olhos encovados.

BARÃO

Estou velho, minha senhora.

DONA HELENA

Trinta e seis anos.

BARÃO

Trinta e nove.

DONA HELENA

Plena mocidade.

BARÃO

Velho para o mundo. Que posso eu dar ao mundo senão a minha prosa científica?

DONA HELENA

Só uma coisa lhe acho inaceitável.

BARÃO

Que é?

DONA HELENA

A teoria de que o amor e a ciência são incompatíveis.

BARÃO

Oh! Isso...

DONA HELENA

Dá-se o espírito à ciência e o coração ao amor. São territórios diferentes, ainda que limítrofes.

BARÃO

Um acaba por anexar o outro.

DONA HELENA

Não creio.

BARÃO

O casamento é uma bela coisa, mas o que faz bem a uns pode fazer mal a outros. Sabe que Mafoma não permite o uso do vinho aos seus sectários. Que fazem os turcos? Extraem o suco de uma planta, da família das papaveráceas, bebem-no, e ficam alegres. Esse licor, se nós o bebêssemos, matar-nos-ia. O casamento, para nós, é o vinho turco.

DONA HELENA

(Erguendo os ombros) Comparação não é argumento. Demais, houve e há sábios casados.

BARÃO

Que seriam mais sábios se não fossem casados.

DONA HELENA

Não fale assim. A esposa fortifica a alma do sábio. Deve ser um quadro delicioso para o homem que despense as suas horas na investigação da natureza fazê-lo ao lado da mulher que o ampara e anima, testemunha de seus esforços, sócia de suas alegrias, atenta, dedicada, amorosa. Será vaidade de sexo? Pode ser, mas eu creio que o melhor prêmio do mérito é o sorriso da mulher amada. O aplauso público é mais ruidoso, mas muito menos tocante que a aprovação doméstica.

BARÃO

(Depois de um instante de hesitação e luta)

Falemos da nossa lição.

DONA HELENA

Amanhã, se minha tia consentir. *(Levanta-se)* Até amanhã, não?

BARÃO

Hoje mesmo, se ordenar.

DONA HELENA

Acredita que não perderei o tempo?

BARÃO

Estou certo que não.

DONA HELENA

Serei acadêmica de Estocolmo?

BARÃO

Conto que terei essa honra.

DONA HELENA*(Cortejando)* Até amanhã.**BARÃO***(O mesmo)* Minha senhora! *(Dona Helena sai pelo fundo, esquerda, o barão caminha para a direita, mas volta para buscar o livro que ficara sobre a cadeira ou sofá.)***CENA X***(Barão, Dona Leonor)***BARÃO***(Pensativo)* Até amanhã! Devo eu cá voltar? Talvez não devesse, mas é interesse da ciência... a minha palavra empenhada... O pior de tudo é que a discípula é graciosa e bonita. Nunca tive discípula, ignoro até que ponto é perigoso... Ignoro? Talvez não... *(Põe a mão no peito.)* Que é isto?... *(Resoluto)* Não, sicambro! Não hás de adorar o que queimaste! Eia, volvamos às flores e deixemos esta casa para sempre. *(Entra Dona Leonor.)***DONA LEONOR***(Vendo o Barão)* Ah!**BARÃO**Voltei há dois minutos; vim buscar este livro. *(Cumprimentando)* Minha senhora!**DONA LEONOR**

Senhor barão!

BARÃO*(Vai até a porta e volta.)* Creio que Vossa Excelência não me fica querendo mal?**DONA LEONOR**

Certamente que não.

BARÃO*(Cumprimentando)* Minha senhora!**DONA LEONOR***(Idem)* Senhor barão!**BARÃO***(Vai à porta e volta.)* A Senhora Dona Helena não lhe falou agora?**DONA LEONOR**

Sobre quê?

BARÃO

Sobre umas lições de botânica...

DONA LEONOR

Não me falou em nada...

BARÃO*(Cumprimentando)* Minha senhora!**DONA LEONOR***(Idem)* Senhor Barão! *(Barão sai.)* Que

esquisitão! Valia a pena cultivá-lo de perto.

BARÃO*(Reaparecendo)* Perdão...**DONA LEONOR**

Ah! Que manda?

BARÃO*(Aproxima-se.)* Completo a minha pergunta. A sobrinha de Vossa Excelência falou-me em receber algumas lições de botânica. Vossa Excelência consente? *(Pausa)* Há de parecer-lhe esquisito este pedido, depois do que tive a honra de fazer-lhe há pouco...**DONA LEONOR**

Senhor barão, no meio de tantas cópias e imitações humanas...

BARÃO

Eu acabo: sou original.

DONA LEONOR

Não ousou dizê-lo.

BARÃO

Sou; noto, entretanto, que a observação de Vossa Excelência não responde à minha pergunta.

DONA LEONOR

Bem sei; por isso mesmo é que a fiz.

BARÃO

Nesse caso...

DONA LEONOR

Nesse caso, deixe-me refletir.

BARÃO

Cinco minutos?

DONA LEONOR

Vinte e quatro horas.

BARÃO

Nada menos?

DONA LEONOR

Nada menos.

BARÃO*(Cumprimentando)* Minha senhora!**DONA LEONOR***(Idem)* Senhor barão! *(Sai o barão.)***CENA XI***(Dona Leonor, Dona Cecília)***DONA LEONOR**

Singular é ele, mas não menos singular é a idéia de Helena. Para que quererá ela aprender botânica?

DONA CECÍLIA*(Entrando)* Helena! *(Dona Leonor volta-se.)* Ah! É titia.

DONA LEONOR

Sou eu.

DONA CECÍLIA

Onde está Helena?

DONA LEONORNão sei, talvez lá em cima. (*Dona Cecília dirige-se para o fundo.*) Aonde vais?...**DONA CECÍLIA**

Vou...

DONA LEONOR

Acaba.

DONA CECÍLIA

Vou consertar o penteado.

DONA LEONORVem cá; conserto eu. (*Dona Cecília aproxima-se de Dona Leonor.*) Não é preciso, está excelente.

Dize-me: estás muito triste?

DONA CECÍLIA(*Muito triste*) Não, senhora, estou alegre.**DONA LEONOR**

Mas, Helena disse-me que tu...

DONA CECÍLIA

Foi gracejo.

DONA LEONOR

Não creio; tens alguma coisa que te aflige; hás de contar-me tudo.

DONA CECÍLIA

Não posso.

DONA LEONOR

Não tens confiança em mim?

DONA CECÍLIA

Oh! Toda!

DONA LEONORPois eu exijo... (*Vendo Helena, que aparece à porta do fundo, esquerda*) Ah! Chegas a propósito.**CENA XII**(*Dona Leonor, Dona Cecília, Dona Helena*)**DONA HELENA**

Para quê?

DONA LEONOR

Explica-me que história é essa que me contou o barão?

DONA CECÍLIA(*Com curiosidade*) O barão?**DONA LEONOR**

Parece que estás disposta a estudar botânica.

DONA HELENA

Estou.

DONA CECÍLIA(*Sorrindo*) Com o barão?**DONA HELENA**

Com o barão.

DONA LEONOR

Sem o meu consentimento?

DONA HELENA

Com o seu consentimento.

DONA LEONOR

Mas de que te serve estudar botânica?

DONA HELENAServe para conhecer as flores dos meus *bouquets*, para não confundir jasmíneas com rubiáceas, nem bromélias com umbelíferas.**DONA LEONOR**

Com quê?

DONA HELENA

Umbelíferas.

DONA LEONOR

Umbe...

DONA HELENA

... líferas. Umbelíferas.

DONA LEONOR

Virgem santa! E que ganhas tu com esses nomes bárbaros?

DONA HELENA

Muita coisa.

DONA CECÍLIA(*À parte*) Boa Helena! Compreendo tudo.**DONA HELENA**

O perianto, por exemplo; a senhora talvez ignore a questão do perianto... a questão das gramíneas...

DONA LEONOR

E dou graças a Deus!

DONA CECÍLIA(*Animada*) Oh! Deve ser uma questão importantíssima!**DONA LEONOR**(*Espantada*) Também tu!**DONA CECÍLIA**Só o nome! Perianto! É nome grego, titia; um delicioso nome grego. (*À parte*) Estou morta por saber do que se trata.**DONA LEONOR**

Vocês fazem-me perder o juízo! Aqui andam bruxas, decerto. Perianto de um lado, bromélias de outro; uma língua de gentios, avessa à gente cristã. Que quer dizer tudo isso?

DONA CECÍLIA

Quer dizer que a ciência é uma grande coisa e

que não há remédio senão adorar a botânica.

DONA LEONOR
Que mais?

DONA CECÍLIA
Que mais? Quer dizer que a noite de hoje há de estar deliciosa, e poderemos ir ao teatro lírico. Vamos, sim? Amanhã é o baile do conselheiro, e sábado o casamento da Júlia Marcondes. Três dias de festa! Prometo divertir-me muito, muito, muito. Estou tão contente! Ria-se, titia; ria-se e dê-me um beijo!

DONA LEONOR
Não dou, não, senhora. Minha opinião é contra a botânica, e isso mesmo vou escrever ao barão.

DONA HELENA
Reflita primeiro; basta amanhã!

DONA LEONOR
Há de ser hoje mesmo! Esta casa está ficando muito sueca: voltemos a ser brasileiros. Vou escrever ao urso. Acompanha-me, Cecília, há de contar-me o que há por aqui.

CENA XIII

(Dona Helena, Barão)

DONA HELENA
Cecília deitou tudo a perder... Não se pode fazer nada com crianças... Tanto pior para ela.
(Pausa.) Quem sabe se tanto melhor para mim? Pode ser. Aquele professor não é assaz velho, como convinha. Além disso, há nele um ar de diamante bruto, uma alma apenas coberta pela crosta científica, mas cheia de fogo e luz. Se eu viesse a arder ou cegar... *(Levanta os ombros.)* Que idéia! Não passa de um urso, como titia lhe chama, um urso com patas de rosas.

BARÃO
(Aproximando-se) Perdão, minha senhora. Ao atravessar a chácara, ia pensando no nosso acordo, e, sinto dizê-lo, mudei de resolução.

DONA HELENA
Mudou?

BARÃO
(Aproximando-se) Mudei.

DONA HELENA
Pode saber-se o motivo?

BARÃO
São três. O primeiro é o meu pouco saber... Ri-se?

DONA HELENA
De incredulidade. O segundo motivo...

BARÃO
O segundo motivo é o meu gênio áspero e despótico.

DONA HELENA
Vejamos o terceiro.

BARÃO
O terceiro é a sua idade. Vinte e um anos, não?

DONA HELENA
Vinte e dois.

BARÃO
Solteira?

DONA HELENA
Viúva.

BARÃO
Perpetuamente viúva?

DONA HELENA
Talvez.

BARÃO
Neste caso, quarto motivo: a sua viuvez perpétua.

DONA HELENA
Conclusão: todo o nosso acordo está desfeito.

BARÃO
Não digo que esteja; só por mim não o posso romper. Vossa Excelência porém avaliará as razões que lhe dou, e decidirá se ele deve ser mantido.

DONA HELENA
Suponha que respondo afirmativamente.

BARÃO
Paciência! Obedecerei.

DONA HELENA
De má vontade?

BARÃO
Não; mas com grande desconsolação.

DONA HELENA
Pois, senhor barão, não desejo violentá-lo; está livre.

BARÃO
Livre, e não menos desconsolado.

DONA HELENA
Tanto melhor!

BARÃO
Como assim?

DONA HELENA
Nada mais simples: vejo que é caprichoso e incoerente.

BARÃO
Incoerente, é verdade.

DONA HELENA
Irei procurar outro mestre.

BARÃO

Outro mestre! Não faça isso.

DONA HELENA

Por quê?

BARÃOPorque... (*Pausa.*) Vossa Excelência é inteligente o bastante para dispensar mestres.**DONA HELENA**

Quem lho disse?

BARÃO

Adivinha-se.

DONA HELENA

Bem; irei queimar os olhos nos livros.

BARÃO

Oh! Seria estragar as mais belas flores do mundo!

DONA HELENA(*Sorrindo*) Mas então nem mestres nem livros.**BARÃO**

Livros, mas aplicação moderada. A ciência não se colhe de afogadilho; é preciso penetrá-la com segurança e cautela.

DONA HELENAObrigada. (*Estendendo-lhe a mão*) E visto que me recusa as suas lições, adeus.**BARÃO**

Já?!

DONA HELENA

Pensei que queria retirar-se.

BARÃO

Queria e custa-me. Em todo o caso, não desejava sair sem que Vossa Excelência me dissesse francamente o que pensa de mim. Bem ou mal?

DONA HELENA

Bem e mal.

BARÃO

Pensa então...

DONA HELENA

Penso que é inteligente e bom, mas caprichoso e egoísta.

BARÃO

Egoísta!

DONA HELENAEm toda a força da expressão. (*Senta-se.*) Por egoísmo – científico, é verdade –, opõe-se às afeições de seu sobrinho; por egoísmo, recusa-me as suas lições. Creio que o senhor barão nasceu para mirar-se no vasto espelho da natureza, a sós consigo, longe do mundo e seus enfados. Aposto que – desculpe a indiscrição da pergunta –, aposto que nunca amou?**BARÃO**

Nunca.

DONA HELENA

De maneira que nunca uma flor teve a seus olhos outra aplicação, além do estudo?

BARÃO

Engana-se.

DONA HELENA

Sim?

BARÃO

Depositei algumas coroas de goivos no túmulo de minha mãe.

DONA HELENA

Ah!

BARÃO

Há em mim alguma coisa mais do que eu mesmo. Há a poesia das afeições por baixo da prova científica. Não a ostento, é verdade; mas sabe Vossa Excelência o que tem sido a minha vida? Um claustro. Cedo perdi o que havia mais caro: a família. Desposi a ciência, que me tem servido de alegrias, consolações e esperanças. Deixemos, porém, tão tristes memórias...

DONA HELENA

Memórias de homem; até aqui eu só via o sábio.

BARÃO

Mas o sábio reaparece e enterra o homem. Volto à vida vegetativa... se me é lícito arriscar um trocadilho em português, que eu não sei bem se o é. Pode ser que não passe de aparência. Todo eu sou aparências, minha senhora, aparências de homem, de linguagem e até de ciência...

DONA HELENA

Quer que o elogie?

BARÃO

Não; desejo que me perdoe.

DONA HELENA

Perdoar-lhe o quê?

BARÃO

A incoerência de que me acusava há pouco.

DONA HELENA

Tanto perdôo que o imito. Mudo igualmente de resolução, e dou de mão ao estudo.

BARÃO

Não faça isso!

DONA HELENA

Não lerei uma só linha de botânica, que é a mais aborrecível ciência do mundo.

BARÃO

Mas o seu talento...

DONA HELENA

Não tenho talento; tinha curiosidade.

BARÃO

É a chave do saber.

DONA HELENA

Que monta isso? A porta fica tão longe!

BARÃO

É certo, mas o caminho é de flores.

DONA HELENA

Com espinhos.

BARÃO

Eu lhe quebrarei os espinhos.

DONA HELENA

De que modo?

BARÃO

Serei seu mestre.

DONA HELENA

(Levantando-se) Não! Respeito os seus escrúpulos. Subsistem, penso eu, os motivos que alegou. Deixe-me ficar na minha ignorância.

BARÃO

É a última palavra de Vossa Excelência?

DONA HELENA

Última.

BARÃO

(Com ar de despedida) Nesse caso... aguardo as suas ordens.

DONA HELENA

Que se não esqueça de nós.

BARÃO

Crê possível que me esquecesse?

DONA HELENA

Naturalmente: um conhecimento de vinte minutos.

BARÃO

O tempo importa pouco ao caso. Não me esquecerei nunca mais destes vinte minutos, os melhores de minha vida, os primeiros que hei realmente vivido. A ciência não é tudo, minha senhora. Há alguma coisa mais, além do espírito, alguma coisa essencial ao homem, e...

DONA HELENA

Repare, senhor barão, que está falando à sua ex-discípula.

BARÃO

A minha ex-discípula tem coração, e sabe que o mundo intelectual é estreito para conter o homem todo; sabe que a vida moral é uma necessidade do ser pensante.

DONA HELENA

Não passemos da botânica à filosofia, nem tanto

à terra, nem tanto ao céu. O que o senhor barão quer dizer, em boa e mediana prosa, é que estes vinte minutos de palestra não o enfadaram de todo. Eu digo a mesma coisa. Pena é que fossem só vinte minutos, e que o senhor barão volte às suas amadas plantas; mas é força ir ter com elas, não quero tolher-lhe os passos. Adeus!
(Inclinando-se como a despedir-se.)

BARÃO

(Cumprimentando) Minha senhora! *(Caminha até a porta e pára.)* Não transporei mais esta porta?

DONA HELENA

Já a fechou por suas próprias mãos.

BARÃO

A chave está nas suas.

DONA HELENA

(Olhando para as mãos) Nas minhas?

BARÃO

(Aproximando-se) Decerto.

DONA HELENA

Não a vejo.

BARÃO

É a esperança. Dê-me a esperança de que...

DONA HELENA

(Depois de uma pausa) A esperança de que...

BARÃO

A esperança de que... a esperança de...

DONA HELENA

(Que tem tirado uma flor de um vaso) Creio que lhe será mais fácil definir esta flor.

BARÃO

Talvez.

DONA HELENA

Mas não é preciso dizer mais: adivinhei-o.

BARÃO

(Alvorçado) Adivinhou?

DONA HELENA

Adivinhei que quer a todo transe ser meu mestre.

BARÃO

(Friamente) É isso.

DONA HELENA

Aceito.

BARÃO

Obrigado.

DONA HELENA

Parece-me que ficou triste?...

BARÃO

Fiquei, pois que só adivinhou metade do meu pensamento. Não adivinhou que eu... por que o

não direi? Di-lo-ei francamente... Não adivinhou que...

DONA HELENA

Que...

BARÃO

(Depois de alguns esforços para falar) Nada... nada...

DONA LEONOR

(Dentro) Não admito!

CENA XIV

(Dona Helena, Barão, Dona Leonor, Dona Cecília)

DONA CECÍLIA

(Entrando pelo fundo com Dona Leonor) Mas titia...

DONA LEONOR

Não admito, já disse! Não te faltam casamentos. *(Vendo o barão)* Ainda aqui!

BARÃO

Ainda e sempre, minha senhora.

DONA LEONOR

Nova originalidade.

BARÃO

Oh! Não! A coisa mais vulgar do mundo. Refleti, minha senhora, e venho pedir para meu sobrinho a mão de sua encantadora sobrinha. *(Gosto de Cecília.)*

DONA LEONOR

A mão de Cecília!

DONA CECÍLIA

Que ouço!

BARÃO

O que eu lhe pedia há pouco era uma extravagância, um ato de egoísmo e violência, além de descortesia que era, e que Vossa Excelência me perdoou, atendendo à singularidade das minhas maneiras. Vejo tudo isso agora...

DONA LEONOR

Não me oponho ao casamento, se for do agrado de Cecília.

DONA CECÍLIA

(Baixo a Dona Helena) Obrigada! Foste tu...

DONA LEONOR

Vejo que o senhor barão refletiu.

BARÃO

Não foi só reflexão, foi também resolução.

DONA LEONOR

Resolução?

BARÃO

(Gravemente) Minha senhora, atrevo-me a fazer outro pedido.

DONA LEONOR

Ensinar botânica a Helena? Já me deu vinte e quatro horas para responder.

BARÃO

Peço-lhe mais do que isso; Vossa Excelência, que é, por assim dizer, irmã mais velha de sua sobrinha, pode intervir junto dela para... *(Pausa)*

DONA LEONOR

Para...

DONA HELENA

Acabo eu. O que o senhor barão deseja é a minha mão.

BARÃO

Justamente!

DONA LEONOR

(Espantada) Mas... não compreendo nada.

BARÃO

Não é preciso compreender; basta pedir.

DONA HELENA

Não basta pedir; é preciso alcançar.

BARÃO

Não alcançarei?

DONA HELENA

Dê-me três meses de reflexão.

BARÃO

Três meses é a eternidade.

DONA HELENA

Uma eternidade de noventa dias.

BARÃO

Depois dela, a felicidade ou o desespero?

DONA HELENA

(Estendendo-lhe a mão) Está nas suas mãos a escolha. *(A Dona Leonor)* Não se admire tanto, titia; tudo isto é botânica aplicada.

FIM

CAIU O MINISTÉRIO

COMÉDIA EM TRÊS ATOS

França Júnior

PERSONAGENS:

Vendedor de bilhetes de loteria
 1º Vendedor de jornais
 2º idem
 3º idem
 4º idem
 Dr. Raul Monteiro
 Ernesto
 Goularte
 Pereira
 Desembargador Anastácio Florindo Francisco
 CRIADO
 Coelho
 Bárbara Coelho, sua mulher
 Mariquinhas, sua filha
 Felicianinha
 Filomena
 Beatriz
 Filipe Flecha
 Mr. James
 Conselheiro Felício de Brito, presidente do Conselho
 Ministro da Guerra
 Ministro do Império
 Ministro de Estrangeiro
 Ministro da Justiça
 Dr. Monteirinho, ministro da Marinha
 Senador Felizardo
 Inácio
 Arruda
 Ribeiro
 Azambuja

ATO I

(O teatro representa parte da Rua do Ouvidor. Ao fundo, a redação do “Globo”, a casa imediata, a confeitaria do Castelões e o armazém vizinho. O interior destes estabelecimentos deve ser visto pelos espectadores. Ao subir o pano, a escada que comunica o pavimento inferior do escritório do “Globo” com o superior deve estar ocupada por muitos meninos, vendedores de gazetas; algumas pessoas bem vestidas conversam junto ao balcão.

Em casa do Castelões muita gente conversa e come. No armazém, grupos de moças, encostadas ao balcão, conversam e escolhem fazendas. Grande movimento na rua.)

CENA I

(Vendedor de bilhetes, 1º, 2º, 3º, 4º Vendedores de jornais, Dr. Raul Monteiro e Ernesto)

VENDEDOR DE BILHETES

Quem quer os duzentos contos? Os duzentos

contos do Ipiranga!

1º VENDEDOR DE JORNAIS

A “Gazeta da Tarde”, trazendo a queda do ministério, a lista da loteria, também trazendo a crônica parlamentar.

2º VENDEDOR

A “Gazeta de Notícias”. Traz a carta do Dr. Seabra.

3º VENDEDOR

A “Gazetinha”.

4º VENDEDOR

A “Espada de Dâmocles”, trazendo o grande escândalo da Câmara dos Deputados, a história do ministério, o movimento do porto, e também trazendo o assassinato da Rua do Senado.

3º VENDEDOR

A “Gazetinha” e o “Cruzeiro”.

DR. RAUL MONTEIRO

(Que deve estar parado à porta do “Globo” a ler os telegramas; voltando-se e vendo Ernesto, que sai do Castelões) Oh! Ernesto, como vais?

ERNESTO

Bem. E tu?

RAUL

Então? Nada ainda?

ERNESTO

Ouvi dizer agora mesmo no Bernardo que foi chamado para organizar o ministério o Faria Soares.

RAUL

Ora! Ora! O Soares partiu ontem com a família para Teresópolis.

ERNESTO

É verdade; porém disseram-me que ontem mesmo recebeu o telegrama e que desce hoje. Aí vem o Goularte.

RAUL

Homem, o Goularte deve estar bem informado.

CENA II

(Os mesmos e Goularte)

RAUL

Oh! Goularte, quem foi o chamado?

GOULARTE

O Silveira d’Assunção.

RAUL

O que estás dizendo?

GOULARTE

A pura verdade.

ERNESTO

Com os diabos! Por essa não esperava eu. Estou

aqui, estou demitido.

RAUL

Mas isso é de fonte pura?

GOULARTE

E até já está organizado o ministério.

RAUL

Quem ficou na Fazenda?

GOULARTE

O Rocha.

RAUL

E na Justiça?

GOULARTE

O Brandão. Para a Guerra entrou o Felício; para a Agricultura o Barão de Botafogo...

ERNESTO

O Barão de Botafogo?

GOULARTE

Sim, pois não o conheces! É o Ladislau Medeiros.

ERNESTO

Ah! Já sei.

GOULARTE

Para Estrangeiros o Visconde de Pedregulho; para a pasta do Império o Serzedelo...

RAUL

Misericórdia!

GOULARTE

E para a Marinha o Lucas Viriato.

RAUL

Lucas Viriato?! Quem é?

ERNESTO

Não o conheço.

GOULARTE

Eu também nunca o vi mais gordo, mas dizem que é um sujeito muito inteligente.

CENA III

(Os mesmos e Comendador Pereira)

PEREIRA

Bom dia, meus senhores. *(Aperta-lhes as mãos.)*

RAUL

Ora viva, senhor comendador.

PEREIRA

Então, já sabem?

RAUL

Acabamos de saber, agora mesmo. O presidente do Conselho é o Silveira d’Assunção.

PEREIRA

Não há tal; foi chamado, é verdade, mas não aceitou.

GOULARTE

Mas, senhor comendador, eu sei...

PEREIRA

Também eu sei que o homem esteve cinco horas em São Cristóvão, e que de lá saiu à meia-noite, sem se haver decidido coisa alguma.

RAUL

(Vendo Anastácio entrar pela direita) Ora aí está quem nos vai dar notícias frescas.

ERNESTO

Quem é?

RAUL

O Conselheiro Anastácio, que ali vem. *(Seguem para a direita e formam um grupo.)*

GOULARTE

Chama-o.

CENA IV

(Os mesmos, Anastácio e vendedores)

VENDEDOR DE BILHETES

(Que juntamente com os outros tem passado pela rua, vendendo ao povo os objetos que apregoam durante as cenas anteriores) Quem quer os duzentos contos do Ipiranga!

1º VENDEDOR

A “Gazeta da Tarde” a 40 réis.

2º VENDEDOR

A “Gazeta de Notícias”.

3º VENDEDOR

A “Gazetinha”. Traz a queda do ministério. *(Saem os vendedores.)*

RAUL

Senhor conselheiro, satisfaça-nos a curiosidade. Quem é o homem que nos vai governar?

ANASTÁCIO

Pois ainda não sabem?

GOULARTE

São tantas as versões...

ANASTÁCIO

Pensei que estivessem mais adiantados. Ora ouçam lá. *(Tira um papelinho do bolso; todos preparam-se para ouvi-lo com atenção.)* Presidente do Conselho, Visconde da Pedra Funda; ministro do Império, André Gonzaga.

GOULARTE

Bem bom, bem bom.

ANASTÁCIO

Da Marinha, Bento Antônio de Campos.

RAUL

Não conheço.

ERNESTO

Nem eu.

GOULARTE

Nem eu.

PEREIRA

Nem eu.

ANASTÁCIO

Eu também não sei quem seja. Ouvi dizer que é um sujeito dos sertões de Minas.

RAUL

É por conseguinte muito entendido em coisas de mar.

ANASTÁCIO

Ministro da Fazenda, o Barão do Bico do Papagaio.

RAUL

Para a Fazenda?!

ANASTÁCIO

Sim, senhor.

RAUL

Porém este homem nunca deu provas de si. É pouco conhecido... Nas circunstâncias em que se acha o país...

GOULARTE

Não diga isto, e aquele aparte que ele deu ao Ramiro... Lembra-se, senhor conselheiro?

ANASTÁCIO

Não.

GOULARTE

Um aparte dado na questão do Xingu.

RAUL

Era melhor que o tivessem deixado à parte. Vamos adiante.

ANASTÁCIO

Ministro da Guerra, Antônio Horta.

ERNESTO

Magnífico!

RAUL

Qual magnífico.

ANASTÁCIO

Da Agricultura, João Cesário, e fica na pasta dos Estrangeiros o presidente do Conselho.

RAUL

Lá estão pondo um telegrama na porta do “Globo”. Vamos ver o que é. *(Dirigem-se à porta do “Globo”, ao redor da qual reúnem-se todos que estão em cena, e depois retiram-se. Ernesto entra no “Globo”.)*

CENA V

(D. Bárbara Coelho e Mariquinhas)

D. BÁRBARA

(Entrando com Mariquinhas pela esquerda) Que maçada. Se eu soubesse que esta maldita rua estava hoje neste estado, não tinha saído de casa.

MARIQUINHAS

Pois olhe, mamãe, é assim que eu gosto da Rua do Ouvidor.

D. BÁRBARA

Tomara eu que já se organize o ministério, só para assim ver se o teu pai sossega. Encasquetou-se-lhe na cabeça que há de ser por força ministro.

MARIQUINHAS

E por que não, mamãe? Os outros são melhores do que ele?!

D. BÁRBARA

E vive há três dias encerrado em casa, como um verdadeiro maluco. Por mais que lhe diga: “Seu Chico, vá para a Câmara, contente-se em ser deputado, que não é pouco”, e o homem a dar-lhe. Já quando caiu o outro ministério foi a mesma coisa. Passa o dia inteiro a passear de um lado para outro; assim que ouve o ruído de um carro, ou o tropel de cavalos, corre para a janela, espreita pelas frestas da veneziana e começa a dizer-me, todo trêmulo: “É agora, é agora, Barbinha, mandaram-me chamar”. De cinco em cinco minutos pergunta ao criado: “Não há alguma carta para mim?” Que aflição de homem, Santo Deus! Aquilo já é moléstia! Parece que se ele não sair ministro desta vez, arrebenta!

MARIQUINHAS

Faz papai muito bem. Se eu fosse homem também havia de querer governar.

D. BÁRBARA

Pois se eu fosse homem acabava com Câmaras, com governo, com liberais, conservadores e republicanos e reformava este país.

CENA VI

(As mesmas e Felicianinha)

MARIQUINHAS

Gentes, D. Felicianinha por aqui!

FELICIANINHA

(Com embrulhos) É verdade. Como está, D. Bárbara? *(Aperta a mão de D. Bárbara e de Mariquinhas e beijam-se.)*

MARIQUINHAS

Como vai a Bibi? A Fifina está boa? Há muito tempo que não vejo a Cocota.

FELICIANINHA

Todos bons. Eu é que não tenho andado muito boa. Só a necessidade me faria sair hoje de casa.

D. BÁRBARA

É o mesmo que me acontece.

FELICIANINHA

Fui ao Palais-Royal experimentar um vestido, fui depois ao dentista, entrei no Godinho para ver umas fitas para o vestido da Chiquinha...

MARIQUINHAS

Nós também estivemos no Godinho. Não viu lá a Filomena Brito com a filha?

FELICIANINHA

Vi, por sinal que tanto uma como a outra estavam caiadas que era um Deus nos acuda.

D. BÁRBARA

Andam constantemente assim. E a sirigaita da filha a estropiar palavras em francês, inglês, alemão e italiano, para mostrar aos circunstantes que já esteve na Europa.

FELICIANINHA

Eu acho uma coisa tão ridícula! E o que quer dizer vestir-se a mãe igual à filha!

D. BÁRBARA

É moda cá da sua terra. Andam as velhas por aí todas pintadas, frisadas, esticadas e arrebicadas, à espera dos rapazes pelas portas dos armarinhos e das confeitarias. Cruz, credo, Santa Bárbara! Só se benzendo a gente com a mão canhota. Olhe, lá em Minas nunca vi disto e estou com cinquenta anos.

CENA VII

(D. Bárbara, Mariquinhas, Felicianinha, Filomena e Beatriz)

MARIQUINHAS

Lá vem a Filomena com a filha.

D. BÁRBARA

Olhem só que sirigaitas!

FILOMENA

(Saindo com Beatriz do armarinho do fundo) Como está, D. Bárbara? *(Cumprimentam-se todas, beijando-se.)*

D. BÁRBARA

Como está, minha amiga?

MARIQUINHAS

(Para Beatriz) Sempre bonita e interessante.

D. BÁRBARA

(Para Filomena) E a senhora cada vez mais moça.

FILOMENA

São os seus olhos.

FELICIANINHA*(Para Beatriz)* Como tem passado?**BEATRIZ**Assim, assim. *Ça va doucement*, ou, como dizem os alemães: *so-so*.**D. BÁRBARA***(Baixo a Mariquinhas)* Começa ela com a algaravia.**BEATRIZ**Não tive o prazer de vê-la no último baile do Cassino. Esteve *ravissant, esplendide*. O *high life* do Rio de Janeiro estava representado em tudo quanto possui de mais *recherché*. O salão iluminado a *giorno*, e a *last fashion* exibia os seus mais belos esplendores. *Prachtvoll, ausgezeichnet*, como dizem os alemães.**D. BÁRBARA***(Baixo a Mariquinhas)* Olha só para aquilo. *Ausgetz...* Parece que tem um pedaço de cará fervendo na boca.**FILOMENA**A Beatriz causou sensação. Não leram a descrição de sua *toilette*?**D. BÁRBARA**

Ouvi dizer alguma coisa a respeito.

FILOMENA

Pois saiu em todos os jornais, no “Globo”, na “Gazetinha”, na “Gazeta da Tarde”, na “Gazeta de Notícias”...

BEATRIZO corpinho estava *comme ci, comme ça!* A saia é que estava *ravissante!* Era toda *bouillonée*, com fitas *veill'or* e inteiramente curta.**FELICIANINHA**

Vestido curto para baile?

BEATRIZ

É a última moda.

MARIQUINHAS

Onde mandou fazê-lo?

FILOMENA

Veio da Europa.

BEATRIZ

E foi feito pelo Worth.

D. BÁRBARA*(Baixo a Mariquinhas)* Com toda a certeza foi feito em casa, com aviamentos comprados em algum armarinho muito cangueiro.**FILOMENA**

Mas não vale a pena mandar vir vestidos da

Europa. Chegam por um dinheirão, e aqui não apreciam essas coisas.

BEATRIZO que aqui apreciam é muita fita, muitas cores espantadas... enfim, *tout ce qu'il y a de camelot*.**FELICIANINHA**

Não é tanto assim.

BEATRIZ

Agora mesmo acabamos de encontrar com as filhas do Trancoso, vestidas de um modo...

FILOMENA

É verdade, vinham muito ridículas.

BEATRIZEscorridas, coitadas, que pareciam um chapéu de sol fechado. *Sapristi!***FILOMENA**

E onde é que foi a mulher do Seabra buscar aquele vestido branco todo cheio de fofinhos e crespinhos!

BEATRIZParecia que estava vestida de tripas. *C'est incroyable*.**D. BÁRBARA**

Deixe estar que na Europa também se há de ver muita coisa ridícula. Não é só aqui que...

BEATRIZ

Disto lá nunca vi; pelo menos em Paris.

D. BÁRBARA*(À parte)* Desfrutável! *(Para Mariquinhas, alto)* Menina, vamos embora, que já é tarde.**MARIQUINHAS**

Adeus, D. Beatriz.

BEATRIZ*Addio. (Beijam-se todas reciprocamente.)***FILOMENA***(Para D. Bárbara)* Apareça; sabe que sou, fui e serei sempre sua amiga.**D. BÁRBARA**

Da mesma forma. E se assim não fosse também dizia-lhe logo; eu cá sou muito franca.

FILOMENAE por isso é que a estimo e considero. *(Saem D. Bárbara, Mariquinhas e Felicianinha.)*

CENA VIII

*(Beatriz e Filomena)***BEATRIZ***(Vendo Mariquinhas)* Olhe só como vai aquele chapéu espedado no alto da cabeça.**FILOMENA**

E a mãe cada vez se veste pior. Não parece que já

tem vindo ao Rio. Viste o Dr. Raul?

BEATRIZ

Não senhora.

FILOMENA

É singular! Por que desapareceu ele lá de casa?

BEATRIZ

Não sei! Alguma intriga talvez. Sou tão infeliz...

FILOMENA

Pois olha, aquele era um excelente partido.

Moço, talentoso...

BEATRIZ

Tout a fait chique.

FILOMENA

E *tout a fait...* (*faz sinal de dinheiro*), que é o principal.

BEATRIZ

Se papai fosse chamado agora para o ministério...

CENA IX

(*As mesmas, Raul e Goularte*)

RAUL

(*Entrando do fundo com Goularte e vendo Beatriz e Filomena*) Oh! Diabo! Lá está a mulher do Conselheiro Brito com a filha... Se me descobrem estou perdido.

GOULARTE

Por quê?

RAUL

Por quê? Porque a filha namora-me, desgraçado, julga-me muito rico, e noutro dia no Cassino, caindo eu na asneira de dizer-lhe que era bela, encantadora, essas banalidades, tu sabes, que costumamos dizer às moças nos bailes, o diabinho da rapariga fez-se vermelha, abaixou os olhos e disse-me: “Sr. Dr. Raul, por que não me pede a papai?”

GOULARTE

Pois pede-lhe.

RAUL

Nessa não caio eu! É pobre como Jó, e mulher sem isso... (*sinal de dinheiro*) está se ninando. Vamos embora. (*Saem.*)

CENA X

(*Filomena, Beatriz, Mr. James e Pereira*)

FILOMENA

E Mr. James? Não me disseste que ele também...?

BEATRIZ

Faz-me a corte, é verdade; porém aquilo é pássaro bisnau, e não cai assim no laço com duas razões.

FILOMENA

Dizem que é o inglês mais rico do Rio de Janeiro.

BEATRIZ

Isto sei eu.

MR. JAMES

(*Saindo do Castelões com Pereira e vendo as duas*)

How? Mim não pode fica aqui; vai embora depressa, senhor comendador.

PEREIRA

Por quê?

MR. JAMES

Semana passada mim estar na baile da Cassino, diz àquele menina, que ele estar bonita; menina estar estúpida, e diz a mim: “How? Por que você não me pede a papai?”

PEREIRA

Bravo! E por que não se casa com ela?

MR. JAMES

Oh! No; mim não estar vem a Brasil p’ra casa. Mim vem aqui p’ra faz negócia. Menina não tem dinheiro, casamento estar mal negócia. No, no, no quer. Eu vai embora. (*Sai para um lado, e Pereira para outro.*)

FILOMENA

(*Tirando uma carteirinha do bolso*) Vejamos o que há ainda a fazer.

BEATRIZ

Vamos à Notre-Dame ver os colarinhos e ao *Boulevard* do Manuel Ribeiro.

FILOMENA

É verdade; vamos lá. (*Saem.*)

CENA XI

(*Ernesto e Filipe Flecha*)

FILIFE

(*Saindo do armarinho com uma caixa de papelão debaixo do braço, a Ernesto, que sai do “Globo”*) Sr. Ernesto, vê aquela mulher?

ERNESTO

Qual delas? Uma é a senhora do Conselheiro Brito, a outra é a filha.

FILIFE

Aquela mulher é a minha desgraça.

ERNESTO

Quem?... A filha?

FILIFE

Ela sim! Por causa dela já não durmo, já não como, já não bebo. Vi-a pela primeira vez, há uma semana no Castelões. Comia uma empada! Com que graça ela segurava a apetitosa iguaria

entre o fura-bolo e o mata-piolho, assim olhe. (*Imita.*) Vê-la e perder a cabeça foi obra de um momento.

ERNESTO

Mas, desventurado, não sabes...?

FILIFE

Já sei o que vai dizer-me. Que sou um simples caixeiro de armarinho e que não posso aspirar à mão daquele anjo. Mas dentro do peito deste caixeiro pulsa um coração de poeta. Não pode imaginar as torturas por que tenho passado desde o instante em que a vi... Vi-a pela primeira vez no Castelões...

ERNESTO

Comia uma empada. Já me disseste.

FILIFE

Mas o que ainda não lhe disse é que por causa dela tenho chuchado as maiores descomposturas dos patrões, e que eu um belo dia ficarei na rua a tocar leques com bandurras. A sua imagem não me sai um só instante da cabeça. Estou no armarinho; se me encomendam linha, dou marcas de lamparinas; se gritam retrós preto, trago sabonetes; a um velho que me pediu ontem suspensórios, meti-lhe nas mãos uma bisnaga! O homem gritou, o patrão chamou-me de burro, os fregueses tomaram pagode comigo. Estou desmoralizado.

ERNESTO

Está bom, já sei.

FILIFE

Não pode saber, seu Ernesto.

ERNESTO

Olha, se o patrão te vê de lá a conversar aqui, estás arranjado.

FILIFE

Noutro dia à noite, quando os outros caixeiros dormiam, eu levantei-me, acendi a vela, e escrevi um soneto. (*Tira um papel do bolso e lê.*) Ouça só o princípio.

Quando te vejo radiante e bela,
Por entre rendas, filós e escumilha
Meu coração ardente se humilha,
E minha alma murmura: é ela!

ERNESTO

Magnífico! Está muito bom.

FILIFE

Mandei-o para a "Gazetinha". Pois querem saber o que fizeram? (*Tirando a "Gazetinha" do bolso e mostrando*) Leia. É aqui na Correspondência.

ERNESTO

(*Lendo*) "Sr. F. F."

FILIFE

Filipe Flecha, sou eu.

ERNESTO

"Os seus versos cheiram a metro e a balcão; o poeta não passa talvez de um caixeiro de armarinho." (*Rindo*) É boa! É boa!

FILIFE

O maldito filó e a escumilha comprometeram-me. Não leio mais este papelucho. (*Sobe.*) Lá está ela parada à porta do Farani.

CENA XII

(*Os mesmos, 1º Vendedor, 2º Vendedor, 3º Vendedor, 4º Vendedor, saindo do "Globo"*)

1º VENDEDOR

O "Globo" da tarde a 40 réis.

2º VENDEDOR

O "Globo", trazendo o ministério e a lista da loteria.

3º VENDEDOR

O "Globo".

4º VENDEDOR

O "Globo" a 40 réis.

ERNESTO

Vejamos se já há alguma coisa de novo. (*Compra. Para Filipe*) Não queres saber quem foi chamado para o ministério?

FILIFE

Que me importa o ministério? O meu ministério é ela! Olha, quando a vi pela primeira vez foi no Castelões. Ela comia...

ERNESTO

Uma empada, com os diabos, já sei; não me amoles. (*Sai.*)

CENA XIII

(*Filipe e Vendedor de Bilhetes*)

VENDEDOR DE BILHETES

A sorte grande do Ipiranga!... Quem quer os duzentos contos!

FILIFE

Oh! Como te amo!

VENDEDOR DE BILHETES

(*Para Filipe*) Não quer os duzentos contos?

FILIFE

Deixa-me.

VENDEDOR DE BILHETES

Fique com este número que é o último.

FILIFE

Não quero.

VENDEDOR DE BILHETES

Eu tenho um palpite de que o senhor apanha a taluda.

FILIFE

Homem, vá embora.

VENDEDOR DE BILHETES

Veja só o número.

FILIFE*(À parte)* Quem sabe se não está aqui a minha felicidade?!**VENDEDOR DE BILHETES**

Então, não se tenta?

FILIFE*(À parte, tirando o dinheiro do bolso)* Lá se vão os últimos vinte e cinco mil réis que me restam do ordenado deste mês. *(Alto)* Tome. Não quero ver o número. *(Sai o vendedor.)* Lá seguiu ela para a Rua dos Ourives. *(Sai correndo.)***CENA XIV***(Mr. James e Raul)***RAUL***(Saindo da direita e lendo o "Globo")* "À hora em que entrou a nossa folha para o prelo, ainda não se sabia..." *(Continua a ler baixo.)***MR. JAMES***(Que vem lendo também o "Globo", entrando pelo outro lado)* "Os últimos telegramas da Europa anunciam..." *(Continua a ler baixo, encontrando-se com Raul.)***RAUL**

Oh! Mr. James! Como está?

MR. JAMES

How! Sr. Raul, como tem passada?

RAUL

Então sabe já alguma coisa acerca do ministério?

MR. JAMES

Não estar lá bem informada. É difícil esta crise. Neste país tem duas coisas que não estar bom; é criadas e ministéria. Criadas não quer pára em casa, e ministéria dura três, quatro meses, bumba! Vai em terra. Brasileira não pode suporta governo muito tempa. Quando ministra começa a faz alguma coisa, tudo grita: "No presta, homem estar estúpida, homem estar tratanta..."

RAUL

Infelizmente é a pura verdade.

MR. JAMES

Quando outra sobe diz mesma coisa, muda presidenta de província, subdelegada, inspetor de quartirão, e país, em vez de anda, estar sempre parada.

RAUL

A verdade nua e crua.

MR. JAMES

Você escusa, se mim diz isto. Tudo quanto faz neste terra não é p'ra inglês ver?

RAUL

Assim dizem.

MR. JAMES

Pois então mim estar inglês, mim estar na direita de faz crítica do Brasil.

RAUL

A maldita política é que tem sido sempre a nossa desgraça.

MR. JAMESOh! *Yes*. Vem liberal, faz coise boe, vem conservador desmanche coise boe de liberal.**RAUL**

E vice-versa.

MR. JAMESOh! *Yes*.**RAUL**

E os republicanos?

MR. JAMESHow! Não fala em republicanas. Estar gente toda *very good*. Mas mim não gosta de republicana que faz barulha no meio da rua; governo dá emprega e republicana cala sua boca.**RAUL**

Mas no número destes que calam a boca com empregos não se compreendem os republicanos evolucionistas; aqueles que, como eu, querem o ideal dos governos sem sangue derramado, sem comçoções sociais...

MR. JAMES

Oh! Republicana evolucionista estar a primeira de todos republicanas. Espera de braço cruzado que república aparece; e enquanto república não aparece, republicana estar ministra, deputada, senador, conselheira, tuda. Republicana evolucionista estar partida que tem por partida tira partida de todas as partidas.

RAUL

Não é nos partidos que está o nosso mal.

MR. JAMESSua mal de vocês está no língua. Brasileira fala muito, faz discursa *very beautiful*, mas país não

anda p'ra adiante com discursa.

RAUL
Tem razão.

MR. JAMES
País precisa de braças, de comércio, de indústria, de estradas de ferro...

RAUL
É verdade, e a sua estrada para o Corcovado?

MR. JAMES
Mim estar em ajuste com companhia. Mas quando pretende compra estrada e que tem promessa de governa para privilégia, maldita governa cai, e mim deixa de ganha muita dinheira.

RAUL
Mas pode obter o privilégio com esta gente.

MR. JAMES
Oh! *Yes!* Para alcança privilégio em que ganha dinheira mim faz tudo, tudo.

RAUL
Se eu pudesse alcançar também...

MR. JAMES
Uma privilégia?

RAUL
Não; contento-me com um emprego.

MR. JAMES
Mas você estar republicana evolucionista, pode alcança. Estrada p'ra Corcovado vai felicita muito Rio de Janeiro.

RAUL
Dizem que o seu sistema é diverso da empresa atual?

MR. JAMES
Oh! *Yes!*

RAUL
Como pretende subir?

MR. JAMES
É um segredo, que você depois há de sabe. Se mim não alcança privilégio estar perdida!

RAUL
Por quê?

MR. JAMES
Porque já tem empata muito dinheira, e agora é preciso ganha.

RAUL
Só eu não acho também em que ganhar dinheiro.

MR. JAMES
Você não estar rico?

RAUL
Assim dizem; mas só eu sei as linhas com que

me caso. No Rio de Janeiro, quando um sujeito possui cinquenta contos, dizem todos, tem trezentos!

CENA XV
(Os mesmos e Filipe)

FILIFE
Sumiu-se pela Rua dos Ourives. Não pude mais vê-la. Não há remédio senão levar esta caixa ao seu destino.

CENA XVI
(Filipe, Mr. James, Raul, Ernesto e Goularte)

ERNESTO
(Correndo) Até que afinal.

FILIFE
O que é?

ERNESTO
Foi chamado...

GOULARTE
O Conselheiro Felício de Brito!

RAUL
O pai da Beatriz de Brito?

ERNESTO
Isso mesmo.

FILIFE
Magnífico! Magnífico! Magnífico!

MR. JAMES
Conselheira de Brito, que estar pai de Sra. Beatriz?

ERNESTO
Yes.

MR. JAMES
(Sorrindo, à parte) How!

FILIFE
(À parte) O pai dela!

RAUL
Mas esta notícia é verdadeira?

ERNESTO
Está à porta de todos os jornais. Na "Gazetinha", na "Gazeta de Notícias"...

GOULARTE
Na "Gazeta da Tarde", no "Cruzeiro"... no "Jornal do Comércio"...

RAUL
Lá estão pregando um papel no "Globo".
(Reúnem-se todos junto ao "Globo", menos Raul, Filipe e Mr. James, que ficam no proscênio.)

RAUL
(À parte) Beatriz julga-me rico, ofereço-lhe a

mão, que aliás ela já pediu, e apanho um emprego.

MR. JAMES

(*À parte*) Filha de presidenta de Conselha estar apaixonada por mim; mim com certeza apanha privilégia.

FILIFE

(*À parte*) Eu amo-a, adoro-a cada vez mais. Ah! Que se eu apanho a sorte grande!!

RAUL

Está chovendo. (*Abre o chapéu-de-chuva.*)

MR. JAMES

É verdade. (*Abre o guarda-chuva. Todos abrem guarda-chuvas, menos Filife.*)

FILIFE

(*À parte*) Lá vem ela!

RAUL

(*À parte*) Ela!

MR. JAMES

(*Vendo Beatriz*) How! (*Ao entrar em cena Beatriz, acompanhada de Filomena, Raul dá-lhe o braço e cobre-a com o chapéu, Mr. James dá o braço a Filomena e cobre-a.*)

RAUL

Dou-lhe os meus sinceros parabéns.

MR. JAMES

Minhas felicitações.

FILOMENA

Obrigada.

FILIFE

(*Tomando os embrulhos de Filomena e Beatriz*)
Façam o favor, minhas senhoras.

BEATRIZ

Não se incomode.

FILIFE

(*À parte*) Que mão, Santo Deus! Estou aqui, estou-lhe em casa.

ATO II

(*Sala elegantemente mobiliada. Portas ao fundo e laterais.*)

CENA I

(*Ernesto e Filife*)

ERNESTO

(*Entrando, a Filife, que deve estar tomando notas em uma pequena carteira*) Filife?! Por aqui?!

FILIFE

E então?

ERNESTO

És também pretendente?

FILIFE

Não; sou repórter.

ERNESTO

Repórter?

FILIFE

É verdade. O amor ou é a minha perdição ou há de ser talvez a causa da minha felicidade. Venho aqui todos os dias, extasio-me diante daquelas formas divinas... Olhe, quando a vi pela primeira vez foi no Castelões, ela...

ERNESTO

Comia uma empada.

FILIFE

Ah! Já lhe disse?

ERNESTO

Milhares de vezes; já sei esta história de cor e salteado. Mas como diabo te fizeste repórter?

FILIFE

Desde o dia em que tive a felicidade de encontrar essa mulher na estrada sinuosa, espinhosa, lacrimosa da existência, tornei-me completamente outro homem. A atmosfera do armarinho pesava-me, o balcão acachapava-me, o metro desmoralizava-me, e a idéia de ter um patrão encafifava-me... Eu sentia dentro de mim um não sei quê que me dizia: "Filife Flecha, tu não nasceste para vender agulhas, alfazema e lamparinas marca de pau, ergue a cabeça..."

ERNESTO

E ergueste-a.

FILIFE

Não, abaixei-a para evitar um cascudo que o patrão pretendia dar-me em um belo dia em que estava a olhar para a rua, em vez de servir as freguesas, e não voltei mais à loja. Achando-me só, sem emprego, disse com os meus botões: "É preciso que eu faça alguma coisa". Escrever para o público, ver o meu nome em letra redonda, o senhor sabe, foi sempre a minha cachaça. Fiz-me repórter, nas horas vagas escrevo versos, e daqui para jornalista é um pulo.

ERNESTO

És mais feliz do que eu.

FILIFE

Por quê?

ERNESTO

Porque não pretendes sentar-te a uma grande mesa que há neste país, chamada do orçamento, e onde, com bem raras exceções, todos têm o seu

talher. Nesta mesa uns banqueteiavam-se, outros comem, outros apenas lambiscam. E é para lambiscar um bocadinho que venho procurar o ministro.

FILIFE

Ele não deve tardar.

ERNESTO

Fui classificado em primeiro lugar no último concurso da secretaria.

FILIFE

Então está com certeza nomeado.

ERNESTO

Se a isso não se opuser um senhor de baração e cutelo, chamado empenho, que tudo ata e desata nesta terra, e a quem até os mais poderosos curvam a cabeça.

FILIFE

Aí vem o ministro.

CENA II

(*Os mesmos, Conselheiro Felício de Brito*)

ERNESTO

(*Cumprimentando*) Às ordens de V. Ex.^a.

FILIFE

(*Cumprimentando*) Excelentíssimo.

BRITO

O que desejam?

ERNESTO

Vinha trazer esta carta para V. Ex.^a e implorar-lhe a sua valiosa proteção.

BRITO

(*Depois de ler a carta*) Sim, senhor. Diga ao senhor senador que hei de fazer todo o possível. Vá descansado.

ERNESTO

Eu tenho a observar a S. Ex.^a...

BRITO

Já sei, já sei.

ERNESTO

Que fui classificado em primeiro lugar.

BRITO

Já sei, já sei. Vá. (*Ernesto cumprimenta e sai. A Filife, que deve estar a fazer muitos cumprimentos*) O que quer? Ah! É o senhor?

FILIFE

Humilíssimo servo de S. Ex.^a. Desejava saber se já há alguma coisa de definitivo.

BRITO

Pode dizer na sua folha que hoje mesmo deve ficar preenchida a pasta da Marinha; que o

governo tem lutado com dificuldades... Não, não diga isto.

FILIFE

E essas dificuldades devem ter sido bem grandes; porque há quinze dias que o ministério está organizado, e ainda não se pôde achar um ministro para a Marinha.

BRITO

O verdadeiro é não dizer nada. Venha cá logo, e comunicar-lhe-ei então tudo o que houver ocorrido.

FILIFE

(*À parte*) Onde está ela?

BRITO

Vá, vá, venha logo.

FILIFE

(*À parte*) Se eu pudesse vê-la. (*Alto*) Excelentíssimo. (*Cumprimenta e sai.*)

CENA III

(*Brito, Filomena e Beatriz*)

BRITO

(*Toca a campainha; aparece um criado*) Não deixe ninguém entrar nesta sala. (*O criado inclina-se.*)

FILOMENA

(*Que entra com Beatriz, pela esquerda*) E as minhas visitas?

BEATRIZ

E as minhas, papai? *Voyons. Ça ne se fait pas.*

BRITO

Porém, minha querida Beatriz, espero aqui os meus colegas, temos que tratar de negócios do Estado, que são negócios muito sérios...

BEATRIZ

Ça ne fait rien.

FILOMENA

Ao menos dê ordem para que deixem entrar Mr. James.

BEATRIZ

E o Sr. Raul também.

BRITO

Valha-me Deus! Vocês alcançam de mim tudo o que querem. (*Para o criado*) Quando o Sr. James e o Sr. Raul chegarem, manda-os entrar. (*O criado cumprimenta e sai.*) Estão satisfeitas?

BEATRIZ

I love you, meu querido papai.

FILOMENA

(*Reparando a sala*) E então? A sala já não parece a mesma!

BEATRIZ

As cortinas estão *assorti* com a mobília. Mas este tapete é um escarro.

FILOMENA

É verdade. Felício, precisamos comprar um tapete. Vi ontem um muito bonito no Costrejan.

BRITO

Não compro mais coisa alguma, minha senhora. A senhora pensa porventura que eu aceitei esta prebenda para ainda em cima arruinar-me?

FILOMENA

Quando se está em certa posição, não se deve fazer figura ridícula.

BEATRIZ

Noblesse oblige, papai.

FILOMENA

Não sei o que quer dizer, ser ministro é andar de bonde como os outros, ter uma casa modestamente mobiliada como os outros, não receber, não dar bailes, não dar jantares, como os outros, vestir-se como os outros...

BEATRIZ

É verdade. *C'est ridicule*.

BRITO

Mas, minhas filhas, não há ninguém por aí que não saiba que tenho poucos recursos, que vivo apenas dos meus ordenados. A vida de um homem de Estado é devassada e esmerilhada por todos, desde os mais ínfimos até os mais elevados representantes da escala social. O que dirão se me virem amanhã ostentando um luxo incompatível com os meus haveres?

FILOMENA

Se a gente for dar satisfações a tudo o que dizem...

BRITO

E olha que aqui não se cochila para dizer que um ministro é ladrão. O que mais querem vocês de mim? Já obrigaram-me a alugar esta casa em Botafogo...

FILOMENA

Devíamos ficar morando em Catumbi?

BRITO

E o que tem Catumbi?

BEATRIZ

Ora, papai.

BRITO

Sim, o que tem?

BEATRIZ

Não é um bairro como *il faut*.

BRITO

Obrigam-me a assinar o Teatro Lírico e... camarote.

FILOMENA

Está visto. Havia de ser interessante ver a família do presidente do Conselho sentada nas cadeiras...

BEATRIZ

Como qualquer Sinhá Ritinha da Prainha ou da Gamboa... *Dieu m'en garde!* Eu preferia lá não ir.

BRITO

Obrigaram-me mais a ter criados estrangeiros de casaca e gravata branca, quando eu podia perfeitamente arranjar a festa com o Paulo, o Zebedeu e a Maria Angélica.

BEATRIZ

Pois não, são frescos, sobretudo o Zebedeu. No outro dia, à mesa de jantar, mamãe disse-lhe: "Vá buscar lá dentro uma garrafa de vinho do Porto, mas tome cuidado, não a sacuda". Quando chegou com a garrafa, mamãe perguntou-lhe: "Sacudiu?" "Não senhora", diz ele, "mas vou sacudir agora." E começou, zás, zás, zás. (*Faz menção de quem sacode.*) *Quel imbecil!* Aquilo é que os alemães chamam *ein Schapskopf!*

BRITO

Até a minha roupa vocês querem reformar.

FILOMENA

Com franqueza, Felício, a tua sobrecasaca já estava muito sebosa!

BEATRIZ

Papai quer fazer a mesma figura que faz o ministro do Império?

BRITO

É um homem muito inteligente. Tem um grande tino administrativo.

BEATRIZ

Tem, sim, senhor; mas era melhor que ele tivesse um *paletot* na razão direta da inteligência. E depois, como come, Santo Deus! Segura na faca assim, olhe (*mostra*), e mete-a na boca até ao cabo, toda atulhada de comida. *Shoking!*

BRITO

Em compensação o ministro de Estrangeiros...

BEATRIZ

É o melhorzinho deles. Mas não sabe línguas.

BRITO

Estás enganada, fala muito bem francês.

BEATRIZ

Muito bem, muito bem, lá para que digamos não senhor. Diz *monsiù*, *negligè*, *bordó*, e outros que tais.

BRITO

Enfim, há quinze dias apenas que subi ao poder

e já estou cheio de dívidas!

FILOMENA

Não é tanto assim.

BRITO

Só ao compadre Bastos devo dez contos de réis.

FILOMENA

E se não fosse ele, estaríamos representando um papel bem triste.

BEATRIZ

Não poderíamos receber às quintas feiras o *high life* do Rio de Janeiro.

BRITO

Sim, esse *high life* que aqui vem dançar o *cotillon*, ouvir boa música, saborear-me os vinhos; e que abandonar-me-á com a mesma facilidade com que hoje me adula no dia em que eu não puder mais dispor dos empregos públicos.

BEATRIZ

Papai não tem razão.

BRITO

Pois bem, minha filha, quer tenha ou não razão, só te peço uma coisa, e faço igual pedido à tua mãe. Não exijam de mim impossíveis. Vocês sabem que nada lhes posso negar. (*Tirando o relógio e vendo as horas*) Os meus companheiros não tardam. Vou ao meu gabinete; já volto.

CENA IV

(*Filomena, Beatriz e Mr. James*)

BEATRIZ

(*Sentando-se e lendo um livro, que deve trazer na mão*) É muito bem escrito este romance de Manzoni.

FILOMENA

Um tapete novo aqui deve fazer um vistão. Não achas?

MR. JAMES

(*Com um rolo debaixo do braço*) Mim pode entra?

FILOMENA

Oh! Mr. James!

MR. JAMES

Como está, senhora? (*Para Beatriz*) Vosmecê vai bem?

FILOMENA

Pensei que não viesse.

MR. JAMES

Oh! Mim dá palavra que vem, mim não falta sua palavra.

BEATRIZ

Assim deve ser.

FILOMENA

Trouxe os seus papéis?

MR. JAMES

Oh! *Yes*.

BEATRIZ

O seu projeto é a *great attraction* do dia.

MR. JAMES

Projeto estar muita grandiosa. (*Desenrola o papel e mostra.*) Carros sai daqui de Cosme Velha e sobe Corcovada em vinte minutos.

BEATRIZ

E estes cachorros que estão aqui pintados?

MR. JAMES

Senhoras não entende deste coisa: mim fala com pai de vosmecê, explica o que é todos esses cachorras.

FILOMENA

Tudo quanto temos de bom devemos aos senhores estrangeiros.

BEATRIZ

C'est vrai. Os brasileiros, com raras exceções, não se ocupam dessas coisas.

MR. JAMES

Brasileira estar muito inteligente; mas estar também muito preguiça. Passa vida no Rua do Ouvidor e fala de política, pensa só de política de manhã até à noite. Brasileira quer estar deputada, juiz de paz, vereador... Vereador ganha dinheiro?

FILOMENA

Não, senhor, é um cargo gratuito.

MR. JAMES

Então mim não sabe como tudo quer ser vereador. Senhora já falar com sua marida a respeito de minha projeto?

FILOMENA

Não, senhor, mais hei de falar-lhe.

MR. JAMES

Sua marida estar engenheira ou agricultor?

BEATRIZ

Papai é doutor em Direito.

MR. JAMES

E ministra de Império?

BEATRIZ

Também doutor em Direito.

MR. JAMES

Ministra d'Estrangeiras?

FILOMENA

Doutor em Direito.

MR. JAMES

How! Toda ministéria estar doutor em direita?

BEATRIZ

Sim, senhor.

MR. JAMES

Na escola de doutor em direita estuda marinha, aprende planta batatas e café, e sabe todas essas coisas de guerra?

FILOMENA

Não, senhor.

BEATRIZ

Estudam-se leis.

MR. JAMESNo Brasil estar tudo doutor em direita. País no indireita assim. Mim não sabe se estar incomodando senhora. (*Sentam-se.*)**BEATRIZ**

Oh! O senhor nunca nos incomoda, dá-nos sempre muito prazer.

MR. JAMESPois mim tem também muito prazer em conversar com vosmecê. (*Para Beatriz*) Pois eu gosta muito de brasileiras.**BEATRIZ**Mas as inglesas são *very beautiful*. Eu vi em Londres, no Hyde Park, verdadeiras formosuras.**MR. JAMES**Oh! *Yes*. Inglesas estar muito bonitas, mas brasileiras têm mais... têm mais... Como chama este palavra... Eu tem no ponta da língua... Brasileira tem mais pasquim.**FILOMENA**

Pasquim?

MR. JAMES

No, no, como chama este graça de brasileira?

BEATRIZ

Ah! Quindins.

MR. JAMESOh! *Yes, very well*. Quindins.**FILOMENA**

Muito bem, Mr. James. Falta agora que o senhor confirme o que acaba de dizer casando-se com uma brasileira.

MR. JAMES

Mim no pode casa, por ora, porque só tem cinquenta mil libras esterlinas; mas se mim arranja este privilégia, dá palavra que fica em Brasil e casa com brasileira.

FILOMENA

Pelo que vejo já está enfeitado pelos

quindins de alguma?

MR. JAMESNão duvida, senhora, e crê que feitiça não estar muito longe daqui. (*Olha significativamente para Beatriz.*)**BEATRIZ**(*À parte*) Isto eu já sabia.**FILOMENA**(*À parte*) É a sorte grande!**CENA V**(*Os mesmos e Brito*)**BRITO**(*Vendo o relógio*) Ainda nada. Oh! Mr. James. Como está?**MR. JAMES**Criada de V. Ex.^a. (*Conversa com Beatriz.*)**FILOMENA**(*Levando Brito para um lado*) Este inglês possui uma fortuna de mais de quinhentos contos, parece gostar de Beatriz... Se nós soubermos levá-lo, poderemos fazer a felicidade da menina.**BRITO**

E o que queres que faça?

FILOMENA

Que lhe concedas o privilégio que pede.

BRITO

Mas, senhora, estas questões não dependem só de mim. Eu não quero comprometer-me.

FILOMENA

Então para que te serve ser presidente do Conselho?

BRITO

Mas eu não posso nem devo dispor das coisas do Estado para arranjos de família. A senhora já me endividou e quer agora desacreditar-me.

FILOMENA

Pois isto há de se fazer. Mr. James, meu marido, quer conversar com o senhor a respeito do seu negócio.

BRITO

Estarei às suas ordens, Mr. James, porém um pouco mais tarde. Espero os meus colegas...

MR. JAMESA que horas mim pode procurar V. Ex.^a?**BRITO**

Às duas horas.

MR. JAMESAté logo. (*Cumprimenta e sai.*)

CENA VI

(*Os mesmos, menos Mr. James*)

BRITO

A senhora ainda há de comprometer-me. (*Sai.*)

FILOMENA

Dizem todos que é um projeto grandioso.

BEATRIZ

Vou acabar a leitura deste romance.

FILOMENA

Eu vou dar as ordens para a partida desta noite.

CENA VII

(*D. Bárbara, Criado e o Desembargador Francisco Coelho*)

CRIADO

S. Ex.^a não está em casa.

COELHO

Quero falar com as senhoras. Aqui tem o meu cartão. (*Criado cumprimenta e sai.*)

D. BÁRBARA

Está em casa com toda a certeza; mas negou-se.

COELHO

Isto sei eu, e por isso é que entrei.

D. BÁRBARA

Eu não devia vir. Estas sirigaitas aborrecem-me extraordinariamente.

COELHO

Mas, minha filha, tu pensas que em política a gente sobe unicamente por seus belos olhos? Não sou rico, já estou velho, não tenho pai alcaide, se deixar fugir as ocasiões, quando serei ministro?

D. BÁRBARA

E para que você quer ser ministro, seu Chico?

COELHO

Ora, tens às vezes certas perguntas! Para quê? Para governar, para fazer o que os outros fazem.

D. BÁRBARA

Você não tem sabido governar a fazenda e quer governar o Estado!

COELHO

A senhora não entende destas coisas.

D. BÁRBARA

Ora, diga cá! Suponha que você é nomeado ministro.

COELHO

Sim senhora.

D. BÁRBARA

Perde a cadeira na Câmara. Tem de sujeitar-se a uma nova eleição...

COELHO

E o que tem isto?

D. BÁRBARA

O que tem?! É que se você cair nesta asneira, seu Chico, toma uma derrota, tão certo como eu chamar-me Bárbara Benvinda da Purificação Coelho.

COELHO

Eu, ministro, derrotado?

D. BÁRBARA

E por que não? Você é melhor do que os outros?

CENA VIII

(*Os mesmos, Raul, Beatriz e Filomena*)

RAUL

Senhor desembargador.

COELHO

Senhor doutor.

RAUL

Minha senhora.

FILOMENA

Fiz-lhe esperar muito?

BEATRIZ

(*Para Raul*) Não sabia que estava também aqui.

COELHO

O conselheiro não está em casa?

FILOMENA

Está no seu gabinete.

D. BÁRBARA

(*Baixo*) O que te dizia eu?

FILOMENA

Quer falar-lhe?

COELHO

Se fosse possível...

FILOMENA

Entre.

COELHO

Com licença. (*Sai.*)

CENA IX

(*Raul, Beatriz, D. Bárbara e Filomena*)

D. BÁRBARA

Como vão os seus pequenos?

FILOMENA

O Chiquinho vai bem; a Rosinha é que tem passado mal.

BEATRIZ

(*A Raul*) Por que não tem aparecido?

RAUL

Sabe que o meu desejo era viver sempre a seu lado.

BEATRIZ

Está nas suas mãos.

RAUL

Se fosse possível...

D. BÁRBARA

Quem sabe se ela não sofre de vermes?

FILOMENA

O próprio médico não sabe o que é. Sente umas coisas que sobem e descem; às vezes fica meio apatetada.

D. BÁRBARA

Querem ver que é mau-olhado!

FILOMENA

Ora, a senhora acredita nessas coisas?!

D. BÁRBARA

É porque a senhora ainda não viu o que eu presenciei com estes olhos que a terra há de comer.

FILOMENA

Ah! Ah! Ah! O senhor crê em mau-olhado, Sr. Raul?

RAULNão, minha senhora, apenas no bom olhado de uns olhos feiticeiros. *(Olha para Beatriz significativamente.)***D. BÁRBARA**

Pois eu vi lá em Minas uma criatura que estava bem atacada. E em dez minutos ficou boa.

FILOMENA

Com a homeopatia?

D. BÁRBARA

Com uma oração.

FILOMENA

Ah! E como é esta oração?!

D. BÁRBARA

A mulher chamava-se Francisca. Molharam um ramo de arruda em água benta e rezaram-lhe o seguinte: "Francisca, se tens mau-olhado, ou olhos atravessados, eu te benzo em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Deus te olhe e Deus te descolhe, e Deus te tire esse mau-olhado, que entre a carne e os ossos tens criado; que saia do tutano e vá para os ossos, que saia dos ossos e vá para a carne, que saia da carne e vá para a pele e que daí saia e vá para o rio Jordão, onde não faça mal a nenhum cristão". É infalível. Experimente.

BEATRIZ*(Baixo a Raul) Quelle bêtise.***RAUL**

Não acredita na influência dos olhos?

BEATRIZ

Sim, mas não creio na eficácia daquelas orações.

RAUL

E sabe ler neles?

BEATRIZ*Quelque chose.***RAUL**

O que lhe dizem os meus?

BEATRIZ

Que o senhor é um grande bandoleiro.

RAUL

Não, não é isto o que eles dizem.

BEATRIZO que dizem então? *Voyons.***RAUL**

Que aqui dentro há um coração que pulsa pela senhora e só para a senhora.

BEATRIZ*No lo credo.***RAUL**

D. Beatriz, se estivesse em condições de fazê-la feliz, hoje mesmo dirigia-me a seu pai e pedia-lhe o que mais ambiciono neste mundo - a sua mão.

BEATRIZ

E o que lhe falta para tornar-me feliz?

RAUL

Uma posição social.

BEATRIZ

O senhor não é bacharel em Direito?

RAUL

É verdade.

BEATRIZ*Alors...***RAUL**

Porém, se o ser bacharel em Direito fosse um emprego, haveria muito pouca gente desempregada no Brasil. Seu pai está hoje no governo, poderia lançar as suas vistas sobre mim... Como seríamos felizes um ao lado do outro.

BEATRIZ

Eu vou falar com mamãe. Comunicar-lhe-ei as suas intenções a meu respeito, e dar-lhe-ei a resposta.

RAUL

Advogue bem a minha causa, ou antes a nossa causa.

BEATRIZSim. *(À parte)* E eu que o julgava desinteressado. Oh! *Les hommes! Les hommes!*

FILOMENA

Por que não veio à nossa última partida, Sr. Raul?

BEATRIZ

(*Para Raul*) Dançamos um *cotillon* que durou quase duas horas.

RAUL

Quem marcava?

BEATRIZ

O ministro da Bélgica. Oh! *Que j'aime le cotillon.*

D. BÁRBARA

O que vem a ser isto de cotião?

BEATRIZ

Uma dança arrebatadora.

CENA X

(*Os mesmos e Coelho*)

COELHO

(*Zangado*) Vamos embora.

FILOMENA

Já?!

D. BÁRBARA

(*Baixo a Coelho*) Então, o que arranjaste?

COELHO

(*Baixo*) O que arranjei?! Nada; mas ele arranjou uma oposição de arrancar couro e cabelo. Hei de mostrar-lhe o que valho. Estão aqui, estão na rua.

D. BÁRBARA

(*Baixo*) Bem feito.

COELHO

(*Baixo*) Vamos embora.

FILOMENA

(*Para Coelho e D. Bárbara, que se despedem*)

Espero que apareçam mais vezes.

COELHO

Obrigado, minha senhora. (*Saem.*)

RAUL

Há de permitir-me também...

FILOMENA

Então até a noite.

RAUL

Até a noite. (*Sai.*)

CENA XI

(*Filomena e Beatriz*)

BEATRIZ

O Sr. Raul acaba agora mesmo de pedir-me a mão.

FILOMENA

Agora mesmo?

BEATRIZ

Mas sob uma condição.

FILOMENA

Qual é?

BEATRIZ

De arranjar-lhe com o papai um emprego. Veja só a senhora o que são os homens de hoje!

FILOMENA

E que lhe respondeste?

BEATRIZ

Que havia de falar com vosmecê e que dar-lhe-ia depois a resposta.

FILOMENA

Muito bem. Não lhe digas nada por ora, enquanto não se decidir o negócio do inglês. Tenho mais fé em Mr. James. Aquilo é que se pode chamar de um bom partido.

BEATRIZ

E ele querará casar comigo?

FILOMENA

Ora, não quer ele outra coisa.

CENA XII

(*Criado, ministro da Guerra, Filomena e Beatriz*)

CRiado

(*Na porta*) S. Ex.^a o senhor ministro da Guerra.

MINISTRO DA GUERRA

Minhas senhoras. (*Cumprimenta Beatriz.*)

FILOMENA

(*Para o criado*) Vá chamar seu amo. (*O criado sai pela porta da esquerda.*)

BEATRIZ

Como está sua senhora?

MINISTRO DA GUERRA

Bem, obrigado, minha senhora.

FILOMENA

(*Despedindo-se*) Com licença. (*Sai com Beatriz.*)

CENA XIII

(*Ministro da Guerra, Ministro da Justiça, Ministro do Império, Ministro de Estrangeiros e Brito*)

BRITO

Meu caro conselheiro. Os outros colegas ainda não vieram?

MINISTRO DA GUERRA

Aí está o ministro da Justiça.

MINISTRO DA JUSTIÇA

Conselheiro...

MINISTRO DA GUERRA

E do Império. (*Entra o ministro do Império.*)

MINISTRO DA JUSTIÇA

O nosso colega de Estrangeiros aí vem.

BRITO

Ei-lo. (*Entra o ministro de Estrangeiros.*) Meus senhores, precisamos conjurar seriamente as dificuldades que nos cercam.

MINISTRO DA GUERRA

Apoiado.

BRITO

Há quinze dias apenas que subimos ao poder, e já se notam muitos claros nas fileiras da maioria.

MINISTRO DA JUSTIÇA

A oposição se engrossa a olhos vistos.

BRITO

Agora mesmo acaba de sair daqui o Desembargador Coelho. É mais um descontente que passa para o outro lado.

MINISTRO DA JUSTIÇA

O Coelho? Ainda ontem, pode-se dizer, aspirava ser o líder da maioria.

BRITO

É verdade! Porém suspira por uma pasta, e nas circunstâncias atuais não é possível.

CENA XIV

(*Os mesmos, Criado, Conselheiro Felizardo e Dr. Monteirinho*)

CRiado

(*À parte*) O senhor Conselheiro Felizardo.

BRITO

Oh! Senhor conselheiro. (*Cumprimentam-se todos.*) Esperava ansiosamente por V. Ex.^a.

FELIZARDO

Estou às ordens de V. Ex.^a.

BRITO

O seu nome, o prestígio de que goza, a sua dedicação às idéias dominantes, são títulos que muito o habilitam.

FELIZARDO

Bondade de meus correligionários.

MINISTRO DO IMPÉRIO

Pura justiça.

BRITO

Precisamos do apoio de V. Ex.^a como do ar que respiramos. A pasta da Marinha ainda está vaga...

FELIZARDO

Já estou velho...

BRITO

Não nos animamos a oferecê-la. Longe de nós semelhante pensamento! O lugar de V. Ex.^a é na presidência do Conselho.

FELIZARDO

Se V. Ex.^{as} permitem, dou um homem por mim.

MINISTRO DO IMPÉRIO

Basta ser de sua confiança...

BRITO

Para ser recebido de braços abertos.

FELIZARDO

(*Apresentando o Dr. Monteirinho*) Aqui está o homem, o Dr. Monteiro, meu sobrinho, filho de minha irmã Maria José; e que acaba de chegar da Europa, razão pela qual ainda não tomou assento na Câmara.

BRITO

(*Admirado*) Senhor doutor, folgo muito de conhecê-lo. (*Baixo à Felizardo*) Acho, porém, tão mocinho.

FELIZARDO

Formou-se o ano passado em São Paulo. (*Baixo*) Que inteligência, meu amigo!

DR. MONTEIRINHO

Saí apenas dos bancos da academia, é verdade, meus senhores; mas tenho procurado estudar com afinco todas as grandes questões sociais que se agitam atualmente. A minha pena já é conhecida no jornalismo diário e nas revistas científicas. Na polêmica, nas questões literárias, nos debates políticos, nas diversas manifestações, enfim, da atividade intelectual, tenho feito o possível por criar um nome.

FELIZARDO

(*Baixo*) É muito hábil.

BRITO

(*Baixo*) É verdade.

FELIZARDO

(*Baixo*) É um canário.

DR. MONTEIRINHO

Se não fossem as influências mesológicas assaz acanhadas em que vivem nesta terra as inteligências que procuram abrir a corola aos raios ardentes da luz, eu já teria talvez aparecido, a despeito dos meus verdes anos.

BRITO

(*Baixo a Felizardo*) Que idade tem?

FELIZARDO

Que idade tens, Cazuza?

DR. MONTEIRINHO

Vinte e dois anos.

MINISTRO DA JUSTIÇA

O Sr. Dr. Monteiro não é...

FELIZARDO

Chame-o Dr. Monteirinho. É o nome por que

ele é conhecido.

MINISTRO DA JUSTIÇA

O Dr. Monteirinho não é o autor da célebre poesia “O grito da escravidão”, que veio publicada no “Correio Paulistano”?

DR. MONTEIRINHO

É que foi transcrita em todos os jornais do Império. Um seu criado. Já cultivei a poesia em tempos que lá vão. Hoje, em vez de tanger a lira clorótica do romantismo ou dedilhar as cordas, afinadas ao sabor moderno, dos poetas realistas, leio Spencer, Schopenhauer, Bückner, Littré, todos esses grandes vultos que constituem o apostolado das sociedades modernas.

FELIZARDO

(*Baixo a Brito*) Este rapaz vai fazer um figurão no ministério.

BRITO

Creio. Terá, porém, ele a experiência dos negócios públicos?

FELIZARDO

Não lhe dê cuidado. Fica sob as minhas vistas: eu saberei guiá-lo.

DR. MONTEIRINHO

A grande naturalização é uma das questões atuais mais importantes para o Brasil.

BRITO

Podemos contar, portanto, com o apoio decidido de V. Ex.^a.

FELIZARDO

Se até aqui eu quebrava lanças por este ministério...

BRITO

Lá isso é verdade.

FELIZARDO

Imagine agora... (*Olhando para Monteirinho*) O meu Cazuzinha!

DR. MONTEIRINHO

E a questão das terras? Já leram a *Questão Irlandesa*, de Henry George? É um livro admiravelmente escrito. Um livro do futuro!

BRITO

Sr. Dr. Monteirinho, temos a honra de considerar V. Ex.^a no número dos nossos colegas.

DR. MONTEIRINHO

Oh! Senhor conselheiro.

FELIZARDO

Cazuzza, faz por seguir o caminho de teu tio. Vou correndo para casa. Que alegrão vai ter a Maria José. (*Sai.*)

CENA XV

(*Os mesmos e Mr. James, menos Felizardo*)

BRITO

Vamos para o gabinete.

MR. JAMES

(*Aparecendo na porta*) Duas horas em ponta.

BRITO

(*À parte*) Que maçada. Não me lembrava mais dele. (*Mr. James entra. Alto*) Meus senhores, apresento-lhes Mr. James, que requer um privilégio que parece ser de grande utilidade.

DR. MONTEIRINHO

Vejam.

MR. JAMES

(*Desenrolando o papel e mostrando*) Aqui tem, senhoras.

DR. MONTEIRINHO

O que vem a ser isto?

BRITO

Uma estrada especial para o Corcovado.

MR. JAMES

Maquinisma estar muito simples. Em vez de duas trilhas, ou de três trilhas, como tem sistema adotada, mim coloca uma só trilha larga, de meu invenção.

DR. MONTEIRINHO

É bitola estreita?

MR. JAMES

Oh! Estreitíssima! É bitola zero.

DR. MONTEIRINHO

E como se sustém o carro?

MR. JAMES

Perfeitamente bem.

DR. MONTEIRINHO

O sistema parece ser fácilimo.

MR. JAMES

E estar muito econômica, senhor.

MINISTRO DA JUSTIÇA

Mas não vejo máquina, vejo apenas cachorros. O que quer dizer isto?

MR. JAMES

Aí é que está tuda.

BRITO

Não compreendo. Tenha a bondade de explicar-me.

MR. JAMES

Idéia estar aqui completamente nova. Mim quer adota sistema cinófero. Quer dizer que trem sobe puxada por cachorras.

DR. MONTEIRINHO

Não era precisa a explicação. Nós todos sabemos

que cinófero vem do grego *cynos*, que quer dizer cão, e *feren*, que significa puxar, etc.

MR. JAMES

Muito bem, senhor.

DR. MONTEIRINHO

Agora o que se quer saber é como é que os cachorros puxam.

MR. JAMES

Cachorra propriamente no puxa. Roda é oca. Cachorra fica dentro de roda. Ora, cachorra dentro de roda no pode estar parada. Roda ganha impulsa, quanto mais cachorra mexe, mais a roda caminha!

DR. MONTEIRINHO

E de quantos cachorros precisa o senhor para o tráfico dos trens diários do Cosme Velho ao Corcovado?

MR. JAMES

Mim precisa de força de cinquenta cachorras por trem; mas deve muda cachorra em todas as viagens.

MINISTRO DA JUSTIÇA

Santo Deus! É preciso uma cachorrada enorme.

MR. JAMES

Mas eu aproveita todas as cachorras daqui e faz vir ainda muitas cachorras da Inglaterra.

BRITO

Mas se esses animais forem atacados de hidrofobia não há perigo para os passageiros?

DR. MONTEIRINHO

Eu entendo que não se pode conceder este privilégio, sem se ouvir primeiro a junta de higiene.

MR. JAMES

Oh! Senhor, não tem a menor periga. Se cachorra estar danada, estar muito melhor, porque faz mais esforço e trem tem mais velocidade.

BRITO

Em resumo, qual é a sua pretensão?

MR. JAMES

Mim quer privilégia para introduzir minha sistema no Brasil, e estabelecer primeira linha em Corcovada, com todas as favores de lei de Brasil para empresa de caminha de ferro.

BRITO

Mas o cachorro não está ainda classificado como motor na nossa legislação de caminhos de ferro...

DR. MONTEIRINHO

Neste caso deve levar-se a questão ao poder legislativo.

BRITO

Está bem: nós vamos ver e resolveremos como for de justiça.

MR. JAMES

Em quanto tempa decide este negócia?

DR. MONTEIRINHO

Vamos resolver.

MINISTRO DO IMPÉRIO

Tenha paciência, espere.

BRITO

Às suas ordens. (*Despede-se, os outros despedem-se de Mr. James e saem pela esquerda.*)

CENA XVI

(*Mr. James, só*)

MR. JAMES

Tem paciência, espera! Sistema de brasileira. *Time is money*. Eu fala com mulher, e arranja tuda. (*Sai.*)

CENA XVII

(*Beatriz e depois Filipe*)

BEATRIZ

Vejamos se aqui posso concluir sossegada a leitura deste romance. (*Lê.*)

FILIFE

Ela? Oh! Eu atiro-me e confesso tudo. Ora adeus! (*Tropeça em uma cadeira.*)

BEATRIZ

(*Revolvendo-se*) Quem é?

FILIFE

Filipe Flecha, um criado de V. Ex.^a. Sou repórter.

BEATRIZ

Papai está agora em conselho com os outros ministros.

FILIFE

Como é bela! (*Beatriz continua a ler.*)

BEATRIZ

(*À parte*) Este estafermo pretenderá ficar aqui. Que *bruta faccia*.

FILIFE

Eu atiro-me-lhe aos pés. Coragem! (*Encaminha-se para Beatriz.*)

BEATRIZ

Quer alguma coisa?

FILIFE

(*Tirando uma carteira*) O senhor seu pai onde nasceu, minha senhora?

BEATRIZ

No Pará.

FILIFE*(Escrevendo na carteira)* Onde formou-se?**BEATRIZ**

Em Pernambuco.

FILIFE*(Escrevendo)* Que empregos tem exercido? Que condecorações tem?**BEATRIZ**Mas para que o senhor quer saber tudo isto? Oh! *Qu'il est drole!***FILIFE**É que quando ele morrer a notícia para o jornal já está pronta. *(À parte)* Oh! Que diabo de asneira!**BEATRIZ**

O senhor está doido?

FILIFE*(Ajoelhando-se)* Sim; doido, minha senhora, doido varrido. Quando a vi pela primeira vez foi no Castelões. A senhora comia uma empada... *(Beatriz procura tocar uma campainha.)* O que vai fazer?**BEATRIZ**

Chamar alguém para pô-lo daqui para fora.

FILIFEPelo amor de Deus, não faça escândalo. *(Levantando-se)* Eu vou, eu vou, mas creia que ninguém no mundo a idolatra como eu! *(Sai olhando amorosamente para Beatriz.)***BEATRIZ**Pobre louco! Mas este ao menos não me falou em emprego nem em privilégio! *(Senta-se e continua a leitura.)*

ATO III

(Sala de espera da casa do Conselheiro Brito)

CENA I

*(Brito e Filomena)***FILOMENA**

Podias ter decidido o negócio perfeitamente sem levá-lo às Câmaras.

BRITO

Como?

FILOMENA

Como? Colocassem-me na presidência do Conselho que eu te mostraria.

BRITO

Mas, Filomena, tu não sabes que se tratava de uma espécie completamente nova, que o governo...

FILOMENA

Tanto melhor! Se a espécie era completamente nova, o governo devia resolver por si, e não abrir o mau precedente de consultar a Câmara.

BRITO

Olha, queres saber de uma coisa? Eu merecia que me vestissem uma camisola de força por me haver metido em semelhante entrosga.

FILOMENA

Ora, qual entrosga! O negócio era muito simples. Tratava-se de uma estrada para o Corcovado...

BRITO

Mas de uma estrada especial, com carros movidos por cachorros...

FILOMENA

E o que tem os cachorros?

BRITO

É que levantou-se a dúvida se o cachorro podia ser considerado motor, se a estrada estava nas condições da lei.

FILOMENA

Pois eu presidente do Conselho cortava a dúvida dizendo: "O cachorro é motor", e concedia o privilégio.

BRITO

Tu não entendes destas coisas.

FILOMENA

E o que se lucrou em consultar a Câmara? Em assanhar a oposição, e formar no seio do Parlamento dois partidos, o dos cachorros e o dos que se batem, como leões, contra os cachorros.

BRITO

E que partidos!

FILOMENA

E lá se vai o privilégio, falta à palavra que dei ao inglês, e o casamento da menina, víspera!

BRITO

Mas o que queres que faça?

FILOMENA

Que envides todos os esforços para que o projeto passe! Hoje é a última discussão...

BRITO

E o último dia talvez do ministério.

FILOMENA

Quais são os deputados que votam contra?

BRITO

Uma infinidade.

FILOMENA

O Elói é cachorro?

BRITO

Sim, senhora.

FILOMENA

O Azambuja?

BRITO

Cachorro.

FILOMENA

O Pereira da Rocha?

BRITO

Este é de fila.

FILOMENA

O Vicente Coelho?

BRITO

Era cachorro, mas passou anteontem para o outro lado.

FILOMENA

E o Barbosa?

BRITO

Está assim, assim. Talvez passe hoje para cachorro.

FILOMENA

Ah! Que se as mulheres tivessem direitos políticos e pudessem representar o país...

BRITO

O que fazias?

FILOMENA

O privilégio havia de passar, custasse o que custasse. Eu é que devia estar no teu lugar, e tu no meu. És um mingau, não nasceste para a luta.

BRITO

Mas com a breca! Queres que faça questão de gabinete?

FILOMENA

Quero que faças tudo, contanto que o privilégio seja concedido.

BRITO*(Resoluto)* Pois bem, farei questão de gabinete, e assim fico livre mais depressa desta maldita túnica de Nessus.**CENA II***(Os mesmos e o Dr. Monteiroinho)***DR. MONTEIRINHO***(Cumprimentando Filomena)* Minha senhora. *(Para Brito)* Vamos para a Câmara, conselheiro. É hoje a grande batalha.**BRITO**

Estou às suas ordens.

DR. MONTEIRINHO

Havemos de vencer, custe o que custar.

FILOMENA

Dr. Monteiroinho, empregue todo o fogo de sua palavra.

DR. MONTEIRINHO

Fique descansada, minha senhora. Levo o meu discurso na ponta da língua. Hei de tratar a parte técnica, sobretudo, com o maior cuidado. Na discussão deste projeto ou conquisto os foros de estadista, ou caio para nunca mais erguer a frente.

FILOMENA

Bravo! Bravo!

BRITO

Vamos, conselheiro, são horas.

FILOMENA*(Para Brito)* Vai. Que Deus te inspire. *(Saem Dr. Monteiroinho e Brito.)***CENA III***(Filomena e Beatriz)***FILOMENA**

Que boa madrugada! Onze horas!

BEATRIZ*(Beijando Filomena)* Não posso acordar-me cedo, por mais esforços que faça. Vosmecê não sai hoje?**FILOMENA**

Não. Estou muito nervosa.

BEATRIZ

É mais uma razão para sair.

FILOMENA

Se cai o projeto e com ele o ministério...

BEATRIZ

Estamos arranjadas.

FILOMENA

Lá se vai o inglês.

BEATRIZE o Sr. Raul também. *(À parte)* Se ao menos aquele pobre doido que me ofereceu o coração... *(Alto)* Ora, será o que Deus quiser. *(Mirando-se no espelho, canta:)**La donna é mobile**Qual piuma al vento.**Muta d'accento**E di pensiero.*

O pacote francês deve chegar hoje?

FILOMENA

Creio que sim.

BEATRIZ

Estou ansiosa por ver os vestidos de verão que encomendamos.

CENA IV

(Beatriz, Filomena e Criado)

CRiado

(Com uma gaiola com papagaio) Veio da parte do Sr. Tinoco, com esta carta. (Entrega a carta a Filomena.)

FILOMENA

(Depois de ler a carta) Estes pretendentes entendem que devem encher-me a casa de bichos. Leva para dentro. (O criado sai.)

BEATRIZ

É coisa célebre, pelos presentes pode-se conhecer a que província ou a que lugar pertencem os pretendentes. Os do Ceará mandam corruptions; os do Pará redes, paus de guaraná e macacos-de-cheiro; os de Pernambuco, cajus secos e abacaxis; os de São Paulo, formigas vestidas, figos em calda...

FILOMENA

E arapongas. Se o pretendente é do Maranhão, a mulher do ministro não passa sem lenço de labirinto.

BEATRIZ

E se é da Bahia, lá vêm as quartinhas, o azeite de cheiro e os sagüis.

FILOMENA

Os do Rio Grande do Sul exprimem a gratidão com línguas salgadas e origones.

BEATRIZ

E os de Minas com queijos e rolos de fumo. Mas, coitados! Muito sofrem! Só a lida em que eles vivem "... Venha hoje, venha amanhã, espere um pouco, agora não é possível!"

FILOMENA

É para admirar que a esta hora já não esteja a sala cheia deles.

BEATRIZ

É verdade.

CENA V

(Filomena, Beatriz e D. Bárbara)

D. BÁRBARA

Desculpe-me se fui entrando sem anúncio prévio.

FILOMENA

A Sr.^a D. Bárbara é sempre recebida com prazer a qualquer hora.

D. BÁRBARA

É por saber disto que vim vê-la, apesar do que se tem passado.

FILOMENA

Creio que entre nós nada se tem passado que possa por ventura interromper, sequer de leve, as nossas relações amistosas.

D. BÁRBARA

Quero dizer do que se tem passado entre os nossos maridos.

FILOMENA

Também não sei o que possa ter havido entre eles. Pertencem ao mesmo credo político, ainda ontem, para bem dizer, eram amigos...

D. BÁRBARA

(À parte) Se não digo na bochecha dessa emproada tudo quanto sinto, estouro. (Alto) Eram amigos, é verdade, porém... meu marido tem razões especiais... Ele está na Câmara cumprindo o seu dever.

FILOMENA

Faz muito bem.

D. BÁRBARA

Não é hoje que se discute um célebre privilégio de uma estrada para o Corcovado?

FILOMENA

Creio que sim.

D. BÁRBARA

Não sabia; passando por acaso pela Rua do Ouvidor...

BEATRIZ

Como é fingida esta *vecchia strega!*

D. BÁRBARA

Ouvi os garotos apregoarem que a "Gazeta da Tarde" traz a notícia da grande patota dos cachorros! E por entre os grupos dos indivíduos que conversavam, no ponto dos bondes, pude distinguir estas frases, cujo sentido não compreendi bem: Arranjos de família, ministro patoteiro, casamento da filha com o inglês...

FILOMENA

É verdade, minha senhora; mas o que não sabe é que entre aqueles grupos estava a mulher despeitada de um ministro gorado, e que era esta a que mais gritava.

D. BÁRBARA

Um ministro gorado?!

BEATRIZ

Sim. *Un ministre manqué.*

D. BÁRBARA

(Para Beatriz) Minha senhora, tenha a bondade de falar em português, se quer que a entenda.

FILOMENA

Eu falei português claro. O ministro gorado é...

BEATRIZSeu marido... *voilà tout*.**FILOMENA**

E a mulher despeitada...

D. BÁRBARA

Sou eu?!

BEATRIZ*Sans doute.***D. BÁRBARA**

(*À parte*) Eu arrebento. (*Alto*) Pois já que as senhoras são tão positivas, dir-lhes-ei que meu marido nunca teve a idéia de fazer parte de semelhante ministério. Ele é um homem de muito bom senso e sobretudo de muita probidade.

FILOMENA

Observo à senhora que estou em minha casa.

BEATRIZ(*À parte*) *C'est incroyable! Dreadful.***D. BÁRBARA**

Foi a senhora a primeira que esqueceu esta circunstância.

FILOMENA

Não me obrigue...

D. BÁRBARA

Eu retiro-me para nunca mais pôr os pés aqui.

FILOMENA

Estimo muito.

D. BÁRBARA

E fique sabendo que o Chico...

FILOMENA

(*Com dignidade*) Minha senhora. (*Cumprimenta e sai.*)

BEATRIZ*Au revoir. (Sai.)***D. BÁRBARA**

Emproada, sirigaita, patoteira! Hei de tomar uma desforra. (*Sai zangada.*)

CENA VI

(*Pereira, Inácio, Arruda, Ribeiro, Azambuja, mais pessoas e o Criado*)

CRiado

S. Ex.^a não está. Os senhores que quiserem esperar podem ficar nesta sala.

PEREIRA

O homem está em casa.

INÁCIO

Eu cá hei de falar-lhe hoje, por força, haja o que houver.

ARRUDA

E eu também. Só se ele não passar por aqui.

RIBEIRO

O que é bem possível, porque a casa tem saída para outra rua.

AZAMBUJA

Há quatro meses que ando neste inferno.

RIBEIRO

Console-se comigo, que ando pretendendo um lugar há cinco anos, e ainda não me deram.

ARRUDA

Há cinco anos?!

RIBEIRO

Sim, senhor.

AZAMBUJA

E tem esperanças de obtê-lo?

RIBEIRO

Olé! Já atravessei seis ministérios. Venho aqui duas vezes por dia.

INÁCIO

E eu que vim dos confins do Amazonas; e aqui estou há seis meses a fazer despesas, hospedado na casa dos Eiras, com uma numerosa família, composta de mulher, seis filhos, duas cunhadas, três escravas, quatorze canastras, um papagaio e um corrupção!

CENA VII

(*Os mesmos e Ernesto*)

ERNESTO

Meus senhores.

PEREIRA

Oh! Sr. Ernesto.

ERNESTO

Como está, Sr. Pereira?

PEREIRA

O seu negócio? Ainda anda?

ERNESTO

Qual! Trago agora aqui uma carta... Vamos ver se com esta arranjo o que quero. É de um deputado mineiro governista.

PEREIRA

É bom empenho?

ERNESTO

Quem me arranhou foi um negociante da Rua dos Beneditinos, em cuja casa acha-se hospedado o tal deputado.

RIBEIRO

Meu amigo, vá à fonte limpa, procure um deputado da oposição e digo-lhe desde já que está servido.

ERNESTO

Muito se sofre!

AZAMBUJA

É verdade.

CENA VIII*(Os mesmos e Filipe)***FILIFE**

Adeus, Sr. Ernesto.

ERNESTO

Adeus, Filipe.

FILIFE

Ainda perde seu tempo em vir por aqui?

ERNESTO

Por quê?

FILIFE

Porque o ministério está morto.

PEREIRA

Caiu?!

FILIFEA esta hora já deve ter caído. A Rua do Ouvidor está assim... *(fechando a mão)*. Não se pode entrar na Câmara. Há gente nas galerias como terra.**ERNESTO**

O partido dos cachorros está bravo?

FILIFE

Os cachorros?! Estão danados! A tal estrada não passa, não, mas é o mesmo. O Dr. Monteiro levantou-se para falar...

ERNESTO

Ah! Ele falou hoje?

FILIFE

Qual! Não pôde dizer uma palavra. Rompeu uma vaia das galerias, mas uma vaia de tal ordem, que foi preciso entrar a força armada na Câmara.

PEREIRA

Lá se vai o meu lugar na Alfândega.

AZAMBUJA

É o meu.

RIBEIRO

É o meu.

FILIFE*(Levando Ernesto para um lado)* Ainda não a vi hoje.**ERNESTO**

Mas é verdade tudo isto?

FILIFE

Como é bela!

ERNESTO

Com o diabo! Que transtorno!

FILIFE

Quando a vi pela primeira vez foi no Castelões...

ERNESTO

Comia uma empada, comia uma empada...

FILIFE

É isso mesmo.

ERNESTO

Irra! Não me amoles.

PEREIRA*(Para Ernesto)* O senhor quer saber onde está a minha esperança?**ERNESTO**

Onde?

PEREIRA*(Tirando um bilhete de loteria do bolso)* Aqui neste bilhete do Ipiranga.**FILIFE**Eu também tenho um. *(Vendo na carteira)* Querem ver que o perdi?! Não, cá está. A esta hora já deve ter andado a roda. Com a breca, nem me lembrava! *(Olhando para dentro)* Se pudesse ao menos ver-lhe a pontinha do nariz.**PEREIRA**Vou ver o que tirei. *(Sai.)***FILIFE**E eu também. Mas qual! Sou de um caiporismo horrendo. Adeus, Sr. Ernesto. *(Olhando para todos os lados)* Onde estará ela?! *(Sai.)***CENA IX***(Os mesmos, menos Pereira e Filipe, mais Raul)***ERNESTO**

Esta notícia veio transtornar-me os planos.

AZAMBUJA

Talvez seja mentira.

ERNESTO

As más novas são sempre verdadeiras.

RAUL

Ora, vivam meus senhores!

ERNESTO

Dr. Raul, o que há acerca do ministério?

RAUL

Dizem que está em crise.

ERNESTO

Mas há esperanças?

RAUL

Hum!... Não sei. Vejo as coisas muito embrulhadas.

CENA X

(*Os mesmos e Mr. James*)

RAUL

Oh! Mr. James! Fazia-o pela Câmara.

MR. JAMES

Mim só sai de casa hoje p'ra vem aqui...

RAUL

Os negócios estão feios.

MR. JAMES

Oh! *Yes*, muito feias.

RIBEIRO

(*A Ernesto*) Este é o tal inglês da patota de que os jornais falam hoje?

ERNESTO

É o bicho.

MR. JAMES

Você quer saber de uma coisa? Mim estar muito estúpide.

RAUL

Por quê?

MR. JAMES

Eu já deve saber que este ministéria não pode dura muito tempo, e mim faz asneira de faz negócia com ele.

RAUL

Mas em que se fundava para saber disto?

MR. JAMES

Ora escuta vosmecê, presidenta do Conselho onde estar nascida?

RAUL

No Pará.

MR. JAMES

Ministra de Império?

RAUL

Em São Paulo.

MR. JAMES

Ministra de Justiça?

RAUL

Creio que é de Piauí.

MR. JAMES

No senhor; de Paraíba.

RAUL

Ou isso.

MR. JAMES

Ministra de Marinha estar em Alagoas, ministra de Estrangeiros...

RAUL

Este é do Paraná.

MR. JAMES

Yes. Ministra da Guerra estar de Maranhão, de Fazenda, Rio de Janeiro.

RAUL

Mas o que tem isto?

MR. JAMES

Não tem uma só ministra da Bahia. E ministéria sem baiana estar defunta logo, senhor.

RAUL

Tem razão.

MR. JAMES

Baiana estar gente muito poderosa. Não se pode esquece dela.

RAUL

O ministério estava fraco, lá isso é verdade.

MR. JAMES

E tem inda mais; ministra da Marinha...

RAUL

O Dr. Monteirinho?

MR. JAMES

Yes. Ministra da Marinha estar muito pequenina.

RAUL

Muito moço é o que o senhor quer dizer?

MR. JAMES

All right. No pode ser estadista e governa país logo que sai de escola. É preciso aprende primeiro, aprende muito, senhor. Todo mundo estar caçoanda, e chama ministra de Cazuzinhe. O senhor sabe dizer o que é Cazuzinhe?

RAUL

É um nome de família.

MR. JAMES

How? Mas família fica em casa, e no tem nada com ministéria. Vosmecês aqui têm costume de chama homem de Estado de Juquinha, Lulu, Fernandinha. Governa estar muito sem-cerimônia.

CENA XI

(*Os mesmos, Beatriz e Filomena*)

MR. JAMES

Como está, senhora?

RAUL

Minhas senhoras.

FILOMENA

Veio da Câmara?

MR. JAMES

No senhora.

FILOMENA

Pois não foi lá? No dia em que se deve decidir o seu negócio...

BEATRIZ

(*A Raul*) Mamãe ainda não teve tempo de falar com papai acerca de sua pretensão.

MR. JAMES

Meu negócio estar perdida.

FILOMENA

Tenho fé que não.

MR. JAMES

Oh! *Yes*.

CENA XII

(Os mesmos e Felizardo)

FELIZARDO

(Entrando apressado) Caiu o ministério!

FILOMENA

Caiu! Ah! Falta-me a luz! *(Cai desmaiada em uma cadeira.)*

BEATRIZ

(Correndo) Mamãe.

RAUL

D. Filomena.

MR. JAMES

(Para todos) O no incomoda! Vai passa já.

ERNESTO

Ora sebo! *(Sai.)*

INÁCIO

Ora bolas! *(Sai.)*

ARRUDA

Ora pílulas! *(Sai.)*

RIBEIRO

Ora, com os diabos! *(Sai.)*

AZAMBUJA

Ora... *(Sai.)*

MR. JAMES

(Vendo Filomena levantar-se) Estar pronta, já passou.

FELIZARDO

E o pobre do Cazuzinha, que tinha tanta coisa que fazer! Também lhes digo, que se ele consegue falar, a despeito das vaias da galeria, o ministério tinha vida por cinco anos, pelo menos.

RAUL

Deveras?

FELIZARDO

É um rapaz muito hábil. O senhor não imagina que discurso tinha ele preparado. Ontem recitou-mo todo. Sabia-o na ponta da língua.

RAUL

Foi uma pena! *(À parte)* E lá se foi o meu emprego, que é o que mais sinto.

FELIZARDO

Como não vai ficar a Maria José quando souber a notícia!

RAUL

(A Beatriz) Minha senhora; creio estar desligado dos compromissos que contrai para com V. Ex.^a.

BEATRIZ

Eu já o sabia; não era preciso mo dizer. O que o senhor doutor queria era uma posição social e não a minha mão!

RAUL

(À parte) Façamos cara de não ter compreendido.

CENA XIII

(Felizardo, Raul, Beatriz, Filomena, Mr. James, Brito e Dr. Monteirinho)

BRITO

(Abraçando Filomena) Minha Filomena, tenho necessidade de abraçar-te. Vem cá, Beatriz, abraça-me também. *(Beatriz abraça.)* Foram vocês que me perderam; mas como isto é bom.

MR. JAMES

Mim sente muito derrota de V. Ex.^a, agradece tudo que faz pela minha privilégia, e pede desde já a V. Ex.^a um apresentação para nova ministéria que tem de subir.

FELIZARDO

(Que deve estar abraçado com Dr. Monteirinho) Ah! Cazuzo! Não há gosto perfeito neste mundo!

DR. MONTEIRINHO

E mamãe, que não teve a ventura de me ver de fardão!

FELIZARDO

Mas há de tê-la muito breve; eu te prometo.

CENA XIV

(Os mesmos e Criado)

CRIA DO

Trouxeram estes jornais e esta carta. *(Sai.)*

BRITO

O que será? *(Vendo o sobrescrito da carta, para Filomena)* É para ti.

FILOMENA

(Abrindo a carta e lendo) “Minha senhora, tenho a honra de enviar a V. Ex.^a o último número da “Espada de Dâmocles”, que acaba de sair agora mesmo, e de chamar a atenção de V. Ex.^a para a notícia, publicada sob o título ‘À última hora’. Sua veneradora e criada, Bárbara Coelho.” *(Fecha a carta.)* Que infame!

BRITO

Lê. *(Filomena quer rasgar o jornal.)* Lê, eu terei

coragem de ouvir.

FILOMENA

(*Lendo*) “Caiu finalmente o ministério das patotas. Parabéns aos nossos concidadãos, estamos livres do homem que mais tem sugado os cofres públicos em proveito dos seus afilhados.”

BRITO

Saio do ministério mais pobre do que entrei, porque estou crivado de dívidas, e com a pecha de ladrão!

FILOMENA

E o que pretendes fazer?

BRITO

Nada: neste país, infelizmente, esta é a sorte de quase todos que descem do poder.

CENA XV

(*Filomena, Raul, Dr. Monteirinho, Beatriz, Mr. James, Felizardo, Brito e Filipe*)

MR. JAMES

(*A Filipe, que entra às carreiras, ofegante, e cai-lhe desmaiado nos braços*) How! Tudo estar desmaia nesta casa!

FILOMENA

Vão ver depressa vinagre. (*Raul corre para dentro.*)

BEATRIZ

Como ele está pálido! Vou buscar água-de-colônia. (*Corre para dentro.*)

MR. JAMES

Oh! No, no, é melhor traz *cognac*.

DR. MONTEIRINHO

Vou buscá-lo. (*Sai correndo.*)

BRITO

(*Batendo-lhe nas mãos*) Senhor, senhor! É o pobre do repórter!

BEATRIZ

Aqui está. (*Põe a água-de-colônia no lenço e chega-lhe ao nariz; Filipe abre os olhos.*) *Ça y est! Il est gueri!*

FILIFE

Onde estou? Ah! (*Sai dos braços de Mr. James.*)

DR. MONTEIRINHO

Cá está o *cognac*. Já não é preciso?

BRITO

O que tem?

FILIFE

(*Não podendo falar*) Comprei este bilhete. (*Mostra-o, tirando-o do bolso.*) Vou ver a lista...

MR. JAMES

Branca.

FILIFE

E tirei duzentos contos!

FILOMENA

Duzentos contos!

BEATRIZ

Ah! Bah!

FILIFE

(*Ajoelhando-se aos pés de Beatriz*) Minha senhora, eu adoro-a, idolatro-a. Quando a vi pela primeira vez foi no Castêlões, a senhora comia uma empada. Quer aceitar a minha mão?

BEATRIZ

De tout mon coeur.

MR. JAMES

All right! Boa negócia.

(*Cai o pano.*)

FIM

O MAMBEMBE

BURLETA EM 3 ATOS E 12 QUADROS, MÚSICA DE ASSIS PACHECO
Arthur Azevedo e José Piza

PERSONAGENS:

Malaquias
Eduardo
D. Rita
Laudelina
Frazão
Monteiro
Garçom
1º Freguês
2º Freguês
Fábio
Brochado
Lopes
Um Menino
Vilares
Margarida
Florêncio
Isaura
Coutinho
Vieira
Velho Ator
Criado Joaquim
Velhote
Chefe do Trem
Os Habitantes
Capitão Irineu
Coronel Pantaleão
Carrapatini
A Banda
Bonifácio Arruda
D. Bertolesa
Suas Filhas
Subdelegado
Carreiro
Soldados
Alferes Xandico
Major Anastácio Pinto
Capitão Juca Teixeira
Coronel Chico Inácio
Madama
Uma Doceira
Uma Vendedora

Um Capoeira
 Outro Capoeira
 1ª Senhora
 Os Meninos
 Um Casal
 2ª Senhora
 1ª Moça
 2ª Moça
 O Padre
 O Sacristão
 Eustáquio
 Jogadores
 Um Bêbado
 Os Violeiros
 D. Mafalda
 Major Carneiro
 Tenente Guedes
 D. Constança
 Manduca
 Tudinha
 Totó
 Chiquinha
 Zeca
 Nhô Tedo
 Nhô Tico
 Nhá Mariana
 Um Espectador

ATO I

QUADRO I

(Sala de um plano só em casa de D. Rita. Ao fundo, duas janelas pintadas. Porta à esquerda dando para a rua, e porta à direita dando para o interior da casa.)

CENA I

*(Malaquias, Eduardo e depois D. Rita)
 (Ao levantar o pano, a cena está vazia. Batem à porta da esquerda.)*

MALAQUIAS
(Entrando da direita) Quem será tão cedo? Ainda não deu oito horas! *(Vai abrir a porta da esquerda.)* Ah! É seu Eduardo!

EDUARDO
(Entrando) Adeus, Malaquias. Quê D. Rita? Já está levantada?

MALAQUIAS
 Tá lá dentro, sim sinhô.

EDUARDO
 E D. Laudelina?

MALAQUIAS
 Inda tá drumindo, sim sinhô.

EDUARDO
 Vai dizer a D. Rita que eu quero falar com ela.

MALAQUIAS
 Sim sinhô. *(Puxando conversa)* Seu Eduardo ontem tava bom memo!

EDUARDO
 Tu assististe ao espetáculo?

MALAQUIAS
 Ora! Eu não falho! Siá D. Rita não me leva, mas eu fujo e vou. Fico no fundo espiando só!

EDUARDO
 Gostas de teatro, heim?

MALAQUIAS
 Quem é que não gosta do que é bão? Que coisa bonita quando o seu Eduardo fingia que morreu quase no fim! Chi! Parecia que tava morrendo memo. Só se via o branco do olho! E D. Laudelina ajoelhada, abraçando seu Eduardo!

Seu Eduardo tava morrendo, mas tava gostando, não é, seu Eduardo?

EDUARDO

Gostando, por quê? Cala-te!

MALAQUIAS

Então Malaquia não sabe que seu Eduardo gosta de D. Laudelina?

EDUARDO

E ela?... Gosta de mim?

MALAQUIAS

Eu acho que gosta... pelo menos não gosta de outro... eu sou fino: se ela tivesse outro namorado, eu via logo. Aquele moço que mora ali no chalé azu, que diz que é guarda-livro, outro dia quis se engraçá com ela e ela bateu c'a janela na cara dele: pá... eu gostei memo porque gosto de seu Eduardo, e sei que seu Eduardo gosta dela!

EDUARDO

Toma lá quinhentos réis.

MALAQUIAS

Hi! Obrigado, seu Eduardo. (*Vai a sair pela direita, entra D. Rita.*)

D. RITA

Que ficaste fazendo aqui, moleque?

MALAQUIAS

Nada, não senhora; fui abri a porta a seu Eduardo e ia dizê a vosmecê que ele tava aí.

D. RITA

Vai acabar de lavar a louça, mas vê lá se me quebras alguma coisa. (*A Eduardo*) Não se passa um dia que este capeta não me quebre um prato... um copo... uma xícara... Vai!

MALAQUIAS

Sim, senhora. (*Sai pela direita.*)

CENA II

(*Eduardo, D. Rita*)

D. RITA

Bom dia. (*Aperta-lhe a mão.*) O senhor madrugou!

EDUARDO

Diga antes: "o senhor não dormiu", que diz a verdade. Ah! D. Rita! Quem ama como eu amo não dorme!

D. RITA

Pois o senhor deve estar moído! Olhe que aquele papel de Luís Fernandes não é graça! E o senhor representa ele com tanto calor!

EDUARDO

Porque o sinto! Porque o vivo! O meu trabalho seria outro, se outra fosse a Morgadinha...

D. RITA

(*Sorrindo*) Acredito.

EDUARDO

Mas a Morgadinha é ela, é D. Laudelina, sua afilhada, sua filha de criação, que "eu amo cada vez mais com um amor ardente, louco, dilacerante, ó Cristo, ó Deus!"

D. RITA

Esse pedacinho é da peça.

EDUARDO

É da peça, mas adapta-se perfeitamente à minha situação! "Sempre, sempre esta visão fatal a perseguir-me! No sonho, na vigília, em toda a parte a vejo, a sigo, a adoro! Como me entrou no coração este amor, que não posso arrancar sem arrancar o coração e a vida?" Tudo isto é da peça, mas vem ao pintar da faneca.

COPLAS

I

Eu vivia feliz no meu cantinho,
Sem a mais leve preocupação,
Fazendo os meus galãs no teatrinho
Ou trabalhando na repartição;

Minha vida serena deslizava,
Como barquinho em bonançoso mar;
Apesar de amador, eu não amava,
Eu não amava nem queria amar.

II

Mas, de repente, vida tão serena
Buliçosa, agitada se tornou:
Eu comecei a amar fora de cena,
E o mesmo homem de outrora já não sou.

Foi D. Laudelina que esta chama
Veio aqui dentro um dia espevitar,
Mas, conquanto amadora, ela não me ama,
Ela não me ama nem me quer amar.

D. RITA

Acalme-se, seu Eduardo, o senhor não está em si.
Vamos, sente-se nesta cadeira e me diga qual o motivo da sua visita à hora em que não costuma entrar nesta casa outro homem senão o do lixo.
(*Sentam-se ambos.*)

EDUARDO

Pois não adivinha o que aqui me trouxe? O meu amor! Se vim tão cedo, foi porque tinha a certeza de que D. Laudelina ainda estava recolhida ao seu quarto.

D. RITA

Naturalmente; o papel da Morgadinha também é muito fatigante, e Laudelina é uma amadora: não é uma atriz, não se sabe poupar, como bem disse ontem o Frazão.

EDUARDO

Mas a senhora também representou a Morgada, e aí está fresca e bem disposta.

D. RITA

Oh! O papel da Morgada é um papel de dizer... Eu faço ele com uma perna às costas... Ah! Se o senhor me visse na “Nova Castro”, quando meu marido era vivo e eu tinha menos quinze anos!

EDUARDO

A senhora é uma das mais distintas amadoras do Rio de Janeiro.

D. RITA

Obrigada. O teatro foi sempre a minha paixão... o teatro particular, bem entendido, porque na nossa terra ainda há certa prevenção contra as artistas.

EDUARDO

O preconceito...

D. RITA

Como o senhor sabe, Laudelina é órfã de pai e mãe... não tem parentes nem aderentes... veio para a minha companhia assinzinha, e fui eu que eduquei ela. Quando descobri que a pequena tinha tanta queda para o teatro, fiquei contente, e consenti, com muito prazer, que ela fizesse parte do Grêmio Dramático Familiar de Catumbi, sob condição de só entrar nas peças em que também eu entrasse. Mas lhe confesso, seu Eduardo, que tenho os meus receios de que ela pretenda seriamente abraçar a carreira teatral...

EDUARDO

Sim... aquele fogo... aquele entusiasmo... aquele talento inquietam...

D. RITA

O senhor queixa-se de que ela não faz caso do senhor...

EDUARDO

Não! Não é disso que me queixo, sim, porque, afinal, não posso dizer que ela não faça caso de

mim... Mas não é franca, de modo que não sei se sou ou não correspondido, e é esta incerteza que me acabrunha!

D. RITA

É que Laudelina, por enquanto, só tem um namorado: o teatro; só tem uma paixão: a arte dramática. Ah! Mas eu sei o que devo fazer...

EDUARDO

Que é?

D. RITA

Afastar-nos completamente do Grêmio Dramático Familiar de Catumbi. Se preciso for, mudar-nos-emos para outro bairro, e adeus teatrinho!

EDUARDO

Mas há teatrinho em todos os bairros!

D. RITA

Sempre há de haver algum em que não haja. Verá então que, afastada desse divertimento, ela olhará para o senhor com outros olhos, porque, francamente, seu Eduardo, eu bem desejava que o senhor se casasse com ela.

EDUARDO

Ah!

D. RITA

Onde poderá Laudelina encontrar melhor marido? O senhor, não é por estar em sua presença, é um moço de boa família, estima ela deveras e tem um bom emprego.

EDUARDO

Obrigado, D. Rita. As suas palavras enchem-me de esperança e alegria! Peço-lhe que advogue a minha causa. Foi só para fazer-lhe este pedido que vim à sua casa à hora do homem do lixo.

D. RITA

Já tenho falado a ela muitas vezes no senhor. Não posso obrigar ela, mesmo porque já é maior... mas prometo empregar toda a minha autoridade de mãe adotiva para convencê-la de que deve ser sua esposa. *(Levanta-se.)*

EDUARDO

(Levantando-se) A senhora é o meu bom anjo! Quero beijar-lhe as mãos, e de joelhos!... *(Ajoelha-se diante de D. Rita.)*

CENA III

(Os mesmos, Laudelina)

LAUDELINA

(Entrando) “Um discípulo de Voltaire ajoelhado aos pés da cruz!”

EDUARDO

(*Erguendo-se*) “A cruz é o amparo dos que padecem!”...

D. RITA

Alto lá!... Olhem que eu não sou cruz!

LAUDELINA

“E padece? Por minha causa, não é verdade? Fui injusta, bem sei; nas frases que soltara ao vento, decerto por desfastio, quis ver uma ofensa. Era cruel, sinto-o agora. Esqueçamos isso, e sejamos amigos bons e leais, sim?” (*Apertando-lhe a mão com uma risada e mudando de tom*) Como passou a noite, seu Eduardo?

EDUARDO

Em claro, pensando no meu amor!

LAUDELINA

Também eu pensando no meu triunfo! Que bela noite! Nunca me senti tão bem no papel da Morgadinha! O efeito foi estrondoso! Estava na platéia o ator Frazão...

D. RITA

Foi convidado pela diretoria.

LAUDELINA

Com que entusiasmo batia palmas! Via-se que aquilo era sincero! Depois do 4º ato foi cumprimentar-me na caixa! Deu-me um abraço e disse-me: “Filha, tu não tens o direito de não estar no teatro; cometes um estelionato, de que é vítima a arte”.

D. RITA

Frazão disse-te isso?

LAUDELINA

Sim, senhora!

D. RITA

Pois se eu ouvisse, tinha lhe dado o troco. (*Outro tom*) Mas que me dizem daquela minha fala? “Por que se envergonha de chorar diante de mim? Sou mãe dela e não hei de saber o quanto custará perdê-la?”

EDUARDO

(*Escondendo o rosto nas mãos*) “Ah! Quanto padeço!”

D. RITA

“Ânimo, filho, então? Quando chegar ao ‘acaso’ da vida”...

EDUARDO

(*Emendando*) “Ocaso.” A senhora diz sempre “acaso”, mas é “ocaso”.

D. RITA

Ocaso? Que diabo é acaso?

EDUARDO

É o pôr-do-sol... O ocaso da vida quer dizer o fim da vida.

D. RITA

No papel está “acaso”.

LAUDELINA

Foi erro do copista, dindinha. Seu Eduardo tem razão.

D. RITA

Enfim... (*Representando*) Quando chegar ao “acaso”...

EDUARDO E LAUDELINA

Ocaso.

D. RITA

Já estou viciada. (*Representando*) “Quando chegar ao ocaso da vida, e, voltando os olhos para esta quadra tempestuosa, lhe disser a consciência que soube cumprir um dever, há de sentir uma consolação sublime, uma legítima ufania!” (*Outro tom*) Muito sentimento, heim?

LAUDELINA

E então eu? (*Representando*) “A nada mais se atende, não é assim? Ela que se console com a idéia do dever, das leis da sociedade, exatamente quando acabava de calcar essas leis, para voar, num ímpeto de abnegação, para quem de joelhos lhe implorava amor?”

EDUARDO

(*Idem*) “Ah! Não me fale assim, se não quer que eu perca a pouca razão que me resta! (*Tomando as mãos de Laudelina*) Não vês que te amo mais loucamente do que nunca? Não vês que uma palavra tua me arroja de novo ao abismo?”

LAUDELINA

(*Idem*) “Que te importa”... (*Tem uma hesitação de memória.*)

D. RITA

(*Sugerindo-lhe*) ... “se eu me arrojoo”...

LAUDELINA

“Que te importa, se eu me arrojoo a ele contigo? (*Frazão aparece à porta da esquerda.*) Amas-me e hesitas ainda? Tudo mais que vale? Há aqui obstáculos que se opõem ao nosso afeto? Receias a luta? As apreensões dos teus, os desprezos dos outros? Mas tens o meu amor e isso te basta! Fugamos ambos; vamos esconder bem longe de Portugal o nosso flóreo ninho!” (*Eduardo vai cingi-la de acordo com a rubrica da peça, mas Frazão, que aos poucos se tem aproximado dela, enlevado, empurra Eduardo.*)

FRAZÃO

Saia daí, seu arara! Eu já tenho representado o papel de Luís Fernandes mais de cinquenta vezes! (*Enlaçando Laudelina*) “Ah! Caía sobre mim o desprezo do mundo, a maldição de Deus, persiga-me o remorso, espere-me o inferno, mas agora é que te juro que ninguém te arrancará dos meus braços!” (*Outro tom*) Bravos, bravos, filha! Tens muito talento! Quem to diz é o Frazão!

CENA IV

(*Os mesmos, Frazão*)

FRAZÃO

(*Para Eduardo*) Desculpe se o chamei arara, meu caro amador: foi sem querer; reconheço, pelo contrário, que o senhor é um curioso de muita habilidade. Mas que esquisitice é esta? A isto é que se pode chamar amor da arte! Pois representaram a peça ontem à noite. E hoje pela manhã já estão a ensaiá-la de novo?

D. RITA

Não, senhor, não era um ensaio... isto veio naturalmente na conversa; mas... a que devo a honra da sua visita?

FRAZÃO

Preciso falar-lhe, minha senhora. Escolhi esta hora matinal porque tenho o dia todo ocupado, visto que depois de amanhã devo partir com a companhia que estou organizando.

EDUARDO

Vejo que sou demais.

FRAZÃO

Não, demais não é, entretanto, o assunto que aqui me traz é muito reservado.

EDUARDO

Retiro-me, mesmo porque tenho que ir a uma cobrança a mando do patrão. (*Indo apertar a mão de D. Rita*) Até logo, D. Rita. (*Baixo*) Desconfio desta visita... não caía!...

D. RITA

Deixe estar.

EDUARDO

(*Subindo e indo cumprimentar Laudelina*) Até logo, D. Laudelina.

LAUDELINA

Até logo, seu Eduardo.

EDUARDO

Passar bem, senhor Frazão.

FRAZÃO

Adeus, jovem, e esqueça-se daquele arara... Foi sem querer.

EDUARDO

Ora! (*Sai.*)

CENA V

(*Frazão, D. Rita, Laudelina*)

LAUDELINA

Também eu me retiro.

FRAZÃO

Não; a senhora pode ficar, porque a conversa lhe diz respeito.

D. RITA

Sentemo-nos. (*À parte*) Pois sim!

FRAZÃO

Sentemo-nos. (*Sentam-se os três.*) O caso é este, minha senhora... vou expor-lho em poucas palavras, porque não tenho tempo a perder. Os meus minutos estão contados. Devo cavar três contos de réis de hoje para amanhã. (*Pausa*) Como a senhora sabe, a vida do ator no Rio de Janeiro é cheia de incertezas e vicissitudes. Nenhuma garantia oferece. Por isso, resolvi fazer-me, como antigamente, empresário de uma companhia ambulante, ou, para falar com toda a franqueza, de um mambembe.

AS DUAS

Mambembe?

FRAZÃO

Dar-se-á caso que não saibam o que é um mambembe? Nunca leram o “Romance Cômico”, de Scarron?

AS DUAS

Não, senhor.

FRAZÃO

É pena, porque eu lhes diria que o mambembe é o romance cômico em ação e as senhoras ficariam sabendo o que é. Mambembe é a companhia nômade, errante, vagabunda, organizada com todos os elementos de que um empresário pobre possa lançar mão num momento dado, e que vai, de cidade em cidade, de vila em vila, de povoação em povoação, dando espetáculos aqui e ali, onde encontre um teatro ou onde possa improvisá-lo. Aqui está quem já representou em cima de um bilhar!

LAUDELINA

Deve ser uma vida dolorosa!

FRAZÃO

Enganas-te, filha. O teatro antigo principiou assim, com Téspis, que viveu no século VI antes de Cristo, e o teatro moderno tem também o seu mambembeiro no divino, no imortal Molière, que o fundou. Basta isso para amenizar na alma de um artista inteligente quanto possa haver de doloroso nesse vagabundear constante. E, a par de incômodos e contrariedades, há o prazer do imprevisto, o esforço, a luta, a vitória! Se aqui o artista é mal recebido, ali é carinhosamente acolhido. Se aqui não sabe como tirar a mala de um hotel, empenhada para pagamento de hospedagem, mais adiante encontra todas as portas abertas diante de si. Todos os artistas do mambembe, ligados entre si pelas mesmas alegrias e pelo mesmo sofrimento, acabam por formar uma só família, onde, embora às vezes não o pareça, todos se amam uns aos outros, e vive-se bem ou mal, mas vive-se!

LAUDELINA

E... a arte?

FRAZÃO

Tudo é relativo neste mundo, filha. O culto da arte pode existir e existe mesmo num mambembe. Os nossos primeiros artistas – João Caetano, Joaquim Augusto, Guilherme Aguiar, Xisto Bahia – todos mambembaram, e nem por isso deixaram de ser grandes luzeiros do palco.

LAUDELINA

Mas de onde vem essa palavra mambembe?

FRAZÃO

Creio que foi inventada, mas ninguém sabe quem a inventou. É um vocábulo anônimo trazido pela tradição de boca em boca e que não figura ainda em nenhum dicionário, o que aliás não tardará muito tempo. Um dia disseram-me que em língua mandinga, mambembe quer dizer pássaro. Como o pássaro é livre e percorre o espaço como nós percorremos a terra, é possível que a origem seja essa, mas nunca averigüei.

CENA VI

(*Os mesmos, Malaquias*)

MALAQUIAS

A senhora quer que eu bote o armoço na mesa?

D. RITA

Sim; o senhor Frazão almoçará conosco...

FRAZÃO

Agradecido, minha senhora; tenho muito que

fazer e ainda é cedo para almoçar.

D. RITA

(*A Malaquias, que em vez de se retirar, ficou parado a olhar para Frazão, e a rir-se*) Vai-te embora, moleque! Que fazes aí parado?

MALAQUIAS

(*Rindo, sem responder*) Eh! Eh! Eh!...

D. RITA

Então?

MALAQUIAS

É seu Frazão... ele tava ontem lá no teatro... Que home engraçado! (*Sai.*)

CENA VII

(*Frazão, D. Rita, Laudelina*)

D. RITA

Desculpe... Esse moleque é muito confiado... Mas eu ensino ele!...

FRAZÃO

Deixe-o lá... Isto é popularidade, é a glória em trocos miúdos, como disse o outro.

D. RITA

Agora diga o motivo da sua visita.

FRAZÃO

É muito simples, minha senhora. Vinha propor-lhe contratar D. Laudelina para primeira dama da minha companhia. A minha primeira dama, a Rosália, foi visitar, durante a nossa última excursão, uma fazenda no Capivari, e lá ficou com o fazendeiro. Já se casaram. Recebi há dias a participação do casamento.

D. RITA

Sr. Frazão, esta menina não se destina ao teatro...

LAUDELINA

Por que, dindinha? É uma profissão como outra qualquer!

D. RITA

Cala-te! Pois eu havia de consentir que fosses por aí fora? Deus me livre!

FRAZÃO

D. Laudelina nasceu para o teatro, e é pena, realmente, que não se faça atriz de profissão; entretanto, não vim aqui fazer de Mefistóteles; não tento nem seduzo ninguém. Principiei por pintar com toda a lealdade a nossa vida, com os seus altos e baixos, seus prós e contras. Supus – desculpe-me a franqueza e não se ofendam com ela –, supus que as senhoras estivessem em más condições de fortuna (*Olha em volta de si.*) e lhes sorrisse a proposta de um empresário honesto e

bem intencionado... Quero apenas ouvir de seus lábios, minha senhora, um “sim” ou “não”. Juro-lhe que não insistirei.

D. RITA
(*Resolutamente*) Não!

FRAZÃO
(*Erguendo-se*) Bom! Vou tratar de procurar outra!

D. RITA
(*Erguendo-se*) Se eu quisesse que ela fosse atriz, não seria decerto num mambembe!

FRAZÃO
Pois deixe-me dizer, minha senhora, que o mambembe tem a vantagem de exercitar o artista. A contingência, em que ele se acha, de aceitar papéis de todos os gêneros e estudá-los rapidamente produz um *entrainement* salutar e contínuo, que não pode senão aproveitar ao seu talento. D. Laudelina faria as suas primeiras armas lá fora e, quando se apresentasse ao público desta capital, seria uma atriz feita. Juro que dentro de um ano ela triunfaria nos palcos do Rio de Janeiro, e eu teria a glória de havê-la iniciado na arte!...

D. RITA
Procure outra, Sr. Frazão; não é, minha filha?

LAUDELINA
(*Que se conservou sentada, muito comovida, mal podendo conter as lágrimas*) Por meu gosto aceitava. Que futuro me espera fora do teatro? Ser costureira toda a vida? Casar com seu Eduardo, que não ganha o suficiente para viver solteiro? Encher-me de filhos e de cuidados? Se tenho realmente, como dizem, algum jeito para o teatro, não seria melhor aproveitar a minha habilidade?... (*Chora. Nisso ouve-se à direita grande bulha de louça quebrada.*)

D. RITA
Lá o moleque me quebrou mais louça! Com licença! Vou ver o que foi. (*Sai à direita.*)

CENA VIII

(*Frazão, Laudelina*)

LAUDELINA
(*Erguendo-se e enxugando os olhos*) Sr. Frazão, quando tenciona partir com a sua companhia?

FRAZÃO
Depois de amanhã, se até lá arranjar, como espero, uma primeira dama e os três contos de réis.

LAUDELINA
(*Resoluta*) Irei com o senhor.

FRAZÃO
A senhora? Mas, sua madrinha...

LAUDELINA
Tenho 22 anos, sou maior, sou senhora das minhas ações, posso dispor de mim como entender.

FRAZÃO
Não! Não quero contrariar essa senhora que lhe tem servido de mãe. E, deixe lá, no fundo ela não deixa de ter razão.

LAUDELINA
Amanhã procurá-lo-ei... Onde mora?

FRAZÃO
Numa casa de pensão. (*Dando-lhe um cartão*) Aí tem a minha residência. Mas veja o que vai fazer!

LAUDELINA
Descanse. Levarei hoje todo o dia a catequizar dindinha. Ela acabará, como sempre, por me fazer a vontade. E se não fizer, adeus! Não quero sacrificar-me ao bem que lhe devo!

FRAZÃO
Estás me assustando, filha! Não vá sua madrinha dizer...

LAUDELINA
Diga o que quiser! Não sou nenhuma criança! Amanhã procurá-lo-ei, Sr. Frazão. (*Guarda o cartão.*)

CENA IX

(*Frazão, Laudelina, D. Rita e depois Malaquias*)

D. RITA
Que estás dizendo?

LAUDELINA
A verdade! Quero ser atriz!...

FRAZÃO
Isso é uma coisa que se decidirá entre as senhoras. Lavo as mãos. E não digo mais nada! A minha responsabilidade fica salva! Minhas senhoras... (*Cumprimenta e sai pela esquerda.*)

D. RITA
Este homem veio te desencaminhar!...

LAUDELINA
Não, dindinha... se não fosse ele seria outro qualquer... seria o meu próprio instinto. Depois do almoço conversaremos... espero persuadi-la... o meu destino é esse!...

D. RITA

O teu destino é esse! Mas sabes o que te espera?

LAUDELINA

Será o que Deus quiser.

D. RITA

Pois olha, se fores para o tal mambembe, irei contigo! Não me separarei um momento de ti!

LAUDELINA

Terei com isso muito prazer.

D. RITA

Que dia aziago! O moleque me quebrou mais três pratos, e agora tu... *(Vendo entrar Malaquias)* Cá está o demônio! Devias ter levado uma coça!...

MALAQUIAS

Armoço tá na mesa.

D. RITA

Vamos almoçar.

LAUDELINA

Oh! O teatro!... A arte!... O público!... O imprevisto!... *(Sai.)*

D. RITA

O diabo do tal Frazão veio pôr ela doida!... *(Sai à direita.)*

MALAQUIAS

(Só, arremedando Laudelina) Oh! O teatro!... A arte!... O público!... moça tá assanhada. *(Sai à direita.)*
(MUTAÇÃO)

QUADRO II

(Botequim nos fundos de um armazém de bebidas. Ao fundo, além de uma arcada, o armazém com balcão e prateleiras e duas portas largas dando para a rua. À esquerda, a entrada de um bilhar. À direita, a parede com pipas e barris. Mesinhas redondas, de mármore. Bancos.)

CENA I

(Monteiro, Caixeiro, Lopes, Fábio, 1º Freguês, 2º Freguês, Fregueses)
(Ao levantar o pano, Monteiro, em mangas de camisa, percorre as mesas: é o dono da casa. Fábio, sentado a uma mesa à esquerda, escreve. Lopes, sentado ao fundo, lê um jornal. À direita, o 1º e o 2º fregueses bebem e conversam. Os outros fregueses fazem o mesmo. Durante o quadro, entram e saem fregueses no armazém ao fundo e são servidos pelo caixeiro. Vêm-se passar transeuntes na rua.)

PEQUENO CORO

Quer de noite, quer de dia
- quem já viu fortuna assim? -
Nunca falta freguesia
Neste belo botequim!

1º FREGUÊS

Ó Monteiro!

MONTEIRO

(Aproximando-se) Que é?

1º FREGUÊS

Quem é aquele sujeito que está escrevendo?
(Aponta à esquerda.)

MONTEIRO

É o Fábio.

1º FREGUÊS

Que faz ele?

MONTEIRO

Nada, que eu saiba.

2º FREGUÊS

Não lhe disse? É um vadio. Conheci-o empregado no comércio.

MONTEIRO

Sim, creio que foi... Depois fez-se poeta... andou a rabiscar nos jornais...

1º FREGUÊS

Que está ele escrevendo ali?

MONTEIRO

(Rindo) Aquilo é uma revista de ano em que há três anos trabalha.

2º FREGUÊS

Faz da tua casa o seu gabinete?

MONTEIRO

A esta hora é infalível àquela mesa... Pede uma garrafa de parati... escreve durante duas horas... Quando se levanta, tem a revista mais uma cena e ele está que não se pode lamber!

2º FREGUÊS

Coitado! Com semelhante processo de trabalho não poderá ir muito longe!

1º FREGUÊS

A tua casa é muito freqüentada por gente de teatro.

MONTEIRO

Pode-se dizer que não tenho outra freguesia. Isto é uma espécie de quartel-general dos nossos atores. Entre estas paredes discutem-se peças, arrasam-se empresários, amaldiçoam-se críticos, fazem-se e desfazem-se companhias.

2º FREGUÊS

Estão sempre a brigar uns com os outros.

MONTEIRO

Isso não quer dizer nada... Vocês vêm dois artistas dizerem-se horrores um do outro: parecem inimigos irreconciliáveis!... Mas, à primeira desgraça que aconteça a um deles, abraçam-se e beijam-se. Boa gente, digo-lhes eu, boa gente, injustamente julgada.

1º FREGUÊS

(Erguendo-se) Bom! São horas!

2º FREGUÊS

(Idem) Ainda é cedo. Vem daí jogar uma partida de pauzinho.

MONTEIRO

(Apontando para a esquerda) Ambos os bilhares estão desocupados.

OS DOIS

Vamos lá! Quanto levamos? *(Saem pela esquerda e daí a pouco ouvem-se as bolas batendo umas nas outras.)*

CENA II

(Monteiro, Fábio, Lopes, Brochado, Caixeiro, Fregueses)

MONTEIRO

(Indo ao encontro de Brochado, que entra) Oh! Sr. Brochado! De volta! Seja bem aparecido!

BROCHADO

É verdade, cheguei hoje... *(Dando-lhe uma nota)* e trago-lhe estes cinquenta por conta de maior quantia. Desculpe não pagar tudo.

MONTEIRO

Oh! Senhor mais deusa! Pague quando puder!...

BROCHADO

Vou ver se faço um benefício... Ah, meu amigo, aquilo lá fora está pior que no Rio de Janeiro! Mal por mal, antes aqui!... Sempre se encontra crédito!

MONTEIRO

Pois olhe, aqui está uma desgraça. O público espera pelas companhias estrangeiras.

BROCHADO

E dizer que um artista do meu valor não tem trabalho na capital do seu país! Ah! Meu caro Monteiro, se eu não considerasse a arte como um sacerdócio, se lhe não tivesse sacrificado toda a minha mocidade, toda a minha existência, há muito tempo teria abandonado o teatro!... Mas que quer?... Depois de ter tido no teatro a posição que tive, não hei de ir puxar uma carroça!

MONTEIRO

Na realidade, não se compreende que o senhor não esteja empregado!

BROCHADO

Onde queria você que eu me empregasse? Para trabalhar com quem? Nem “eles” me querem, porque lhes faço sombra, nem eu os quero, porque não me confundo. Dou ainda o meu recado. Ainda há dias, em São Paulo, levantei a platéia com uma simples poesia, a “Cerração no Mar”. Todos os espectadores ficaram de pé.

LOPES

(Que deixa o seu jornal e se aproxima) Eu estava lá.

BROCHADO

Ah! Tu estavas lá? É ou não é exato?

LOPES

Eu sou franco. Todos os espectadores se levantaram, mas foi para ir-se embora.

BROCHADO

Porque estava terminada a poesia.

LOPES

Faltavam ainda muitos versos. Tu és um bom artista, mas tens o defeito de não estudares nada novo. Desengana-te. Com essas velharias não chegas lá! Eu sou franco!

BROCHADO

Um ignorante é o que és! Sabes lá o que é bom e o que é mau! O que eu admiro é a tua audácia! Quem és tu?... Que tens feito no teatro?... E conheces-me por ventura? Já me viste no “Cabo Simão”... na “Pobre das Ruínas”? no “Paralítico”?... *(Lopes encolhe os ombros e volta ao seu jornal.)*

MONTEIRO

Bom! Não briguem! *(Afasta-se e vai ao balcão.)*

BROCHADO

Pretensioso!...

FÁBIO

(Que foi distraído pela discussão, levanta-se e vai a Brochado) Olá! Brochado, você por aqui! Fazia-o lá pela terra dos Andradas!

BROCHADO

Terminei a minha excursão.

FÁBIO

Em que companhia estava?

BROCHADO

Em que companhia? Ora essa! Que companhia acha você aí digna de mim? Ah! Não, eu não me confundo, meu caro poeta. Fiz a minha excursão sozinho.

FÁBIO

Sozinho?

BROCHADO

Antes só que mal acompanhado.

FÁBIO

E o repertório?

BROCHADO

Monólogos... poesias... cenas dramáticas... Eu cá me arranho. Quer saber qual foi um dos meus grandes sucessos? A fala do “Carnioli”, da “Dalila”!

FÁBIO

“Chorava o arco”?

BROCHADO

Essa mesma.

LOPES

(*Do seu lugar*) O Furtado Coelho dizia-a muito bem.

BROCHADO

Cala-te! Não sejas tolo! O Furtado era artificial... faltava-lhe isto... (*Bate no coração.*) e para dizer aquilo como deve ser dito, é indispensável isto... (*Idem.*)

LOPES

E isto! (*Bate na testa.*)

BROCHADO

Deixa estar que te hei de pedir umas lições. (*A Fábio*) Idiota! O Furtado não passava de um amador inteligente. Daqui a nada aquela azêmola vai dizer que o Dias Braga, o Eugênio e o Ferreira valem mais do que eu! (*Voltando-se para Lopes*) Olha, tenho pena que não me visses no tio Gaspar.

LOPES

Que! Você fez os “Sinos de Corneville”?

BROCHADO

Apenas a cena do castelo... reduzida a monólogo.

LOPES

Sem a armadura?

BROCHADO

Sim, sem a armadura. Onde queria você que eu fosse buscar uma armadura? Mas arranjei uns comparsas, que fizeram de fantasmas... (*Sentando-se*) Não gosto de falar dos mortos, mas olha que, para causar na platéia um entusiasmo indescritível, não precisei de uma cabeleira de arame, como o defunto Guilherme, que Deus perdoe.

LOPES

Deus te perdoe a ti, que tem mais que perdoar.

BROCHADO

Podes falar à vontade! Faça como o público: não te tomo a sério. (*À parte*) No Ribeirão Preto não há meio de arranjar uma cabeleira de arame! (*A Fábio, que se tem sentado de novo*) Que é isso?... Que está você a escrever?... Versos?...

FÁBIO

Não. Uma revista de ano.

BROCHADO

É o que dá. Como se intitula?

FÁBIO

“O Trouxa”.

BROCHADO

O título não é mau. Para que teatro é?

FÁBIO

Sei lá! Está escrita há três anos, de modo que de vez em quando tenho que modificá-la... pôr-lhe umas coisas... tirar-lhe outras, por causa da atualidade. Estou sempre a bolir-lhe!

BROCHADO

A sua revista é como o Teatro Lírico: sempre em obras.

FÁBIO

Dizem que o Ferraz vai organizar uma companhia para o Lucinda... Talvez inaugure com o “Trouxa”. Venha cá, sente-se aqui... quero ler-lhe umas cenas... (*Brochado vai sentar-se à mesa de Fábio.*)

BROCHADO

Se você pudesse encaixar aí um personagem dramático, que só dissesse monólogos... e que estivesse sempre sozinho em cena...

FÁBIO

Esse personagem pode ser o Progresso, e aparecer na cena do eixo da Avenida Central... Ou noutras que eu inventarei.

BROCHADO

Só assim eu poderia figurar numa dessas tropas fandangas.

FÁBIO

Ouçá lá! (*Gritando*) Ó menino, outra garrafa de parati! (*A Brochado*) Você toma outra coisa?

BROCHADO

Não; parati mesmo, que o do Monteiro é bom.

FÁBIO

Traga outro cálice! (*O Caixeiro, que estava no balcão, traz uma garrafa de parati e um cálice, que põe sobre a mesa de Fábio, e leva a outra garrafa, depois de se certificar, contra a luz, que ela está vazia. Fábio começa a ler a revista em voz baixa a Brochado, que está de costas para o público.*)

LOPES

(*Vendo Monteiro*) O Frazão marcou a reunião para o meio-dia em ponto, e já passa.

MONTEIRO

Mais um quarto de hora, menos um quarto de hora, não quer dizer nada. Ele anda atrapalhado. Ficaram de dar-lhe o cobre às onze e meia; pode ser que tenha havido qualquer demora. O dinheiro nunca é pontual. Olhe, aí vêm o Vilares e a Margarida.

CENA III

(*Os mesmos, Vilares, Margarida*)

VILARES

(*A Lopes*) Já chegou o homem?

LOPES

Ainda não.

MARGARIDA

Ele arranjará a primeira dama que procurava?

LOPES

Duvido. Não há nenhuma disponível.

MARGARIDA

A falar a verdade, não sei para que essa primeira dama. Não estou eu na companhia?

LOPES

Tu? (*Rindo*) Pf... Que pilhéria!

MARGARIDA

Pilhéria por quê?

VILARES

Eu sou suspeito... mas a Margarida não deixa de ter razão. Estou certo que daria conta do recado.

LOPES

Ó filho, pois seriamente entrou-te em cabeça que a Margarida pode fazer primeiros papéis?

VILARES

Mas por que não?

LOPES

Eu sou franco; ela...

MARGARIDA

Aqui no Rio de Janeiro não digo nada; mas no interior...

LOPES

Estás enganada: aqui no Rio de Janeiro é que o público engole tudo!

MARGARIDA

Achas então que não sirvo para nada?

LOPES

Não disse isso... tens o teu lugar no teatro... mas não podes fazer primeiros papéis. Eu sou franco!

TERCETINO**LOPES**

Eu não nego que és bonita,
Que és simpática também;
Nesse olhar o amor palpita,
Toda gente te quer bem;
Mas, menina, com franqueza:
Não te basta essa beleza.

VILARES

Queres tu desanimá-la?

LOPES

É sempre o que se diz a quem verdade fala!

MARGARIDA

Deixa-o dizer o que quiser...
Pois, meu amigo, no teatro,
Quando é bonita uma mulher
Pode fazer o diabo a quatro.

LOPES

Pode fazer, ninguém o nega,
Mas não é isso ser atriz!

VILARES

Deixa-a! Não sejas mau colega!

LOPES

A quem verdade fala é sempre o que se diz!

MARGARIDA

Tendo alguma habilidade,
Linda boca, olhos gentis,
Cinturinha de deidade,
Pode a gente
Certamente
Tanto aqui como em Paris
Ser no teatro um chamariz.

} bis

LOPES

Não é isso ser atriz;
Mas tu dizes a verdade...

OS TRÊS

Sim, tu dizes a verdade...
Sim, sim, sim, digo a verdade...
Tendo alguma habilidade,
Linda boca, olhos gentis, etc., etc.

} bis

LOPES

(*Falado*) Contenta-te com o teu lugar.

VILARES

Não digo nada porque sou suspeito.

LOPES

Porque estás com ela? Então também eu sou...

MARGARIDA

Ora essa! Então tu estás comigo?

LOPES

Não estou, mas já estive. E olha que nunca te enchi a cabeça de caraminholas!

CENA IV

(Os mesmos, Florêncio, Coutinho, Isaura, outros artistas que vêm chegando aos poucos, depois Vieira, depois Frazão.)

FLORÊNCIO

O Frazão já apareceu?

VILARES

Não; mas não deve tardar.

ISAURA

Ele arranjou a primeira dama?

LOPES

Não sei.

ISAURA

Se não arranjou, cá estou eu.

LOPES

Tu?!

ISAURA

Então?... À falta de outra...

LOPES

(A rir) Pfl... Eu sou franco: antes a Margarida.

ISAURA

Oh! A Margarida é uma principiante.

MARGARIDA

E tu és uma acabante!

LOPES

Ó filha, pois não vês que não podes dar senão caricatas?

FLORÊNCIO

(Consultando o relógio) Meio-dia e meia hora... aposto que ele não arranjou o arame.

VILARES

Aí vem o pessimista!

FLORÊNCIO

Pessimista, não: filósofo; espero sempre o pior.

COUTINHO

Duvido que o Frazão venha.

TODOS

Por quê?

COUTINHO

Era quase meio-dia quando ele tomou no Largo de São Francisco o bonde da Praia Formosa.

MARGARIDA

Que iria lá fazer?

COUTINHO

Sei lá!

FLORÊNCIO

Homem, se ele não aparecesse, não seria a primeira vez.

LOPES

Não sejas má língua! O Frazão foi sempre homem de palavra!

FLORÊNCIO

Queres me dizer a mim quem é o Frazão?

LOPES

Ele deve-te alguma coisa?

FLORÊNCIO

Não.

LOPES

Eu sou franco. Devias ser-lhe agradecido. Estás desempregado há dois anos, e ele lembrou-se agora de ti.

FLORÊNCIO

Porque precisava.

LOPES

Querem ver que também te propões a substituir a primeira dama? *(Risadas.)*

MARGARIDA

Quem sabe? Talvez esta demora seja porque ele anda atrás dela.

ISAURA

Porque não manda um telegrama à Réjane?

LOPES

Se a Réjane representasse em português, tu dirias o diabo dela! Eu sou franco. *(Entra Vieira todo vestido de preto, tipo fúnebre, fisionomia triste.)*

VIEIRA

Meus senhores, bom dia.

MARGARIDA

Como o Vieira vem triste!

VIEIRA

Algum dia me viste alegre?

COUTINHO

Sim, mas hoje estás mais triste que de costume.

VIEIRA

É, talvez, por causa desta viagem... vou deixar família... os filhos... não posso estar longe deles. Já tenho um nó na garganta.

FLORÊNCIO

E é que o Frazão não aparece! Pois olhem, sem adiantamento eu não posso me mexer.

VILARES

Nem eu!

COUTINHO

Nem eu. Vi uma casaca num belchior da Rua da Carioca, que me assenta como uma luva. O defunto tinha o meu corpo. Mas estou com medo de não a encontrar mais... Esta demora!

1º FREGUÊS

(Aparecendo à porta do bilhar com um taco na mão) Ó Monteiro, tens aí um pedaço de giz?

MONTEIRO

Lá vou. *(Acode ao 1º Freguês.)*

FLORÊNCIO

Mas, afinal, isto é um abuso! Nós não somos criados do Sr. Frazão!...

LOPES

Esperem! *(Começam todos os artistas a falar ao mesmo tempo, uns a defender outros a acusar a Frazão.)*

MONTEIRO

Que bulha é esta? Calem-se! *(Vai para a porta da rua.)*

CORO**UNS**

Tenham todos paciência!
O Frazão não tardará!
Sempre é muita impertinência
Dizer que ele virá.

OUTROS

Já me falta a paciência!
O Frazão tardando está!
É demais tanta insolência!
Grosseria assim não há!

MONTEIRO

(Vindo a correr do fundo)
Supondes que o Frazão pregou-nos uma peça?
Mudai de opinião,
Porquanto a toda pressa
Aí chega o Frazão!
(Frazão aparece à porta, entra esbaforido e senta-se num banco que lhe oferecem.)

CORO

Viva o Frazão!
Viva o Frazão!
É de palavra o maganão!

FRAZÃO

(Sentado) Quero tomar respiração.
(As mulheres abanam-no com seus leques.)

CORO

Toma, Frazão,
Respiração!

FRAZÃO

I
Por causa do dinheiro
Que neste embrulho está,
Andei o dia inteiro
De cá p'ra lá!
Fui a São Diogo,
A Andaraí,
A Botafogo,
E a Catumbi.

CORO

Foi a São Diogo, etc...

FRAZÃO

II
Andei toda a cidade,
Mexi, virei, corri!
Só apanhei metade
Do que pedi!
Fui às Paineiras,
Fui ao Caju,
Às Laranjeiras
E ao Cabuçu!

CORO

Foi às Paineiras, etc...

FRAZÃO

(Erguendo-se) É verdade! Vocês não imaginam como os tempos andam bicudos!

TODOS

Imaginamos.

FRAZÃO

Foi um verdadeiro trabalho de Hércules a conquista destes miseráveis dois contos de réis! E ainda me falta outro pacote que prometeram levar-me a casa logo às cinco horas, com toda a certeza. Se não vierem, estou frito!

TODOS

Hão de vir!

FRAZÃO

Vamos a isto! *(Dispõe ao centro da cena uma mesa e uma cadeira. Senta-se e tira do bolso um papel e um lápis.)*

MARGARIDA

(Durante esse movimento) Então? Já arranjou a primeira dama?

FRAZÃO

Já.

TODOS

Já! Que é? Quem é?...

FRAZÃO

É uma surpresa. A seu tempo saberão. Vamos aos adiantamentos. *(Chamando)* Lopes!

LOPES

Pronto!

FRAZÃO

(Dando-lhe dinheiro) Aí tens. Confere.

LOPES

Está certo.

FRAZÃO

Florêncio!

FLORÊNCIO

Pronto! *(Todos os artistas, de costas voltadas para*

o público, formam um círculo em volta da mesa em que está Frazão, distribuindo dinheiro. Entram do fundo, timidamente, D. Rita e Laudelina.)

CENA V

(Os mesmos, D. Rita, Laudelina)

D. RITA

É a primeira vez que entro nos fundos de uma venda!

LAUDELINA

Tenha paciência, dindinha, é por amor da arte...

(A Monteiro, que se aproxima, solícito) Tem a bondade de me dizer se é aqui o escritório da empresa Frazão?

MONTEIRO

Não, minha senhora... isto é o meu estabelecimento, não é escritório de nenhuma empresa.

LAUDELINA

Desculpe.

MONTEIRO

Mas é aqui que o senhor Frazão trata dos seus negócios.

D. RITA

Ele não está?

MONTEIRO

Está, sim senhora. Está ali fazendo o adiantamento aos artistas da companhia que hoje segue para fora. Se quiserem sentar-se e esperar um pouquinho? *(Dá-lhes dois bancos; elas sentam-se, agradecendo com gestos e sorrisos.)* As senhoras querem tomar alguma coisa?

AS DUAS

Muito obrigada.

MONTEIRO

(À parte) É bem boa...

LAUDELINA

Tenha a bondade de me dizer: aquele ator que ali está vestido de preto não é o Vieira?

MONTEIRO

É, sim senhora.

D. RITA

Que!... Aquele cômico tão engraçado... que faz rir tanto!...

MONTEIRO

Em cena. Fora de cena, tem uma cara de missa de sétimo dia. Está sempre triste. *(Afastando-se à parte)* Bem boa...

LAUDELINA

Como o teatro engana!

D. RITA

Menina, eu acho melhor irmos para casa. Uma carreira artística que começa nos fundos de uma venda não pode dar bons resultados.

LAUDELINA

Aí vem a senhora! Estamos comprometidas... Fomos ontem a casa do Frazão... já mandamos as nossas bagagens para a estrada de ferro... e ficamos de vir aqui hoje, a uma hora, para recebermos o adiantamento. Agora não podemos recuar.

D. RITA

Queira Deus que não te arrependas!

LAUDELINA

Nada me poderá suceder. Minha madrinha está a meu lado para proteger-me.

D. RITA

Tua madrinha! E quem protege ela? Eu também sou uma fraca mulher...

FRAZÃO

(Erguendo-se) Pronto, meus senhores! Já receberam os adiantamentos e os bilhetes de passagem. Tratem de mandar as suas bagagens para a estação, e às seis horas estejam a postos. O trem parte às seis e meia.

TODOS

Sim... sim... Descanse... não haverá novidade, etc...

FRAZÃO

Até lá!

TODOS

Até lá! *(Dispõem-se todos a sair.)*

FRAZÃO

(Vendo Laudelina) Ah, cá está ela!

TODOS

Quem?

FRAZÃO

A nossa primeira dama!

TODOS

Ah!

FRAZÃO

(Tomando Laudelina pela mão, apresentando-a aos artistas, canta)

Meus senhores, aqui lhes apresento
Uma nova colega de talento,
Que brilhante carreira principia
E faz parte da nossa companhia!

CORO

Receba, pois, o nosso cumprimento
Esta nova colega de talento,

} bis

Que brilhante carreira principia
E faz parte da nova companhia.

} bis

LAUDELINA

Não sei como agradeça, na verdade
Tanta amabilidade!

} bis

COPLAS**I**

Sou uma simples curiosa,
Que se quer fazer atriz;
Por não ser pretensiosa,
Eu espero ser feliz.
Tudo ignoro por enquanto
Da bela arte de Talma,
Mas prometo estudar tanto
Que o povinho enfim dirá:
Elle a quelque...
Quelque chose...
Elle a quelque chose lá!

CORO

Elle a quelque... etc.

II

O que me alenta e consola
Na carreira que me atrai,
É sair da mesma escola
De onde tanto artista sai.
Quanta moça analfabeta
Que não sabe o bê-a-bá
Fez-se atriz, atriz completa
E do público ouviu já:
Elle a quelque... etc.

CORO

Elle a quelque... etc.

FRAZÃO

Bom. Agora deixem-me tratar com estas
senhoras.

MARGARIDA

(Saindo com Vilares) A primeira dama, isto?

ISAURA

(A um outro artista) É tão feia! Tão desajeitada!

COUTINHO

Já tem a sua idade...

LOPES

(A D. Rita) A senhora também é atriz?

D. RITA

Não, senhor, sou sua madrinha e acompanho
ela.

LOPES

Ah!

VIEIRA

(Saindo, a Frazão) Vou para casa derramar
algumas lágrimas no seio da família. Estas
ausências matam-me! *(Saem todos os artistas da
companhia.)*

CENA VI

*(Monteiro, Caixeiro, Fábio, Brochado, Frazão, D.
Rita, Laudelina)*

FRAZÃO

Então? Prontas?

LAUDELINA

Prontas.

D. RITA

Deixei a casa entregue a uma comadre minha e
despedi o moleque. As bagagens já foram para a
estação.

FRAZÃO

Aqui têm os bilhetes da passagem... e o
adiantamento... *(Dá-lhes os bilhetes e o dinheiro.)*

LAUDELINA

O primeiro dinheiro ganho com o meu trabalho
artístico! *(Beija-o.)*

D. RITA

Ganho antes de trabalhar!

FRAZÃO

Está satisfeita?

LAUDELINA

Estou. Só levo um aperto no coração.

FRAZÃO

Qual é?

LAUDELINA

É seu Eduardo. Para que hei de mentir? Ele gosta
de mim... não sou ingrata...

FRAZÃO

Quem é seu Eduardo?

D. RITA

É o Luís Fernandes.

FRAZÃO

Ah! O tal que eu chamei arara...

LAUDELINA

Escrevi-lhe despedindo-me dele.

D. RITA

Coitado! *(A Frazão)* Bom, então até o trem!

FRAZÃO

Até o trem!

D. RITA

Olhe que se minha afilhada for infeliz, não lhe
perdôo, seu Frazão! Foi o senhor que
desencabeçou ela!

FRAZÃO

Há de ser muito feliz!

AS DUAS

Até logo! (*Saem.*)

FRAZÃO

Fiquei reduzido a dezoito mil réis.

CENA VII

(*Os mesmos, menos D. Rita e Laudelina*)

MONTEIRO

Você é dos diabos! Onde foi desencantar aquela jóia?...

FRAZÃO

Numa sociedade particular.

MONTEIRO

É séria?

FRAZÃO

É, sim, senhor! Não esteja a arregalar os olhos que aquilo não é para os seus beiços!

MONTEIRO

Nem para os seus.

FRAZÃO

Naturalmente. Serei um pai para ela. Sou um empresário moralizado.

MONTEIRO

Com que então custou-lhe muito a arranjar o cobre, heim? Andou pelas Paineiras, pelo Cabuçu!...

FRAZÃO

Não andei senão até a Prainha, mas suei o topete! E se o Madureira não me mandar o conto de réis que me prometeu, estou frito. Você bem me podia acudir...

MONTEIRO

É que...

FRAZÃO

Sim, já sei que dessa mata não sai coelho. Benza-o Deus! (*Reparando em Brochado e Fábio, que adormeceram de frente um do outro*) Que é aquilo? O Brochado? Não sabia que ele estivesse de volta!

MONTEIRO

Chegou hoje.

FRAZÃO

Já se cansou de impingir monólogos aos paulistas?

MONTEIRO

(*Examinando contra a luz a garrafa de parati*) Adormeceram ambos depois de esvaziar uma garrafa de parati. (*Sacudindo-os*) Eh! Lá, acordem!...

FRAZÃO

Bom! Vou tratar da vida! (*Sai pelos fundos.*)

BROCHADO

(*Sonhando*) Chorava o arco... chorava o madeiro... tudo chorava...

MONTEIRO

Acordem! (*Erguem-se os dois, esfregando os olhos.*)

BROCHADO

Meu poeta, o seu “Trouxa” fez-me dormir: não presta!

FÁBIO

(*Cambaleando*) Perdão: não foi o “Trouxa”, foi o parati. (*Forte na orquestra. Mutação.*)

QUADRO III

(*O corredor da casa de pensão em que mora Frazão. À esquerda, a porta da rua, e à direita, a cancela com cordão de campainha.*)

CENA I

(*Eduardo, depois um Criado*)

EDUARDO

(*Entrando*) É aqui! É aqui a casa de pensão em que mora esse maldito empresário! Recebi uma carta de Laudelina em que me participava que parte hoje no noturno com a companhia Frazão... Ainda me parece um sonho! Já pedi ao patrão licença e um adiantamento de dois a três meses... Hei de acompanhá-la por toda a parte! Não a deixarei sozinha por montes e vales, exposta sabe Deus a que perigos! Mas antes disso quero entender-me com este homem, que odeio, porque foi ele quem lhe meteu na cabeça essa loucura! Oh! Eu!... (*Vai puxar o cordão da campainha, mas arrepende-se.*) Tenhamos calma... Que vou dizer a esse empresário?... Com que direito aqui venho?... Oh, meu coração, meu pobre coração!

COPLAS**I**

Piedade eu te mereço,
Ó minha doce amada!
Esta alma torturada
Está por teu amor!
As mágoas que eu padeço
São grandes, muito grandes,
Porque nem Luís Fernandes
Amava assim Leonor.

II

Oh! Não me bastam cartas!
 No teu caminho incerto
 De ti quero estar perto,
 Ó minha linda flor!
 Aonde quer que partas,
 Por onde quer que tu andes,
 O teu Luís Fernandes
 Te seguirá, Leonor!...

Coragem! (*Toca a campainha.*) Também eu quero fazer parte da Companhia Frazão!...

CRIADO

(*Abrindo a cancela*) Quem é?

EDUARDO

Mora aqui o ator Frazão?

CRIADO

Sim, senhor.

EDUARDO

Está em casa?

CRIADO

Sim, senhor, e à sua espera! Vou chamá-lo! (*Sai.*)

CENA II

(*Eduardo, depois Frazão*)

EDUARDO

(*Só*) À minha espera? Isso é que não! À espera de outro será!

FRAZÃO

(*Entrando a correr*) Dê cá, meu amigo, dê cá! Estava pelos cabelos! Já passa das cinco! Dê cá!

EDUARDO

Dê cá o quê?

FRAZÃO

(*Reparando-o*) Desculpe... julguei que o senhor fosse portador do conto de réis do Madureira! Um conto que espero com impaciência! Mas não me engano: é o Luís Fernandes, de Catumbi!

EDUARDO

Sim, senhor!! É o Luís Fernandes, de Catumbi, que lhe vem perguntar: Frazão, que fizeste da Morgadinha?

FRAZÃO

A Morgadinha parte esta noite comigo no noturno: está na minha companhia.

EDUARDO

(*Furioso*) Na sua companhia?

FRAZÃO

Dramática... Na minha companhia dramática... Nada de trocadilhos! Descanse: a Morgada vai com ela.

EDUARDO

A Morgada não basta: é uma senhora. Eu, que a amo, que a adoro, que desejo que ela, só ela, seja mãe dos meus futuros filhos, quero acompanhá-la também, e venho oferecer-me para galã da companhia!

FRAZÃO

Galã? Já tenho o Lopes e estou com a folha muito sobrecarregada.

EDUARDO

Mas eu não quero que o senhor me pague ordenado.

FRAZÃO

Ah! Não quer? Por esse preço, convém-me. Pode ir; mas já distribuí todos os bilhetes de passagem.

EDUARDO

Também não quero que me pague a passagem. Peço apenas para fazer parte do elenco.

FRAZÃO

Pois não! E se o senhor me pudesse arranjar, pelo mesmo preço, um pai nobre que me falta...

EDUARDO

Pelo preço contente-se com um galã. E adeus! Vou preparar-me!

FRAZÃO

Adeus! Se encontrar pelo caminho um caixeiro, ou coisa que o valha, com um conto de réis na mão, diga-lhe que venha depressa!

EDUARDO

Bem. (*À parte*) Vou com ela! (*Sai.*)

CENA III

(*Frazão, depois o Criado*)

FRAZÃO

(*Consultando o relógio*) Cinco e vinte. Se demora mais dez minutos, já não apanho o trem, senão de tílbur! (*Chamando*) Ó Joaquim! Estou num formigueiro! Que maldade a do Madureira! Prometeu-me um conto de réis, e faltar à última hora! (*Ao Criado que entra*) Ó Joaquim, vai ali à praça buscar um tílbur! Depressa!

CRIADO

É já! (*Sai.*)

FRAZÃO

(*Só*) E levo esta vida há trinta anos! Pedindo hoje... pagando amanhã... tornando a pedir... tornando a pagar... sacando sobre o futuro... contando com o incerto... com a hipótese do ganho... com as alternativas da fortuna... sempre de boa fé, e sempre receoso de que duvidem de

mim, porque sou cômico, e ser cômico vem condenado de longe... Mas por que persisto?... por que não fujo à tentação de andar com o meu mambembe às costas, afrontando o fado?... Perguntem às mariposas por que se queimam na luz... perguntem aos cães por que não fogem quando avistam ao longe a carrocinha da prefeitura, mas não perguntem a um empresário de teatro por que não é outra coisa senão um empresário de teatro... Isto é uma fatalidade a que nos condena o nosso próprio temperamento. O jogador é infeliz porque joga? O fraco bebedor porque bebe?... Também isto é um vício, e um vício terrível, porque ninguém como tal o considera, e, portanto, é confessável, não é uma vergonha, é uma profissão... uma profissão... uma profissão que absorve toda a atividade... toda a energia... todas as forças, e para quê?... Qual o resultado de todo este afã? Chegar desamparado e paupérrimo a uma velhice cansada! Aí está o que é ser empresário no Brasil! Mas esse conto de réis que não chega!

CRIADO

(Entrando) O tílbur! Aí está!

FRAZÃO

Falta apenas um quarto de hora para a partida do trem. Vou pôr o chapéu e tomar o tílbur! Entrego-me à sorte, ao deus-dará! *(Sai à direita.)*

CENA IV

(O Criado, um Velhote)

CRIADO

(Só) Coitado do senhor Frazão! Parece que lhe roeram a corda! *(Vai saindo.)*

VELHOTE

(Entrando muito devagar e falando descansado) Psiu! Ó amigo!

CRIADO

Que é?

VELHOTE

Mora aqui um cômico por nome Frazão?

CRIADO

Mora, sim, senhor. É o senhor que lhe vem trazer um dinheiro?

VELHOTE

Que tem o senhor com isso?

CRIADO

Ele está impaciente à sua espera! São quase horas do trem!

VELHOTE

Ah! Tem pressa? Pois eu não tenho nenhuma.

CRIADO

Vou chamá-lo. *(Sai.)*

CENA V

(O Velhote, depois Frazão)

VELHOTE

(Só) O Sr. Madureira faz mal. Emprestar um conto de réis a um cômico! Isto é gentinha a quem não se deve fiar nem um alfinete! Como sou amigo do Sr. Madureira, que é um excelente patrão, demorei-me quanto pude no caminho, a ver se o tal Frazão partia sem o dinheiro! Este há de o Sr. Madureira ver por um óculo!

FRAZÃO

(Entrando de mala na mão e guarda-pó debaixo do braço) Então, o dinheiro?

VELHOTE

Cá está! *(Tirando um maço de notas)* Venha primeiro o recibo!

FRAZÃO

Que recibo que nada! Mandá-lo-ei pelo correio. *(Toma o dinheiro e sai correndo.)*

VELHOTE

Venha cá! Venha cá! Quero o recibo! *(Sai correndo.)*

(MUTAÇÃO)

(Música na orquestra até o final do ato.)

QUADRO IV

(Na plataforma da Estação Central da estrada de ferro.)

CENA I

(A Companhia Frazão, amigos, o Chefe do Trem, depois Frazão.)

(Ao erguer o pano, o trem, que tem de levar a companhia, está prestes a sair. Alguns artistas espiam pelas portinholas, inquietos por não verem chegar Frazão.)

ARTISTAS

O Frazão? O Frazão!

VOZES

Não arranjou o dinheiro!

OUTROS

Que será de nós?

CHEFE DO TREM

(Apitando) Quem tem que embarcar embarca! *(Embarca. O trem põe-se em movimento. Entra Frazão a correr.)*

ARTISTAS

É ele! Pára! Pára!

FRAZÃO

Pára! *(Atira a mala para dentro do trem, pendura-se no tênder do último carro-dormitório. O trem desaparece, levando Frazão pendurado, enquanto as pessoas que se acham na plataforma riem e aplaudem. Cai o pano.)*

SEGUNDO ATO**QUADRO V**

(Praça numa cidade do interior. À esquerda, uma grande árvore e, à direita, um sobrado de duas janelas, onde mora o coronel Pantaleão.)

CENA I

(D. Rita, Laudelina, Eduardo, Vilares, Margarida, Florêncio, Coutinho, Vieira, Artistas, Pessoas do Povo.)

(Ao levantar o pano, os artistas e as pessoas do povo formam dois grupos distintos, aqueles à esquerda, debaixo da árvore, e estes à direita, fundos. As bagagens da Companhia Frazão, caixões, malas, sacos de viagem, pacotes, etc., estão debaixo da árvore. Os artistas estão uns sentados nas malas, outros de pé e ainda outros deitados, parecendo todos fatigados por uma viagem penosa. D. Rita dorme a sono solto, sentada numa das malas, e Vieira, também sentado e um pouco afastado dos companheiros, lê uma carta, sempre com o seu ar fúnebre. As pessoas do povo examinam os artistas de longe, curiosamente, mas como receosas de se aproximarem deles.)

CORO DAS PESSOAS DO POVO

Aquela gente, de surpresa
Aqui na terra amanheceu!
E ninguém sabe com certeza
Como foi que ela apareceu!

UNS

São ciganos!

OUTROS

São artistas!

UNS

São ciganos!

OUTROS

Não insistas!

UNS

São ciganos!

OUTROS

Não há tal!

Com certeza é pessoal

Teatral!

OS ARTISTAS

(Entre si)

Aquela gente não se aproxima...

Falar deseja, mas não se anima.

Está decerto desconfiada

De que nós somos ladrões de estrada,

E de que temos, talvez, vontade

De saquear-lhes toda a cidade!

JUNÇÃO DOS DOIS COROS

Aquela gente, de surpresa, etc.

Aquela gente não se aproxima, etc., etc.

LAUDELINA

Como estão desconfiados!

EDUARDO

Que olhares nos lançam!

FLORÊNCIO

Demo-nos a conhecer.

VILARES

Sim, porque do contrário são capazes de nos correr a pedrada!

MARGARIDA

(A Eduardo) Tu, que és o nosso orador oficial, vai ter com eles.

EDUARDO

Dizes bem. Vou dirigir-lhes a palavra!

(Encaminhando-se para as pessoas do povo) Meus senhores... *(Vendo Eduardo aproximar-se, as pessoas do povo soltam um grito estridente, e fogem por todos os lados. Só ficam em cena os artistas, que, à exceção de Vieira, riem às gargalhadas.)* Bonito! Fugiram todos!

VILARES

Estamos arranjadinhos... Aqui o público foge dos artistas!...

COUTINHO

Eu bem disse que não viéssemos cá... que era asneira!

MARGARIDA

Mas que lembrança do Frazão! Vir a uma cidade que ele não conhecia e onde não conhecia ninguém!

FLORÊNCIO

Sem trazer sequer uma carta de recomendação!

EDUARDO

Nem dinheiro!

LAUDELINA

(A Eduardo) Olhe, dindinha adormeceu...

EDUARDO

Pudera! Com esta viagem de três dias!

LAUDELINA

Se ainda fosse em trem de ferro, mas em carros de boi!

VILARES

E em burros!

FLORÊNCIO

(*Olhando para D. Rita*) Pudesse eu fazer o mesmo! Se apanho uma cama, há de me parecer um sonho! (*Vieira soluça forte.*)

TODOS

(*Voltando-se*) Que é isso?

VILARES

É o Vieira, que chora! Recebeu há cinco dias aquela carta da família, e tantas vezes a tem lido que já deve sabê-la de cor e salteada!

FLORÊNCIO

Assim decorasse ele os seus papéis!

VIEIRA

(*Como para si*) Meus pobres filhos!

MARGARIDA

Estão doentes?

VIEIRA

Não, mas estão longe, muito longe!

EDUARDO

Vê, D. Laudelina, em que deu a sua loucura? Que triste desilusão! Durante o primeiro mês a coisa não foi mal, mas daí por diante tem sido o diabo. Estavam-nos reservadas todas as contrariedades.

VILARES

Todas? Falas assim porque és marinheiro de primeira viagem. Pelo menos o nosso empresário até hoje nos tem pago em dia...

FLORÊNCIO

Pois sim, mas durante as viagens suspende os ordenados!

COUTINHO

E como levamos todo o tempo a viajar...

VIEIRA

(*Fúnebre*) É com dificuldade que se manda algum socorro à família.

MARGARIDA

Outro que não fosse o Frazão já nos teria abandonado. Isso é que é verdade!

VILARES

O caso é que temos vivido... e que ele pouco deve. O seu primeiro cuidado foi mandar pagar no Rio de Janeiro os três contos de réis que pediu emprestados.

COUTINHO

Fez mal em pagar tão depressa: ficou sem fundo de reserva.

FLORÊNCIO

Qual ficou, qual nada! Pois vocês acreditam que o Frazão não tenha dinheiro?

TODOS

(*Protestando*) Não! Isso não! Oh!...

FLORÊNCIO

Ora! Querem vocês conhecê-lo melhor do que eu! Aquele sabe viver!

MARGARIDA

És muito má língua! O que vale é que ninguém faz caso do que tu dizes.

FLORÊNCIO

Bem fez o Lopes: quando viu que a coisa desandava, rodou, e por aqui é o caminho.

LAUDELINA

Perdão, Sr. Florêncio, não foi por isso que o Sr. Lopes se retirou.

EDUARDO

Foi porque ficou enciumado comigo, e disse que a companhia não precisava de dois galãs dramáticos.

VILARES

Pudera! Se D. Laudelina não queria representar senão contigo!

LAUDELINA

Porque o Sr. Lopes não era sério... fazia muito ao vivo os seus papéis...

COUTINHO

É um artista consciencioso.

D. RITA

(*Que abriu os olhos*) Pois sim, mas não precisava beijar ela quando a peça não mandava! (*Risos.*)

MARGARIDA

Ah! Isso é costume antigo do Lopes. Foi assim que começaram os nossos amores... e foi por isso que o deixei, porque, depois de estar comigo, entendeu que devia continuar a fazer o mesmo com as outras... Todas as vezes que entrava para a companhia uma atriz nova e bonita, ele abusava dos beijos!

LAUDELINA

E dos abraços! E dos apertos de mão!

D. RITA

(*Erguendo-se*) Eu cá é que nunca imaginei representar senão em sociedades particulares onde os beijos são suprimidos. O artigo 17 dos estatutos do Grêmio Dramático Familiar de Catumbi diz o seguinte: É proibido aos

amadores beijar as amadoras em cena, a menos que para isso estejam autorizados por quem de direito.

EDUARDO

Mas o Frazão teve a habilidade de convencê-la de que a senhora devia substituir a Engrácia!

FLORÊNCIO

Substituir é um modo de dizer, meu caro amigo... uma amadora não substitui uma artista...

D. RITA

Ora quem sabe! Talvez o senhor se julgue insubst... insubst...

TODOS

Insubstituível.

D. RITA

Quem sabe? Pois agradeçam à Providência haver à mão uma amadora, porque, se assim não fosse, muitas peças ficavam desmontadas!

VILARES

Tem razão, D. Rita: com peças desmontadas não se faz fogo! *(Risadas.)*

FLORÊNCIO

Mas o Frazão, o Frazão que não volta!

COUINHO

Há uma hora que foi procurar um hotel... e deixou-nos acampados aqui, como um bando de ciganos.

FLORÊNCIO

Sabe Deus se não passou as palhetas!

TODOS

(Protestando) Oh!

FLORÊNCIO

Vocês não o conhecem, como eu!

MARGARIDA

Cala a boca, má língua! Ali vem ele!

TODOS

Ah! *(Erguem-se todos os artistas que estavam sentados ou deitados. Frazão entra do fundo à direita com as mãos nas algibeiras, o chapéu deitado para trás e fisionomia contrariada.)*

CENA II

(Os mesmos, Frazão)

ARTISTAS

Então? Arranjou um hotel? *(Frazão passeia de um lado para outro sem responder.)* Então? Fale! Responda! *(Mesmo jogo de cena.)* Vamos! Diga alguma coisa!

FRAZÃO

(Parando) Sebo! Três vezes sebo! *(Pausa. Ansiedade geral.)* Há nesta próspera e florescente cidade de Tocos, um hotel... um único... o Hotel dos Viajantes...

LAUDELINA

Então estamos bem.

FRAZÃO

Bem mal. O dono do hotel diz que não tem lugar nem comida para tanta gente.

D. RITA

Mas ao menos eu e minha afilhada, que somos as principais figuras da companhia...

VILARES

Protesto!

MARGARIDA

Olhem a velha!

FLORÊNCIO

Aqui não há primeiras figuras!

COUINHO

Toleirona!

OUTROS ARTISTAS

Isso é que não! Alto lá!... *(As quatro falas precedentes são ao mesmo tempo.)*

FRAZÃO

Desculpem-na. D. Rita não tem ainda bastante prática do ofício... não sabe guardar as conveniências.

VIEIRA

(Num tom fúnebre) A primeira figura da companhia, modéstia à parte, e sem ofender os colegas, sou eu.

FRAZÃO

Tem razão, Vieira. Pelo menos, depois de mim, és o que mais agrada.

VIEIRA

(No mesmo tom) Quando estou em cena, o público torce-se de riso...

D. RITA

Por isso aquele crítico de Uberaba disse que o senhor tinha muita noz vômica.

FRAZÃO

Que noz vômica! Veia cômica! *(Risadas.)*

VILARES

Mas vamos ao que serve... O hotel?... Quantos cabemos lá?

FRAZÃO

Nenhum, porque o homem diz que não fia.

EDUARDO

Por quê?

FRAZÃO

A última companhia que aqui esteve pregou-lhe um calo de 487\$200.

LAUDELINA

Como o senhor decorou a quantia!

FRAZÃO

Pelo hábito de decorar os papéis. Fiz-lhe ver que havia muita diferença entre um empresário da minha categoria e o Chico dos Tiros, que aqui esteve; mas todo o meu talento, toda a minha eloquência, todos os meus esforços foram vãos!

TODOS

Oh!

VILARES

Insiste-se.

FRAZÃO

Não há que insistir. O dono do Hotel dos Viajantes é um antigo colega nosso.

TODOS

Sim? Um ator?

FRAZÃO

Um ator muito ordinário. Veio há muitos anos para esta cidade com um mambembe que aqui se dissolveu. Diz ele que conhece a classe. Respondi-lhe com uma descompostura daquelas... vocês sabem!... E contive-me para não lhe quebrar a focinheira!

FLORÊNCIO

Que grande patife! Não saíamos daqui sem lhe dar uma lição!

TODOS

Apoiado!

FRAZÃO

(Levando o dedo polegar à testa) Tenho uma idéia!

TODOS

Uma idéia! Qual?

FRAZÃO

Onde dormimos nós esses três dias que levamos do Tinguá até aqui?

LAUDELINA

Nos carros que nos trouxeram.

FRAZÃO

Pois bem, hospedemo-nos neles, até acharmos casa.

EDUARDO

Pois o senhor não viu que mal nos apeamos dos burros e as senhoras desceram dos carros, tudo voltou para o Tinguá?

VILARES

Só ficou o carreiro para receber nestes três dias

os 200\$000 da condução.

FRAZÃO

É isso, é *(Com um repente, elevando a voz e erguendo as mãos para o céu)* Manes de Téspis e de Molière! Alma do defunto Cabral, o maior mambembeiro de que há notícia nos fastos da arte nacional, inspirai-me nesta situação tremenda!... *(A Vilares, indicando-lhe uma rua)* Ó Vilares, vai tu com a Margarida por esta rua fora, e façam o possível para descobrir alguma coisa.

VILARES

Está dito! *(A Margarida)* Nem que seja só para nós.

FRAZÃO

O ponto de reunião é nesta praça, daqui a uma hora.

MARGARIDA

Vamos cavar. *(Sai com Vilares.)*

FRAZÃO

Florêncio, vai com a Marcelina por esta outra rua.

FLORÊNCIO

Por que com a Marcelina?

FRAZÃO

Para parecer gente casada... Oh! Eu sei o que são estes lugares!...

FLORÊNCIO

Vamos lá. *(Sai com uma das coristas.)*

FRAZÃO

Coutinho, embica por acolá, e leva contigo a Josefina.

COUTINHO

Anda daí! Olha que vais passar por minha mulher! Vê lá como te portas! *(Saem.)*

FRAZÃO

Tu, Vieira...

VIEIRA

Deixa-me. Vou informar-me onde é o cemitério, e passar lá uma hora... apraz-me o silêncio dos túmulos. *(Sai.)*

FRAZÃO

(Contemplando-o enquanto ele vai saindo) Quem será capaz de dizer que ali vai o rei da gargalhada? *(Distribuindo outros atores e atrizes)* Vocês por aqui... vocês por ali... *(A um ator velho)* Tu, meu velho, ficas tomando conta da bagagem. *(Têm saído todos, menos Frazão e D. Rita, Laudelina, Eduardo e o Ator Velho.)* Eu e D. Rita vamos por este lado. O Eduardo e a Laudelina por aquele...

D. RITA

Não. O melhor é seu Eduardo ir com o senhor, e eu com Laudelina.

LAUDELINA

Oh! Dindinha! É para parecermos todos casados!

D. RITA

Nesse caso, vai com seu Frazão e eu vou com seu Eduardo.

FRAZÃO

Como eu disse está bem! Que receia a senhora? Pois se não temos casa, quanto mais quartos!

D. RITA

Enfim... *(Sai com Frazão.)*

EDUARDO

(À parte) Passar por marido dela! Que ironia da sorte! *(Sai com Laudelina.)*

CENA III

(Irineu, o Velho Ator, sentado numa das malas, depois Pantaleão)

IRINEU

(Entrando da direita alta, estacando diante das bagagens) Que é isto? Ah! Já sei... é a bagagem da companhia dramática chegada hoje do Tinguá! *(Ao Velho Ator)* Não é? *(Sinal afirmativo do Velho Ator)* Eu vinha justamente dar esta grande novidade ao coronel Pantaleão. *(Indo bater à porta de Pantaleão)* Coronel! Coronel! Na sua qualidade de dramaturgo, ele vai ficar contentíssimo com a notícia!

PANTALEÃO

(Aparecendo à janela do sobrado em mangas de camisa) Quem é? Ah! É você, capitão?

IRINEU

Em primeiro lugar, cumprimento a Vossa Senhoria por ser hoje o dia do seu aniversário natalício, e colher mais uma flor no jardim da sua preciosa existência.

PANTALEÃO

Muito obrigado!

IRINEU

Em segundo lugar, dou-lhe uma notícia, uma grande notícia que interessa a Vossa Senhoria, não só como ilustre presidente da Câmara Municipal de Tocos, mas também, e principalmente, como dramaturgo!

PANTALEÃO

Ah! Sim? Qual é?...

IRINEU

Chegou esta manhã, há uma hora, uma companhia dramática!

PANTALEÃO

Uma companhia dramática! Que está dizendo?

IRINEU

Para a prova aqui estão as bagagens. *(Lendo o letreiro de uma caixa)* “Companhia Frazão.”

PANTALEÃO

Frazão? Será o célebre, o popularíssimo Frazão?

IRINEU

Deve ser. Não creio que haja dois Frazões.

PANTALEÃO

Vou vestir o rodague e desço já! *(Saindo da janela)* Ó D. Bertolesa!

IRINEU

Ficou entusiasmado! Já não quer saber de outra coisa! O teatro é a sua cachaça! Quem não deve gostar é D. Bertolesa, que tem muitos ciúmes das cômicas.

PANTALEÃO

(Saindo de casa a vestir o rodague) Ora muito me diz! Uma companhia dramática! *(Vai examinar as bagagens e cumprimenta o Velho Ator.)* O senhor é o célebre Frazão?

VELHO ATOR

Ai, não, senhor, quem me dera!

PANTALEÃO

Mas é artista?

VELHO ATOR

Sim, senhor, do pano fundo... só faço pontas.

PANTALEÃO

(A Irineu) Diz que só faz pontas. Esta linguagem teatral é incompreensível!

IRINEU

Já sei que Vossa Senhoria vai de novo fazer representar o seu drama?

PANTALEÃO

Não me fale! Um drama que me obrigou a estudos de história, de geografia, da mitologia e da Bíblia, para afinal não ser compreendido por estes idiotas!...

IRINEU

Ele foi pateado porque o Chico dos Tiros não o pôs em cena como devia pôr.

PANTALEÃO

Como não, se gastei perto de cinco contos de réis? Foi o major Eufrázio que promoveu a pateada, por fazer oposição à municipalidade! Mandou para o teatro toda a sua gente!...

IRINEU

E a coisa acabou num formidável turumbanda! O subdelegado suspendeu o espetáculo!

PANTALEÃO

E a representação não acabou! Ah! Mas o meu drama há de ir à cena, quer queiram, quer não queiram! Você já viu o Frazão?

IRINEU

Já... isto é, creio que foi ele que eu vi, no Hotel dos Viajantes, passando uma descompostura ao tenente Gaudêncio, porque este não quis hospedar a companhia.

PANTALEÃO

O Gaudêncio está escabreado.

CENA IV

(Os mesmos, Eduardo e Laudelina)

EDUARDO

E esta! Demos uma volta e, sem querer, viemos ter à mesma praça de onde saíramos!

LAUDELINA

Estão ali dois sujeitos... pergunte-lhes...

EDUARDO

(Dirigindo-se a Pantaleão e cumprimentando-o com muita cortesia) Bom dia. O cavalheiro dá-me uma informação?

PANTALEÃO

Pois não! Se puder... *(Acotovela Irineu, mostrando-lhe Laudelina com os olhos que arregala.)*

EDUARDO

Indica-me com quem se poderá nesta cidade contratar casa e comida para o pessoal da grande Companhia Dramática Frazão, do Teatro S. Pedro de Alcântara, da Capital Federal, que vem dar aqui uma pequena série de representações?

PANTALEÃO

Ah! Os senhores são artistas?

EDUARDO

Eu sou o galã e esta senhora é a primeira dama da companhia.

PANTALEÃO

Minha senhora... *(À parte)* É um pancadão!

LAUDELINA

Meus senhores...

IRINEU

Excelentíssima!... *(À parte)* Que tetéia!...

EDUARDO

A companhia é dirigida pelo afamado e ilustre ator Frazão, e traz um escolhido repertório de dramas e comédias.

PANTALEÃO

De dramas?... Representam dramas?... Dramas compridos, que levam muito tempo?

LAUDELINA

Compridos e curtos!

EDUARDO

De todos os tamanhos!

PANTALEÃO

(Subindo) Esta é a bagagem?

EDUARDO

Sim, senhor.

PANTALEÃO

Não deve ficar na rua. Vou mandá-la para o teatro. *(A Irineu)* Capitão Irineu, você fica encarregado disso. A chave do teatro está ali em casa. Peça-a a D. Bertolesa.

IRINEU

Às ordens de Vossa Senhoria. *(Entra em casa de Pantaleão.)*

EDUARDO

(Alegre) Ah! O cavalheiro é o dono do teatro?

PANTALEÃO

Quase.

LAUDELINA

Como quase?

PANTALEÃO

O teatro é da municipalidade... e como eu sou presidente da Câmara Municipal...

EDUARDO E LAUDELINA

Ah!

PANTALEÃO

É como se fosse dono do teatro.

EDUARDO E LAUDELINA

Ê.

IRINEU

(Saindo da casa de Pantaleão) Aqui está a chave do templo das Musas. Vou abri-lo! *(A Eduardo)* Quer vê-lo?

EDUARDO

Pois não! *(Baixo a Laudelina)* Trate de agradá-lo. *(Sai com Irineu. Ao sair, recomenda ao Velho Ator, por um gesto, que tenha olho em Laudelina. O Velho Ator, por outro gesto, diz-lhe que vá descansado.)*

CENA V

(Pantaleão, Laudelina, o Velho Ator)

LAUDELINA

(À parte) Agradá-lo como?...

PANTALEÃO

Com que então a senhora é a primeira dama?

LAUDELINA

Sim, senhor.

PANTALEÃO

A sua graça é?...

LAUDELINA

Laudelina Gaioso, uma criada.

PANTALEÃO

Pois eu sou Pantaleão Praxedes Gomes, comandante superior da Guarda Nacional, negociante, venerável da maçonaria, presidente da Câmara Municipal e autor do drama em 12 atos e 21 quadros: “A Passagem do Mar Amarelo”.

LAUDELINA

Ah! É dramaturgo?

PANTALEÃO

(*Modestamente*) Sim... dramaturgo.

LAUDELINA

(*À parte*) Ai, o Frazão aqui! (*Alto*) Por que não aproveita a nossa vinda, e não pede ao empresário que leve a sua peça?

PANTALEÃO

Se ele quiser... O drama está montado... os cenários e vestuários estão no teatro. O papel da primeira dama é um papelão!

LAUDELINA

Deveras?

PANTALEÃO

Ouçã esta fala: “Faraó é religioso nas suas crenças e inimigo de Moisés, a quem hostilizou em todos os terrenos, tanto que, regressando da guerra, por um decreto real, proibiu aos habitantes de Mênfis dar casa e comida a esse povo...”

LAUDELINA

Casa e comida? Mas olhe que não somos hebreus!

PANTALEÃO

Não me refiro à companhia (*Outro tom*)... “a esse povo, e ainda sinto horror ao recordar-me da crueldade dos soldados e esbirros torturando essas vítimas inocentes!”

LAUDELINA

Mas deixe-me dizer... O mar Amarelo fica entre a China e o Japão, e o senhor fala em Moisés e Faraó. Creio que se enganou de cor: deve ser o mar Vermelho.

PANTALEÃO

Vejo que a senhora sabe geografia. Ainda bem! Eu lhe explico: o assunto do drama, é, realmente, a ida do povo de Moisés à Terra da Promissão, mas se eu fizesse sair ali da Palestina para levá-lo

ao Egito, passando pelo mar Vermelho, seria uma coisa à-toa! Quis dar mais peripécias ao drama. Fiz com que o povo desse uma volta maior. Levei-o pela Sibéria, para haver uma cena nos gelos... De lá ele desce à Manchúria, da Manchúria à Coréia, da Coréia ao Japão, do Japão atravessam o mar Amarelo. Fim do 6º ato. No dia seguinte...

LAUDELINA

Como no dia seguinte?

PANTALEÃO

O meu drama leva dois dias a representar-se. Então a senhora queria que eu fizesse toda essa viagem em uma noite só? No dia seguinte, o povo de Moisés vem pela China, Índustão, Afeganistão, Beluquistão, Arábia, e então é que passa o mar Vermelho! Fim do ato décimo segundo!

LAUDELINA

Deve ser bonito!

DUETINO**PANTALEÃO**

Creia, senhora, que o meu drama Não é de todo mau; talvez Que ao dramaturgo desse fama, Se fosse acaso ele francês; Porém metido aqui na roça, Sem um estímulo qualquer, Autor não há de alçar-se possa, Tenha o talento que tiver!

LAUDELINA

Coronel, por que razão Não aprende o francês e não vai para a França?

PANTALEÃO

Senhora, eu já não sou criança: Não posso ter essa ambição. Demais a mais eu sou casado e pai de filhos, E tenho muitos outros empecilhos.

LAUDELINA

Sim, já me disse vossa senhoria Que é venerável da maçonaria...

PANTALEÃO

E coronel da Guarda Nacional...

LAUDELINA

E presidente...

PANTALEÃO

Perfeitamente...

AMBOS

Da Câmara Municipal. (*Três ou quatro vezes*)

LAUDELINA

Tarda-me ver no programa
Da Companhia Frazão
Anunciado o seu drama
Que espero ser um dramão.

PANTALEÃO

Um dramão?

LAUDELINA

Não quis dizer um dramalhão.
Hei de vê-lo fazendo furor,
E o povinho gritando – que belo! –
Bravos! Bravos! À cena o autor
Da "Passagem do Mar Amarelo!"
(*Bis pelos dois.*)

PANTALEÃO

Agradece-lhe tanta simpatia
O venerável da maçonaria...

LAUDELINA

E o coronel da Guarda Nacional...

PANTALEÃO

E presidente...

LAUDELINA

Perfeitamente...

AMBOS

Da Câmara Municipal! (*Repetem quatro vezes.*)
Municipal!

LAUDELINA

Fale hoje mesmo ao Frazão, que não tarda aí.

PANTALEÃO

Logo mais, agora não tenho tempo: estou pondo
em ordem uns papéis da Câmara. Demais, faço
hoje anos, e é provável que os amigos repitam o
que têm feito nos anos anteriores... uma
manifestaçãozinha espontânea... Preciso mandar
avisa alguns.

LAUDELINA

Avisá-los para quê? Se é espontânea...

PANTALEÃO

Sim, mas talvez não se lembrem. Aqui não é
como no Rio de Janeiro, onde há jornais para
anunciar quem faz anos. O boticário é o
promotor da manifestação. Pelo menos o tem
sido nos outros anos.

LAUDELINA

O boticário?

PANTALEÃO

Sim, o capitão Irineu... aquele que ainda há
pouco saiu daqui com o seu marido.

LAUDELINA

Meu marido, não.

PANTALEÃO

Ah! Não são casados?

LAUDELINA

Nem casados nem outra coisa.

PANTALEÃO

Desculpe... mas como a vi ao lado dele...

LAUDELINA

Não quer dizer nada.

PANTALEÃO

Seu marido é outro?

LAUDELINA

Não, senhor. Eu sou solteira.

PANTALEÃO

(*Contente*) Ah! É solteira?

LAUDELINA

(*À parte*) Já tardava!

PANTALEÃO

Bom... até logo... Vou ver os papéis da Câmara!

LAUDELINA

Até logo, senhor coronel.

PANTALEÃO

(*À parte*) Solteira! (*Entra em casa.*)

LAUDELINA

E dizer que em toda a parte tem sido a mesma
coisa: não há pedaço d'asno que não me faça
perguntinhas impertinentes... Não! Noutro
mambembe não me apanham nem que me
dourem!... Mas é preciso avisar o Frazão da
existência providencial deste dramaturgo de
Tocos.

CENA VI

(*Laudelina, Velho Ator, Eduardo, Irineu e
carregadores.*)

EDUARDO

(*À Laudelina, coçando as pernas*) O teatro não
presta para nada, mas em compensação tem
muitas pulgas.

IRINEU

(*Que também se coça, aos carregadores*) Levem
tudo isto para o teatro! (*Os carregadores
obedecem, ajudados por Eduardo e pelo Velho
Ator.*)

LAUDELINA

(*A Irineu*) Capitão, dá-me uma palavra?

IRINEU

Oh, minha senhora!... Duas, três, quantas
queira! (*À parte, coçando-se*) É uma tetéia!...

LAUDELINA

É verdade que o senhor vai promover uma

manifestação ao coronel presidente da Câmara?

IRINEU

Quem lhe disse?

LAUDELINA

Ele mesmo.

IRINEU

Ah! Está com a boca doce? Mas nessa não caio eu! Há já três anos que faço tal engrossamento, e ainda não sou vereador. Só a música me tem custado 75\$000.

LAUDELINA

Por ano?

IRINEU

Ah! Não! 25\$000 de cada vez. Fora os foguetes!

LAUDELINA

Não é caro.

IRINEU

Ainda mesmo que este ano eu quisesse fazer a manifestação, não podia, porque, segundo ouvi dizer, o major Eufrásio tratou a banda de música por 40\$000, só para meter ferro ao coronel Pantaleão.

LAUDELINA

Major... coronel... aqui todos os senhores têm postos...

IRINEU

Todos! Até eu sou capitão!

LAUDELINA

Bem sei.

COPLAS

I

IRINEU

Aqui, não sendo a gente
Ou padre ou bacharel,
Apanha uma patente
E chega a coronel.
Não há maior desgosto,
Nem mais profundo mal,
Do que não ter um posto
Na Guarda Nacional!

II

Alferes e tenente,
Já fui; sou capitão,
E espero brevemente
Major ser, pois então!
E peço a Deus, na igreja,
Pois sou devoto fiel,
Viver até que seja
Tenente-coronel!

(Terminada esta cena, todas as bagagens devem ter desaparecido. Irineu, Eduardo e o Velho Ator acompanharam as últimas.)

CENA VII

(Laudelina, Frazão, D. Rita, Vilares, Margarida, Florêncio, Coutinho, Artistas, depois Eduardo, depois Vieira, depois Irineu.)

FRAZÃO

Sem nos combinarmos, fomos todos ter ao Largo da Matriz, e aqui estamos juntos. Só falta o Vieira, que se meteu no cemitério.

VILARES

Foi ver se os defuntos lhe davam de almoçar!

D. RITA

Estamos perdidos, seu Frazão! Vamos todos morrer de fome!...

FLORÊNCIO

Fogem de nós como se fôssemos a peste!

FRAZÃO

Não desanimem!... Já lhes disse que do Tinguá telegrafei ao Madureira, pedindo-lhe que me tornasse a emprestar o conto de réis que paguei. A todo momento pode chegar a resposta.

EDUARDO

(Entrando) As bagagens estão no teatro.

FRAZÃO

As bagagens? *(Reparando)* É verdade!

ARTISTAS

É verdade!

FRAZÃO

Como foi isso?...

LAUDELINA

Alegrem-se! Travei conhecimento com o coronel Pantaleão não sei de quê, venerável da maçonaria e presidente da Câmara Municipal de Tocos!...

EDUARDO

Foi ele quem mandou as bagagens para o teatro.

LAUDELINA

Esse ilustre cidadão, que mora ali, dar-nos-á casa e comida...

TODOS

Deveras?... *(Entra Vieira, sempre muito triste.)*

LAUDELINA

Mas para isso serão necessárias duas coisas...

TODOS

Quais?

LAUDELINA

Primeira, que o senhor se comprometa a representar um drama que ele escreveu, de

grande espetáculo, em 12 atos e 21 quadros!

FRAZÃO

Doze atos? Olha que são muitos atos!

LAUDELINA

A peça está montada... os cenários e as vestimentas estão no teatro...

EDUARDO

(Coçando-se) Por sinal que devem ter muitas pulgas.

FRAZÃO

E qual é a segunda coisa?

LAUDELINA

Fazer ao mesmo coronel, venerável e dramaturgo, uma manifestação obrigada a banda de música e foguetes, pois é hoje o dia dos seus anos!

FRAZÃO

Sim... Mas onde vamos buscar o dinheiro para os foguetes e a música? Nós estamos a nenhum!

EDUARDO

Vou dizer-lhes uma coisa pasmosa! Preparem-se para pasmar!

TODOS

Que é?

EDUARDO

Ainda me restam 27\$500 dos ordenados que me adiantaram no Rio de Janeiro!

TODOS

Oh!... 27\$500!... Oh!...

FRAZÃO

(Passando o braço em volta do pescoço de Eduardo) Meus senhores, mirem-se neste exemplo! Dos meus artistas é ele o único que não ganha, e foi o único que economizou!

EDUARDO

Quanto custará essa música?

LAUDELINA

Vinte e cinco mil réis, disse-me o capitão boticário. *(A Eduardo)* Ainda ficam dois e quinhentos réis.

FRAZÃO

Para os foguetes.

EDUARDO

Vocês limpam-me!

FRAZÃO

Dê cá o cobre. Eu me encarrego de tudo!

EDUARDO

(Dando-lhe o dinheiro) Mas o senhor não sabe onde se trata a música!

FRAZÃO

Quem tem boca vai a Roma! *(Entra Irineu.)*

LAUDELINA

Cá está quem sabe. *(A Irineu)* Capitão, onde se contrata a música?

IRINEU

É perto. Quem é que vai?

FRAZÃO

Eu.

IRINEU

(Tomando-o pelo braço e levando-o ao bastidor) Não tem que saber. O senhor vai por esta rua... vai indo... vai indo... quebra a segunda esquina... e pergunta onde mora o mestre Carrapatini... um sapateiro italiano... é logo ali.

FRAZÃO

Sapateiro?

IRINEU

Sim, sapateiro e mestre de banda. Creio até que eles estão ensaiando. Os músicos estão reunidos.

FRAZÃO

Não é preciso mais nada. *(Sai a correr.)*

CENA VIII

(Os mesmos, menos Frazão.)

EDUARDO

(A Irineu) O senhor é amigo do homem?

IRINEU

Que homem? O Carrapatini?

EDUARDO

Não, o coronel.

IRINEU

Amicíssimo.

EDUARDO

Neste caso, tenha a bondade de convidar outros amigos para aderirem à manifestação que nós queremos fazer ao eminente dramaturgo de Tocos... Como é mesmo que ele se chama?

IRINEU

Coronel Pantaleão Praxedes Gomes.

EDUARDO

... Praxedes Gomes!

IRINEU

Não é preciso. Basta mandar tocar a música, soltar foguetes, e dar umas voltas pela cidade gritando: Viva o coronel Pantaleão, para que o povo acuda.

VILARES

É então muito popular esse homem?

IRINEU

Não... quase toda a gente embirra com Sua Senhoria... mas como se sabe que em casa dele há comida e bebida em penca...

D. RITA
Comida!

VILARES
Bebida!

MARGARIDA
Em penca!

TODOS
Em penca! Comida! Bebida! Não é um sonho?
Oh, que bom! (*Dançam à volta de Irineu.*)

IRINEU
(*Espantado*) Sim! Comida e bebida! Leitão!
Arroz de forno! Peru recheado! Fritada de palmito!...

TODOS
Leitão! Peru! Arroz de forno! Palmito!...
(*Dançam e abraçam Irineu. Ouve-se ao longe a banda de música, que pouco a pouco vem se aproximando.*)

EDUARDO
Aí vem a música!

TODOS
Sim, aí vem, aí vem a música!

IRINEU
Pois, olhe, não supus que ele arranjasse a banda.
O Carrapatini disse-me que o major Eufrásio já tinha tratado por 40\$000.

EDUARDO
Quem sabe? Vem talvez por conta desse major Eufrásio.

FLORÊNCIO
(*Olhando para fora*) Não, porque o Frazão vem à frente!

MARGARIDA
Sim, é o Frazão, que dá os vivas!

A VOZ DE FRAZÃO
Viva o coronel Pantaleão!

VOZES
Viva!... (*A banda de música, cujos sons se têm aproximado aos poucos, entra em cena, trazendo à frente Carrapatini a reger e Frazão, entusiasmado, a dar vivas. Vêm atrás dela algumas pessoas do povo.*)

CENA IX
(*Os mesmos, Frazão, Carrapatini, Músicos, Povo, depois Pantaleão à janela.*)

FRAZÃO
Viva o coronel Pantaleão!

TODOS
Viva!

PANTALEÃO
(*Aparecendo à janela com a família*) Muito obrigado! Muito obrigado! (*Quer fazer um discurso, mas não pode falar por causa do barulho da música. Bate palmas.*)

TODOS
Psiu! Psiu! Pára! Pára! (*A banda deixa de tocar.*)

PANTALEÃO
Meus senhores, eu...

IRINEU
(*Aproximando-se da janela*) Coronel! Coronel!

PANTALEÃO
Que é, capitão?

IRINEU
Ainda não é hora. Precisamos reunir mais gente.

PANTALEÃO
Ah! Sim, eu espero. Saia da janela, D. Bertolesa... saiam meninas!... (*Saem da janela.*)

IRINEU
(*A Frazão*) Vamos dar uma volta pela cidade para arrebanhar mais povo.

FRAZÃO
Mas é que a fome é muita.

IRINEU
Não faz mal: eu já almocei. (*A Carrapatini*)
Então a banda não estava tratada pelo major Eufrásio?

CARRAPATINI
Sì, per cuarenta, ma il signore Frazone trató por chinquanta.

EDUARDO
Por cinqüenta?

CARRAPATINI
Ha dato vinte e cinque per conta.

FRAZÃO
E ficate devendo altri vinte e cinque... Siga a banda. Viva o coronel Pantaleão!

TODOS
Viva! (*Saem todos à frente da banda. Os sons desta e os vivas de Frazão perdem-se ao longe. Sai por último Vieira, sempre muito triste.*)

CENA X
(*Pantaleão, depois Visitas, depois todos os personagens do quadro.*)

PANTALEÃO
(*Aparecendo à janela*) Decididamente o capitão Irineu é um bom amigo! Esta é a quarta manifestação com que me engrossa! O homem precisa ser vereador! Quem se vai ralar é o major

Eufrásio, e D. Bertolesa também, porque temos que dar de comer a muita gente! Não faz mal. Há aí comida para um exército! *(A um tipo que entra)* Ó seu Alferes Xandico! Vá entrando! *(Xandico entra na casa.)* Ó seu major Inácio Pinto, vá subindo! Esta casa é sua! *(A outro)* Ó seu capitão Juca Teixeira! Entre! *(Entram ambos, depois de trocar cerimônias à porta.)* Ó siá dona Mafalda! Seu major Carneiro! Façam o favor! *(A música da banda vem agora mais perto.)* Ó seu tenente Guedes! D. Constança! *(Entram)* Chi! Agora, sim! Agora vem muito povo! *(Chamando)* D. Bertolesa!... Meninas!... Venham!... *(A família vem para a janela e bem assim algumas visitas. Outras vêm à porta da rua. As janelas das outras casas abrem-se de gente.)* Vou fazer o meu discurso, que é o mesmo do ano passado. *(Ouvem-se foguetes. Entra Frazão à frente da banda, que toca acompanhada por todos os personagens do quadro e massa considerável de povo. A cena deve ficar cheia. Quadro animado.)*

FRAZÃO

Viva o coronel Pantaleão!

TODOS

Viva!

(MUTAÇÃO.)

QUADRO VI

Sala de aparência modesta completamente vazia. Porta ao fundo e laterais.

CENA I

(D. Rita, Laudelina)

D. RITA

(Entrando da esquerda acompanhada por Laudelina) Deixa-me! Deixa-me! Quero estar só!

LAUDELINA

Mas por que está zangada comigo?

D. RITA

Se não fosses tu, não passaríamos por tantas vergonhas! Não sei como sair desta maldita cidade!... “A Passagem do Mar Amarelo”, em vez de salvar a situação, agravou ela!... Mas que peça!... Que peça bem pregada!...

LAUDELINA

Não consegui ser representada na segunda noite.

D. RITA

Pois se nem na primeira acabou! Que pateada!...

LAUDELINA

Parecia vir o mundo abaixo!

D. RITA

Mas que borracheira! Bem diz o ditado: “Se não houvesse mau gosto, não se gastava o amarelo”! E amarelo é desespero! Estou desesperada!

LAUDELINA

E eu.

D. RITA

Tu? Tu tens o que mereces! Os amigos do Frazão não respondem as cartas nem os telegramas. A renda dos espetáculos não chegou para pagar o que temos comido. O público não quer saber do teatro. O coronel Pantaleão nos garantiu nesta casa até o dia 18... mas dia 18 é hoje... A tal D. Gertrudes, a dona da casa, já me preveniu...

LAUDELINA

Como se na situação em que nos achamos precisássemos de folhinha. A senhora que disse?

D. RITA

Que se entendesse com Frazão. Mas o Frazão não pode fazer milagres! Pois se nem ao menos pagou os vinte e cinco mil réis que ficou a dever ao mestre da banda! E o italiano não nos deixa a porta! *(Imitando Carrapatini)* Vinte e cinco mil ré! Vinte e cinco mil ré!

LAUDELINA

O que mais me aborrece é o tal coronel não querer pagar a nossa ida para o Rio de Janeiro!

D. RITA

Ele anda se enfeitando para ti, e eu estou vendo o momento em que seu Eduardo faz alguma!... É o diabo! É o diabo! Estou desesperada! Deixa-me! Quero estar só! Vou meter-me no meu quarto e trancar-me por dentro!... *(Sai furiosa pela esquerda.)*

LAUDELINA

Dindinha! Dindinha! *(Acompanha-a até a porta, mas D. Rita fecha-se por dentro.)*

CENA II

(Laudelina, depois Eduardo)

LAUDELINA

(Só, voltando à cena) Ela tem razão. A culpada sou eu. Pensava que a coisa era uma... e a coisa era outra. Que seria de mim se dindinha e seu Eduardo não me houvessem acompanhado? A quantos perigos estaria exposta? Fui eu a culpada... logo, compete-me salvar a situação... e é o que vou fazer... Só há um meio, um meio que

me repugna, mas não tenho outro... é embelezar esse ridículo coronel, até que ele se explique... Mas com que olhos seu Eduardo verá o meu procedimento?... Que juízo fará de mim?...

EDUARDO
(*Entrando*) Bom dia.

LAUDELINA
Bom dia. Já tão cedo na rua?

EDUARDO
Fui ver se tinha carta no correio. Escrevi ao Trancoso, aquele vinagre da Rua do Sacramento, o tal que recebeu os meus ordenados... mas o miserável fez ouvidos de mercador!

LAUDELINA
Também o senhor deve estar desesperado.

EDUARDO
A tudo me resignaria, se a senhora me dirigisse ao menos uma palavra de consolação... se correspondesse a este afeto insensato... Mas, em vez disso, faz-me ter ciúmes... de quem?... Desse pateta, desse coronel Pantaleão, homem velho e casado!

LAUDELINA
Os seus ciúmes, além de serem absurdos, são injuriosos!

EDUARDO
Se são injuriosos, perdoe. Absurdos não podem ser. Não há ciúmes absurdos.

LAUDELINA
Pois não foi o senhor mesmo que me recomendou que agradasse o coronel?

EDUARDO
Sim, agradasse, mas não tanto...

LAUDELINA
Tanto... como?

EDUARDO
Consentindo, por exemplo, que ele lhe pegue na mão assim... (*Pega-lhe na mão.*) que a beije... (*Vai beijar a mão.*) assim...

LAUDELINA
(*Retirando a mão*) Alto lá! Ele nunca me beijou a mão! Pegou nela, isso pegou... e disse-me umas bobagens... mas, se eu me zangasse, não teríamos o que comer. Francamente: era preciso dar-lhe esperanças...

EDUARDO
Essas esperanças são indignas da senhora! Se fosse a Margarida, eu não diria nada...

LAUDELINA
Olhe, seu Eduardo, vou confessar-lhe uma coisa pela primeira vez: eu gosto do senhor.

EDUARDO
Ah! Repita! Diga que me ama!...

LAUDELINA
Não! Eu não disse que o amava, disse que gostava do senhor... O verbo amar só se emprega no teatro e no romance... Eu gosto do senhor; vem a dar na mesma.

EDUARDO
Gosta de mim!

LAUDELINA
Gosto. Agora, diga: é pelo seu dinheiro?

EDUARDO
Não.

LAUDELINA
É pela sua posição na sociedade?

EDUARDO
Também não.

LAUDELINA
É pelo seu espírito? Pelo seu talento? (*Eduardo não responde.*) Também não. É pela sua beleza?

EDUARDO
Não há homens bonitos.

LAUDELINA
Na opinião dos feios. Pois bem; no entanto eu gosto do senhor. Gosto porque gosto, e hei de ser sua mulher...

EDUARDO
Que felicidade!

LAUDELINA
Espere. Hei de ser sua mulher, mas sob uma condição...

EDUARDO
Qual?

LAUDELINA
Enquanto estivermos no mambembe... enquanto durar esta excursão, faça de conta que não tem direito algum sobre mim, nem me peça conta dos meus atos, porque a nossa vida aqui é toda anormal e fictícia. Só me considere sua noiva quando chegarmos ao Rio de Janeiro.

EDUARDO
De Maxambomba para lá?

LAUDELINA
De Belém, mesmo, se quiser... ou da Barra do Piraí. Até lá, prometo... juro não praticar ato algum que me torne indigna de ser sua esposa.

EDUARDO
Oh! Laudelina!...

DUETO

EDUARDO
Depois do que te ouvi, anjo querido,

Pode a sorte fazer de mim o que quiser,
Contanto que algum dia eu seja teu marido,
E tu minha mulher!

LAUDELINA

Sim, mas se acaso me fizer cenas,
E se ciúmes tolos tiver,
Não terei pena das suas penas,
Não serei nunca sua mulher!

AMBOS

LAUDELINA

Não terei pena das suas penas,
Não serei nunca sua mulher!

EDUARDO

Não terá pena das minhas penas,
Não será nunca minha mulher!
Prometo que farei o que meu bem quiser.

LAUDELINA

Não creio nessas vagas promessas.

EDUARDO

Que mais quer de mim?
Quer que eu jure?

LAUDELINA

Sim!

I

LAUDELINA

Jura que só chegando ao Rio
Se lembrará que é o meu futuro?

EDUARDO

Juro!

LAUDELINA

Não me lançar olhar sombrio
Quando agradar alguém procuro?

EDUARDO

Juro!

LAUDELINA

Não lhe passar pela cabeça
Que o meu amor não seja puro?

EDUARDO

Juro!

LAUDELINA

Ciúmes não ter quando aconteça
Eu com alguém ficar no escuro?

EDUARDO

Ju... Perdão! Isso não juro!

LAUDELINA

Se não jura, eu lhe asseguro:
Não serei nunca sua mulher!

EDUARDO

Juro, juro, juro, juro!
Juro tudo que quiser!

} bis

AMBOS

Juro, juro, juro, juro!
Juro tudo que quiser.
Jura, jura, jura, jura!
Jura tudo que eu quiser.

II

LAUDELINA

Jura deixar que p'ra viagem
Eu tente ao menos achar furo?

EDUARDO

Juro!

LAUDELINA

Não se zangar co'uma bobagem
Que por necessidade aturo?

EDUARDO

Juro!

LAUDELINA

Jura deixar que eu ponha tonto
Um coronel tolo e maduro?

EDUARDO

Juro!

LAUDELINA

E mesmo lhe apanhar um conto,
Seja isso embora muito duro?

EDUARDO

Ju... Perdão! Isso não juro!

LAUDELINA

Se não jura, etc... *(Como acima)*

LAUDELINA

Bom! Eu precisava desses juramentos... porque
vou, talvez, parecer o que não sou... Ao
contrário, não sairemos de Tocos!...

VOZ DE D. RITA

Laudelina!

LAUDELINA

Lá está dindinha a chamar-me! Ela disse que ia
trancar-se no quarto, mas não pode passar meia
hora sem me ver. Descanse: estou bem guardada.
(Sai à esquerda.)

CENA III

(Eduardo, depois Bonifácio.)

EDUARDO

(Só) Parece-me que fiz juramentos que não
devia ter feito. Mas que poderei reear?

bis

Laudelina é honesta... Se não o fosse, que necessidade teria de dizer que gosta de mim e há de ser minha mulher?

BONIFÁCIO

(*Da porta*) Dá licença, nhô?

EDUARDO

Entre, que deseja?

BONIFÁCIO

(*Entrando e apertando a mão de Eduardo*) Não cortando seu bão propósito: é aqui que é a casa de D. Gertrude?

EDUARDO

Sim, senhor.

BONIFÁCIO

Vancê é empregado da casa?

EDUARDO

Não, senhor. (*À parte*) Quem será este animal?

EDUARDO

Vancê tá assistino aqui?

EDUARDO

Está o quê?

BONIFÁCIO

Pregunto se vancê tá assistino aqui... sim, se é ospe dela?

EDUARDO

Hospedela? Sou.

BONIFÁCIO

Nan vê que eu queria falá co'ela pro morde a cumpanhia de teatro qui tá qui... ou com seu Frazão...

EDUARDO

(*À parte*) É o credor dos carros! (*Alto*) Bom; espere aí que eu vou chamar o Sr. Frazão.

BONIFÁCIO

Hom'essa! Então D. Gertrude é seu Frazão?

EDUARDO

Não, D. Gertrudes é dona da casa em que está hospedada a companhia. Com quem o senhor quer falar: com D. Gertrudes ou com o Sr. Frazão?

BONIFÁCIO

Com quem é que vancê qué que fale?

EDUARDO

Sei lá! Com quem você quiser!

BONIFÁCIO

Então vancê chame seu Frazão. Tenho um negoço co'ele. (*Eduardo sai.*)

CENA IV

(*Bonifácio, só*)

BONIFÁCIO

Tô co'as perna qui não posso, e aqui não tem

uma cadeira pra gente descansá! Seis légua no pangaré em quatro hora é da gente si matá! E óiem que eu fui tropero! Já gramei aquela serra de Santo c'o meu lote de burro, um bandão de vês. Era uma vidinha de catchorro que se passava, mas assim as vês dá um poco de sodade. A gente tomava o seu cafezinho da priminhã bem cedo, arreava as mula e tocava inté n'otro poso. Quando eu via as bruaca tudo alinhada, as mula tudo amarrada na estaca, mar comparando (*Gesto*) tá e quá o jeito de vancês, óie era bonito memo. A madrinha era uma mula turdia ferrada dos quatro péis qu'era um gambêlo de gorda. Quando ela ia na frente (*Imita chocalho*) gue... leim... gue... leim... eu atrás co meu tupa, pendurado no ombro, era só! E baju! Tá cumeno capim de cangaia diau!... (*Assobia*) Orta mula!... De repente alguma mula desguaritava nalguma incruziada qu'era um inferno: "Nhô Bonifácio, cerque essa mardichoada! E eu se galopeava atrás da tinhosa pracatá! Pracatá! Que neim um inferno! Di uma feita a mulinha pangaré que levava o cargueiro tropicô num toco, cortô a retranca, esparramô a carga da cangaia e abrio-se pro campo afora, veioquiano, dando coice de céu in terra! Home, dessa feita perdi a cabeça, passei a mão na guerrucha e tin... (*Imita um tiro*) sortei um panasio nela, qu'ela viu o diabo escangaiado. (*Outro tom*) Hom'essa! Mas o tar nhô Frazão não virá? (*Mesmo tom acima*) E ôta bestinha boa qui era ela. Eu queria bem a ela qui nem que fosse minha irmã!

CENA V

(*Bonifácio, Frazão.*)

FRAZÃO

Como passou, seu...

BONIFÁCIO

Beimecê.

FRAZÃO

Olhe que por enquanto não é possível. Não fizemos nada.

BONIFÁCIO

Am?

FRAZÃO

Não é possível!

BONIFÁCIO

Como não é possíve?

FRAZÃO

Tenha a paciência. Não posso agora pagar os seus carros.

BONIFÁCIO

Não fais má. Nhô Chico Inácio paga.

FRAZÃO

Nhô Chico Inácio paga?!

BONIFÁCIO

Ele me deu orde, conforme a sua resposta, de tratá e pagá.

FRAZÃO

Então foi Nhô Chico Inácio quem fez a gentileza?...

BONIFÁCIO

(Sem entender) Quem fêis o quê?

FRAZÃO

A gentileza!

BONIFÁCIO

Não sei si ele fêis isso... O que eu sei é que ele paga.

FRAZÃO

Paga? Belíssimo! Esplêndido! Estou livre dos carros! Olhe, diga a Nhô Chico Inácio que escreva um drama.

BONIFÁCIO

Ele escreveu, sim, sinhô.

FRAZÃO

Escreveu? Então que o mande! Eu represento!

BONIFÁCIO

O que ele escreveu foi esta carta. *(Dá-lhe uma carta.)*

FRAZÃO

Ah! Temos uma carta?

BONIFÁCIO

Vancê leia! *(Frazão vai abrir a carta e é interrompido por Vilares, que entra da direita.)*

CENA VI

(Os mesmos, Vilares, depois Pantaleão.)

VILARES

(A Frazão, em mangas de camisa, com um leque de doze cartas na mão) Ó filho, vê se nos livras daquele italiano!

FRAZÃO

Que italiano?

VILARES

O tal Carrapatini, o mestre da banda. Está nos amolando! Não nos deixa jogar o solo! Entrou pelos fundos da casa e quer por que quer os seus vinte e cinco mil réis! Cara banda!

FRAZÃO

De cara à banda estou eu, que não tenho com que pagar.

VILARES

Conversa com ele.

FRAZÃO

Mas conversar como, se estou na disga! *(A Bonifácio)* Você sabe o que é disga?

BONIFÁCIO

Não, sinhô.

FRAZÃO

Homem feliz! *(A Vilares)* Dize ao Carrapatini que venha ter comigo! Esse italiano, por causa dos vinte e cinco mil réis, é capaz de arranjar uma questão de protocolo!

VILARES

Cá o terás. *(Sai à direita.)*

BONIFÁCIO

Vancê leia a carta!

FRAZÃO

É agora! *(Vai abrir a carta e surpreende-se vendo o coronel, que entra.)* Oh! O coronel! *(Guardando a carta)* Leio depois. *(A Bonifácio)* Vá esperar a resposta sentado na porta da rua.

BONIFÁCIO

Antão inté logo. *(Aperta a mão ao coronel e a Frazão e sai.)*

CENA VII

(Frazão, Pantaleão)

PANTALEÃO

Ora muito bom dia, caríssimo artista!...

FRAZÃO

Cumprimento o ilustre autor da “Passagem do Mar Amarelo”.

PANTALEÃO

Não me fale nisso. *(Procura onde se possa sentar.)*

FRAZÃO

Por que não? *(À parte)* É preciso engrossar esta besta! *(Alto)* Um drama que só não foi aplaudido como devia ser por causa dos inimigos do autor! Que procura Vossa Senhoria?

PANTALEÃO

Uma cadeira.

FRAZÃO

Não há. D. Gertrudes tinha muito poucas, e distribuiu-as pelos quartos dos artistas; mas quer... *(Faz menção de sair.)*

PANTALEÃO

(Detendo-o) Não! Não se incomode! Estou bem de pé. Acha, então, que o meu drama?...

FRAZÃO

Foram os sequazes do major Eufrázio que

sufocaram os aplausos. Maldita politicagem! Mas deixe estar, coronel! Vou representar o seu drama no Rio de Janeiro, no meu teatro, no Teatro São Pedro de Alcântara! Vai ser o sucesso! É peça para centenário! O que é preciso é pô-la em cena a valer! Forneça-me Vossa Senhoria os recursos necessários... Nós partimos para o Rio amanhã ou depois...

PANTALEÃO

Não! Já estou desenganado! Desisto de ser dramaturgo! Vou queimar a “Passagem do Mar Amarelo”!

FRAZÃO

Queimá-lo? Não pode! Não pode! Aquele trabalho não lhe pertence!

PANTALEÃO

Como?

FRAZÃO

Pertence à literatura brasileira! Faz parte do patrimônio nacional! Não deve ser representado só em Tocos!

PANTALEÃO

Representado é coisa que nunca foi. A representação dura duas noites, e ainda não conseguiu ir até ao fim da primeira!

FRAZÃO

Por causa de quem? Do major Eufrázio!

CENA VIII

(Os mesmos, Carrapatini.)

CARRAPATINI

Buon giorno, signor colonello... Buon giorno, signor Frazone.

FRAZÃO

Senhor Carrapato, buon giorno!

CARRAPATINI

Signor Frazone, sono qui per ricevere o vinte e chinque mila ré della manifestacione ao colonello.

PANTALEÃO

(À parte) Da manifestação? Então não foi o Irineu?

FRAZÃO

Senhor Carrapatini, neste momento não posso satisfazer esse importante débito.

CARRAPATINI

Ma per Dio! Vengo qui tutti i dia, tutti i dia, e lei diche sempre hogi, manhana, hogi, manhana.

PANTALEÃO

(Baixo, a Frazão) Diga-me cá: foi o senhor que pagou a música?

FRAZÃO

Que paguei é modo de dizer... Que devia pagar... Paguei apenas metade.

PANTALEÃO

Nesse caso, a festa foi sua?

FRAZÃO

Eu não queria dizer, mas este Carrapato me obriga a confessar que sim.

CARRAPATINI

Carrapatini.

PANTALEÃO

E eu que não lhe agradei! O capitão Irineu tinha-me dado a entender que o promotor da manifestação foi ele, mas deixa estar que há de ser vereador quando eu for bispo! *(Baixo, a Carrapatini)* Quanto lhe deve o Sr. Frazão?

CARRAPATINI

Há tratato la banda per chinquenta... Há dato vinte e chinque, manca ancora vinte e chinque...

PANTALEÃO

Eu também estou lhe devendo o concerto deste par de botinas. Quanto é mesmo?

CARRAPATINI

Chinque mila ré. É uno remonte.

PANTALEÃO

(Pagando) Bom. Tome lá trinta mil réis e deixen-nos em paz.

CARRAPATINI

Grazie tanta, signor colonello!... Signor Frazone!

FRAZÃO

Vai para o diabo, Carrapato!

CARRAPATINI

Carrapatini. *(Sai para o fundo.)*

CENA IX

(Frazão, Pantaleão.)

FRAZÃO

Não sei como hei de pagar a Vossa Senhoria...

PANTALEÃO

Não sabe como me há de pagar? Com dinheiro!

FRAZÃO

Não! Não é isso! *(À parte)* Que bruto! *(Alto)* Não sei como lhe hei de pagar tanta generosidade! Ah! Juro-lhe: o seu drama será representado no Rio de Janeiro!

PANTALEÃO

Muito obrigado. O meu drama tem-me custado muito dinheiro. Já chega. Senhor Frazão, vim aqui de propósito para avisá-lo de que de amanhã em diante não me responsabilizo mais

pelas despesas que os senhores fizerem aqui em casa de D. Gertrudes.

FRAZÃO

Coronel, tente ainda mais uma cartada! Consinta que representemos o seu drama na Capital Federal! Quando Vossa Senhoria vir o São Pedro repleto de espectadores, a platéia cheia de cavalheiros encasacados, os camarotes assim (*Gesto*) de senhoras decotadas, com magníficas *toilettes*... A imprensa toda a postos... Quando acabar o primeiro ato: À cena o autor! À cena o autor!... E as pipocas!...

PANTALEÃO

Pipocas?

FRAZÃO

Sim, as palmas!

PANTALEÃO

Esta linguagem teatral é incompreensível.

FRAZÃO

E Vossa Senhoria em cena só assim... (*Faz medidas e baixa-se como para apanhar alguma coisa.*) agradecendo e apanhando as flores. E os jornais falando da peça quatro dias depois!

PANTALEÃO

Quatro dias?

FRAZÃO

Sim, porque leva duas noites a ser representada. Só no quarto dia a crítica se pronunciará.

PANTALEÃO

(*Entusiasmado*) Parece-lhe então que?...

FRAZÃO

Se me parece? Tenho quase quarenta anos de tarimba! Não! Lá no Rio de Janeiro não há majores Eufrásios que sufoquem as aclamações populares! Lá ninguém fará politicagem à custa do seu drama! O triunfo é certo!

PANTALEÃO

(*Radiante*) Pois bem! Consinto!...

FRAZÃO

(*À parte*) Apre! Custou!... (*Limpa o suor.*)

PANTALEÃO

Consinto que represente o drama.

FRAZÃO

Podemos então contar com Vossa Senhoria?

PANTALEÃO

Como contar?

FRAZÃO

Sim... Contar com as despesas da nossa ida para o Rio?

PANTALEÃO

Com as despesas podem contar... (*Frazão alegre-*

se.) Mas não comigo: não dou vintém!

FRAZÃO

Como?

PANTALEÃO

Não dou vintém! (*Laudelina aparece à esquerda. Toma o fundo da cena e aos poucos desce à direita, ouvindo o diálogo.*)

FRAZÃO

Ora bolas! Então como quer Vossa Senhoria que saíamos daqui?

PANTALEÃO

Sei lá! Não tenho nada com isso!

FRAZÃO

Não me empresta, ao menos, o dinheiro preciso para mover a companhia?

PANTALEÃO

Não, senhor... Dou-lhe a peça, os cenários, as vestimentas e dispenso os direitos de autor. Não faço pouco!...

FRAZÃO

(*Desesperado*) Oh, Tocos do diabo! Que eu não conhecia! Quem me mandou aqui vir!... Uma peste de cidade em que nem ao menos se pode passar um benefício! (*Vendo Laudelina e indo a ela, baixo*) Oh, filha! Só tu nos podes salvar! Deixa-te de luxos e arranca daquele bruto o dinheiro das passagens! (*Sai à direita.*)

CENA X

(*Pantaleão, Laudelina, depois Eduardo.*)

TERCETO**LAUDELINA**

Meu caro coronel...

PANTALEÃO

É ela! É ela!...

Stá cada vez mais bela!

LAUDELINA

Meu caro coronel...

PANTALEÃO

Coronel, não!

Chama-me antes Leão,
Diminutivo de Pantaleão!

LAUDELINA

Meu caro Leãozinho...

PANTALEÃO

Leãozinho!

Que meiguice! Que carinho! (*Toma-lhe a mão. Eduardo aparece à esquerda.*)

EDUARDO

(*À parte*) Ela com ele! Oh! Desgraçada!
Mas eu jurei que não faria nada! (*Quer avançar, mas contém-se.*)

LAUDELINA

Leãozinho, tenha pena,
Tenha pena do Frazão!
Uma soma tão pequena
Não recuse, coração!

PANTALEÃO

De você, meu bem, depende
Que eu socorra a esse ator.

LAUDELINA

Como assim?

PANTALEÃO

Você me entende...

LAUDELINA

Não entendo, não senhor.

PANTALEÃO

Se você ficar macia,
Se você me quiser bem,
Vai-se embora a companhia
E eu com você vou também...

EDUARDO

(*À parte*) Ele com ela! Oh! Desgraçada! (*Como acima*)

Mas eu jurei que não faria nada!

LAUDELINA

Dê-lhe as passagens, coitado!
Dê-lhas! Quem pede sou eu...

PANTALEÃO

Como está linda!

EDUARDO

(*À parte*) Estou danado!
Meu sangue todo ferveu!

PANTALEÃO

Menina, se na viagem
Pertinho de ti não vou,
Eu posso dar-lhe "Passagem",
Mas as passagens não dou.

OS TRÊS**LAUDELINA**

Leãozinho, tenha pena,
Tenha pena do Frazão!
Uma soma tão pequena
Não recuse, coração!

PANTALEÃO

Se você de mim tem pena,
Tenho pena do Frazão!

Mas se você me condena,
Eu pena não tenho não!

EDUARDO

(*À parte*) Laudelina não tem pena
Deste amor, desta paixão!
Não suporto aquela cena!
Espatifo o paspalhão!

PANTALEÃO

Então?... Que dizes?... Sê boazinha para mim!

LAUDELINA

Se D. Bertolesa o visse...

PANTALEÃO

Não fales em minha mulher... Aquilo é uma
fúria!... Vamos... Sê boa, e serás feliz! Sou rico,
muito rico!

LAUDELINA

Para mim não peço nada... mas para os meus
companheiros, que se acham numa situação
desesperadora.

PANTALEÃO

Os teus companheiros pouco me importam! Só
tu me interessas! (*Agarrando-a*) Olha! Dá-me
um beijo... Um beijinho!...Um só!...

LAUDELINA

Largue-me!

PANTALEÃO

(*Tentando beijá-la*) Uma boquinha!... Uma
beijoca!...

LAUDELINA

Eu grito!

PANTALEÃO

Não grites! Uma beijoca! (*Quando vai beijá-la, Eduardo corre para ele, separa-o dela, e dá-lhe um murro.*) Que é isto?!...

LAUDELINA

Seu Eduardo!... (*Pantaleão tira um apito do bolso e apita.*)

EDUARDO

Ah! Tu apitas. (*Atraca-se com ele e dá-lhe um trambolhão. Pantaleão, mesmo no chão, apita.*)

CENA XI

(*Os mesmos, Frazão, Artistas, Subdelegado, Dois Soldados, Pessoas do Povo.*)

CORO

Que foi? Que foi? Que sucedeu?
Que aconteceu? Que aconteceu?
Levou pancada e trambolhão
O coronel Pantaleão!

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!
Pobre coronel Pantaleão!

LAUDELINA

Desculpar queira Vossa Senhoria,
Um venerável da maçonaria
Que é coronel da Guarda Nacional,
E presidente...

CORO

Perfeitamente.

LAUDELINA

Da Câmara (*Repete quatro vezes*) Municipal!...

CORO

Da Câmara Municipal!...

ARTISTAS

Mas que foi? Que foi?...

LAUDELINA

Seu Eduardo bateu no coronel!

SUBDELEGADO

Prendam aquele indivíduo! (*Os soldados prendem Eduardo. A Pantaleão, dando-lhe a mão para levantar-se*) Levante-se Vossa Senhoria.

FRAZÃO

(*Ao Subdelegado*) Atenda, senhor... Quem é mesmo o senhor?

SUBDELEGADO

Eu sou o subdelegado! A nada atendo!...

PANTALEÃO

(*Baixo, ao subdelegado*) Atenda, atenda, para evitar escândalo!

SUBDELEGADO

Desculpe, coronel, já disse, nada atendo! Há dois anos que sou subdelegado e ainda não consegui prender ninguém em flagrante... E hoje foi por acaso... eu ia passando com ronda... se passasse um pouco antes ou um pouco depois, teria perdido a ocasião. (*Satisfeito*) Enfim! O primeiro flagrante!... Vou arrumar-lhe com o 303; ofender fisicamente alguém ou lhe causar alguma dor. (*A Pantaleão*) Doeu?

PANTALEÃO

Doeu.

SUBDELEGADO

Doeu? Parágrafo 2º (*Aos soldados*) Sigam com o preso para o xadrez! Vamos, coronel, Vossa Senhoria é a vítima!

PANTALEÃO

(*Baixo*) Mas eu não quero ser vítima. E D. Bertolesa, se sabe...

SUBDELEGADO

A nada atendo! Vai a corpo de delito. (*A Laudelina*) A senhora também vai.

LAUDELINA

Eu?

SUBDELEGADO

É testemunha. Sigam! Sigam!

MARGARIDA

Vamos todos! Não podemos abandonar o colega!...

ARTISTAS

Decerto! Vamos! Vamos todos!... (*Saem em confusão pelo fundo, todos, menos Frazão.*)

CENA XII

(*D. Rita, Frazão, e depois o Carreiro.*)

D. RITA

(*Entrando*) Que foi isto?

FRAZÃO

A senhora não viu?

D. RITA

Estava dormindo. Acordei agora.

FRAZÃO

O Eduardo foi preso, por ter enchido o coronel Pantaleão!

D. RITA

Eu já esperava por isso! E o senhor não o acompanhou?

FRAZÃO

Não! Mas lá foi toda a companhia.

D. RITA

Mas o senhor... como empresário...

FRAZÃO

Por isso mesmo. Aquilo é negócio de fiança, e, como empresário, eu faria uma figura muito ridícula, não tendo com que pagá-la.

CARREIRO

(*Entrando*) Louvado Suscristo! Vancê dá licença?

D. RITA

Olhe, aí está o carreiro que nos trouxe de Tinguá.

CARREIRO

É verdade.

FRAZÃO

Como vai, seu?...

CARREIRO

Como Deus é servido. Eu vim pur morde aquilo!...

FRAZÃO

(*Sem entender*) Morde quê?

CARREIRO

Vancê não me disse que passando três dia da nossa chegada eu vinhesse arrecebê os duzentos da condução?

FRAZÃO

E Nhô Chico Inácio?

CARREIRO

Eu atchei mió vortá pro Tinguá, e como tinha de i c'os meus carro pra levá quem quisé i na festa do Divino, que vai havê no Pito Aceso...

FRAZÃO

Onde é esse Pito Aceso?

CARREIRO

É uma cidade que tem seis légua daqui. A gente sobe a serra da Mantiqueira, depois desce um tico...

FRAZÃO

Vai haver lá uma festa?

CARREIRO

Um festão! Vai um mundo de povo desta vinte légua em redó!

FRAZÃO

(*A D. Rita, baixo*) Se nós lá fôssemos?

D. RITA

(*Idem*) Eu não digo nada!

FRAZÃO

(*Idem*) Este homem já recebeu do tal Chico Inácio os duzentos que lhe devíamos. Temos, com certeza, crédito para esta nova viagem.

D. RITA

(*Idem*) O diabo é seu Eduardo preso...

FRAZÃO

(*Idem*) Dão-se lá espetáculos e manda-se o dinheiro para a fiança. (*Ao Carreiro*) Você quer nos levar para o Pito Aceso?

CARREIRO

Sim, sinhô.

FRAZÃO

(*A D. Rita*) Não dizia? (*Ao Carreiro*) E quanto quer por esse serviço?

CARREIRO

Outro duzentos.

FRAZÃO

Pois está fechado nas mesmas condições.

CARREIRO

(*Desconfiado*) Como nas mesma condição?

FRAZÃO

Você recebe o dinheiro três dias depois da chegada.

CARREIRO

Mas esses três dia quanto dia demora?

D. RITA

Ora essa!...

CARREIRO

Sim, porque a viagem do Tinguá, que vancê tinha de pagá, já passa mais de vinte e eu ainda não arrecebi!

FRAZÃO

Então não falou com Nhô Chico Inácio?

CARREIRO

Que Nhô Chico Inácio?

FRAZÃO

Ora! Nhô Chico Inácio. Não conhece?

CARREIRO

Não!

FRAZÃO

Nem eu: mas o seu companheiro disse que ele pagava.

CARREIRO

Meu companheiro?

FRAZÃO

Sim, que por sinal me deu esta carta que ainda não li. Olhe! Ele aqui está! (*Aponta para Bonifácio, que aparece ao fundo.*)

CENA XIII

(*Os mesmos, Bonifácio*)

CARREIRO

Este é que é o tá Chico Inácio?

FRAZÃO

Não; este é o que supus seu companheiro, mas vejo que não é. (*A Bonifácio*) Então, que embrulhada é esta? Nhô Chico Inácio não pagou os carros de boi?

BONIFÁCIO

Não pagou, mas paga.

CARREIRO

Sei lá quem é Nhô Chico Inácio!

BONIFÁCIO

É meu patrão! O chefe de Pito Aceso!

CARREIRO

Seja lá o que ele fô, mas o que eu quero é os meu duzentos mi réis.

FRAZÃO

Que trapalhada!

BONIFÁCIO

Quem tá fazendo trapaiada é vancê. Vancê já leu a carta?

FRAZÃO

Ah! É verdade! Estou com a cabeça a juro!... (*Abre a carta e lê.*) “Senhor Frazão. O portador

é meu empregado Bonifácio Arruda, que vai, em meu nome, propor a vinda de sua companhia para dar aqui três espetáculos. Como V. S. sabe, há agora aqui uma festa do Espírito Santo, e eu sou o imperador. O dito Bonifácio leva ordem para adiantar dinheiro para a viagem. De V.S., etc... Francisco Inácio.”
(*Declamando*) Não há a menor dúvida! Vamos!
(*A D. Rita*) Não é?

D. RITA

Isso não se pergunta!

FRAZÃO

(*Ao Carreiro*) Você tem aí os carros e os animais?

CARREIRO

Tenho, mas não levo vancê sem arrecebê meu dinheiro!

BONIFÁCIO

(*Ao Carreiro*) O’home, vancê pensa que tou enganando vancê? Dinheiro tá qui! (*Mostra um maço de notas.*)

FRAZÃO

(*Tomando o braço de D. Rita para não desmaiar*) Dinheiro!

D. RITA

Dinheiro!

FRAZÃO

Comecemos por pagar a fiança do Eduardo!

CENA XIV

(*Os mesmos, Laudelina, Eduardo, os Artistas.*)

LAUDELINA

(*Entrando*) Não tem que pagar nada!

EDUARDO

Estou solto!...

TODOS

Está solto!

FRAZÃO

Solto! Mas como?

LAUDELINA

Ameacei o coronel de ir à sua casa dizer à D. Bertolesa que tudo foi por ele ter-me querido dar um beijo. Tanto bastou para que se abafasse a questão.

FRAZÃO

Tudo foi, não por isso, mas por ter eu conservado uma carta na algibeira, sem a ler. Meus senhores, vamos ao Pito Aceso dar espetáculos!

TODOS

Pito Aceso? Onde é?...

FRAZÃO

Daqui a seis léguas. Fomos contratados. Este homem trouxe-nos dinheiro para a condução!

TODOS

Dinheiro! Dinheiro!... (*Dançam.*)

FRAZÃO

Tratem de se preparar! Vamos! Vamos! Saiamos quanto antes destes malditos Tocos!...

TODOS

Vamos! Vamos!... (*Saem todos.*)

FRAZÃO

(*Ao Carreiro*) Vá buscar os carros e os animais.

CARREIRO

Sim, sinhô! (*Sai.*)

FRAZÃO

(*A Bonifácio*) E você, arranje uns carregadores para as bagagens.

BONIFÁCIO

Sim, sinhô! (*Sai.*)

FRAZÃO

(*Só*) E dizer que, quando eu chegar ao Rio de Janeiro para descansar de tantas consumições e fadigas, a primeira coisa que hei de pensar é na organização de outro mambembe!...

CENA XV

(*Frazão, Pantaleão.*)

PANTALEÃO

Meu caro artista, estou inquieto... Se D. Laudelina cumpre a sua ameaça e vai dizer a minha mulher que eu... O senhor não conhece a D. Bertolesa! É uma fúria!...

FRAZÃO

Tranqüilize-se: nós vamos todos daqui a pouco para o Pito Aceso. Só o tempo de preparar as malas. Antes disso, Vossa Senhoria será pago dos vinte e cinco mil réis que lhe devo. (*Sai.*)

PANTALEÃO

(*Só*) Querem ver que os homens foram contratados para dar espetáculos no Pito Aceso? Não é outra coisa! É a época da famosa festa do Espírito Santo, em que se reúnem mais de dez mil pessoas. E o meu drama pode ser representado lá... Sim... aqui não pode ser, mas lá... O sucesso! O aplauso! As pipocas! À cena o autor!... À cena o autor!... (*Agradece e faz menção de apanhar flores.*) E depois, a Laudelina lá... D. Bertolesa aqui... Está decidido! Vou ao Pito Aceso!... (*Sai pelo fundo.*)

(*MUTAÇÃO*)

QUADRO VII

(Na Mantiqueira em pleno sol. Os artistas formam grupos nos carros de bois. Frazão monta um burro. Todos admiram a paisagem.)

LAUDELINA

(Do alto de um carro) Como o Brasil é belo!
Nada lhe falta!...

FRAZÃO

Só lhe falta um teatro...

ATO III**QUADRO VIII**

(Uma praça no arraial. Ao fundo, à esquerda, capela, e ao lado desta, ao fundo, à direita, um coreto onde se acha a banda de Carrapatini com este em evidência. Os três primeiros planos da esquerda são ocupados pelo barracão onde se improvisou o teatro. À porta desse barracão, um cartaz com o seguinte letrero em caracteres graúdos: “Teatro, hoje! 2º espetáculo da Grande Companhia Dramática Frazão, da Capital Federal. Representação da sublime peça em cinco atos “O Poder do Ouro”, do festejado escritor Eduardo Garrido. O papel de Joaquim Carpinteiro será representado pelo popularíssimo ator Frazão”. À direita baixa, coreto do leilão, sendo leiloeiros Frazão e Margarida. A cena está cheia de povo. Há diversos jaburus, rodeados por jogadores. Aqui e ali vêem-se pretas sentadas com tabuleiros de doces. Da capela saem de vez em quando devotos e devotas, anjos com cartuchos de doces, etc.)

CENA I

(Frazão, Margarida, no coreto do leilão ou “império”; Carrapatini e os músicos, no coreto da música; Vilares, Coutinho, Florêncio, Isaura, Foliões, Povo, Jogadores, Vendedores de doces, depois Chico Inácio e a Madama.)

CORO GERAL

Que bonita festa
Do Espírito Santo!
Tudo causa encanto!
Tudo faz viver!
Sim, ninguém contesta:
Não nos falta nada
Nesta patuscada
Que nos dá prazer!

(Vendo Chico Inácio, que sai da capela, trazendo a Madama pela mão.)

Sai da capela seu Chico Inácio,
Acompanhado pela Madama!
Provou seu Chico não ser pascácio:
A sua dama deixará fama *(Declamando)*

Viva o imperador Chico Inácio! Viva a Madama!
(Chico Inácio e a Madama chegam ao proscênio, agradecendo por gestos.)

COPLAS**I****CHICO INÁCIO**

Estou muito satisfeito!

MADAMA

Considero-me feliz!

CHICO INÁCIO

Imperador estou feito!

MADAMA

Estou feita imperatriz!
Em plena democracia...

CHICO INÁCIO

Isto tem seu sabor...

MADAMA

Ser imperatriz um dia!

CHICO INÁCIO

Ser um dia imperador!

AMBOS

Que toda gente
Cumprimente
Este casal
Imperial
Que tem um trono refulgente
Do Pito Aceso no arraial!

CORO

Que toda gente, etc.

II**MADAMA**

O imperador do Divino
Ninguém poderá dizer
Que tenha o mesmo destino
Do imperador a valer...

CHICO INÁCIO

Mais parece o presidente,
Porque o presidente sai...
E p'ro lugar inda quente
Outro presidente vai!

AMBOS

Que toda gente, etc.

CORO

Que toda gente, etc.

FRAZÃO

(*No império, apregoando*) Agora, a última prenda, meus senhores!

MARGARIDA

(*Idem*) Um frango assado!

FRAZÃO

Quanto dão por este perfumado frango? Quanto? Tenho um cruzado...

VILARES

Dois cruzados!

FRAZÃO

(*Idem*) Dois cruzados! Dois...

MARGARIDA

(*Idem*) Quem mais lança?

FRAZÃO

(*Vendo que ninguém mais lança*) Dou-lhe uma. Dou-lhe duas. Dou-lhe três... É seu o frango.

VOZES DO POVO

Venha um verso!

FRAZÃO

(*Enquanto Vilares recebe o frango e paga*)

Todo sujeito casado

Deve ter um pau no canto

Para benzer a mulher

Quando estiver de quebranto.

TODOS

(*Rindo*) Bravo! Bravo!

MARGARIDA

(*A Carrapatini*) Toca a música, seu Carrapatini!

CARRAPATINI

(*A Margarida*) No bisogna prevenire! Já lo sapeva... (*A música toca um pequeno motivo. Frazão e Margarida descem do coreto onde imediatamente começam a armar o império.*)

CHICO INÁCIO

Ó minha senhora! Meu caro Frazão! Não sei como agradecer-lhes o terem aceitado os lugares de leiloeiros do Divino.

FRAZÃO

Não tem que agradecer, seu Chico Inácio. A Companhia Frazão é que está penhorada pela maneira por que foi recebida pelo chefe político do Pito Aceso.

CHICO INÁCIO

A Companhia Frazão mostrou-se na altura dos seus créditos. O primeiro espetáculo, anteontem, foi um sucesso sem precedentes. O segundo

anuncia-se para hoje com outro sucesso igualmente sem precedentes.

MADAMA

Estou satisfeita porque fui eu que tive a idéia de mandar contratar a companhia.

ATORES

(*Que ouviram, aproximando-se da Madama*) Ah! Foi a Madama?

MADAMA

(*Cumprimentando-os, muito satisfeita*) Fui eu.

CHICO INÁCIO

Foi ela. Aqui para nós, que ninguém nos ouve: (*Chama-os por gestos para um segredo.*) a Madama é uma antiga colega dos senhores.

ATORES

Uma antiga colega?

CHICO INÁCIO

É verdade! Em 1879, quando eu fui ao Rio de Janeiro pela última vez, vi a Madama representar numa companhia francesa que trabalhava no Cassino Franco-Brésilien.

MARGARIDA

Onde era isso?

FRAZÃO

Onde é hoje o Sant'Ana. Tu ainda não eras gente.

CHICO INÁCIO

Representava-se "Les Brigands".

MADAMA

(*Cantando*) *C'est Fiorella la blonde*, etc.

CHICO INÁCIO

É isso... Ela fazia uma das pequenas que se deixam roubar pelos salteadores. Uma noite, depois do espetáculo, eu fiz como Falsacapa: apoderei-me dela: fomos cear no Bragança...

MADAMA

E nunca mais entrei no teatro.

MARGARIDA

(*Dando um pequeno tapa na pança de Chico Inácio*) Gostou? Heim?

CHICO INÁCIO

Gostei. Gostei tanto que a trouxe comigo para o Pito Aceso e dois anos depois estávamos ligados pelos indissolúveis laços do himeneu. Entretanto, impus uma condição...

MADAMA

E eu aceitei-a *avec plaisir*.

CHICO INÁCIO

Se algum dia me aparecer minha filha... Uma filhinha que eu... justamente em 1879... mas isso são particularidades que não os interessa. (*Outro*

tom) Já vêem que é uma antiga colega.

FRAZÃO

(A Madama) Filha, dá cá um abraço. (Abraça-a.)
Tiveste a fortuna de encontrar o teu Pato...
(Emendando) quero dizer, o teu Pito.

MADAMA

Aceso.

FRAZÃO

Isto é uma coisa de que nem todos se podem gabar.

MARGARIDA

É muito difícil encontrar um Pito, mesmo apagado.

MADAMA

O que eu sinto é que não estejam bem acomodados.

VILARES

Não diga isso. Deram-nos os melhores quartos da casa.

FLORÊNCIO

E a casa é um casão.

COUINHO

Mais gente houvesse que ainda chegava.

ISAURA

Ainda não moramos num hotel que tivesse tantas comodidades.

COUINHO

Nem tão barato!

UM JOGADOR

Jaburu! Olha o joguinho do caipira! Quem mais bota mais tira!

CHICO INÁCIO

Ó Bonifácio!

BONIFÁCIO

(Vindo) Às ordens.

CHICO INÁCIO

Esse cateretê ficou pronto?

FRAZÃO

Olá! Temos cateretê?

BONIFÁCIO

É uma festinha que a gente fumo fazê em casa da Rosinha da Ponte. Eu inda tou vestido de arfêre da bandeira. A coisa ficô bem ensaiada. Se mecêis qué uma nota, eu chamo os folião.

TODOS

Sim... queremos... chame...

BONIFÁCIO

(Chamando) Eh! Ó Manduca! Entra aqui no cateretê prestes, home vê! Ó Tudinha! (Chama. Entra Tudinha.) Ó Tótó! Bamo c'ó isso! Ó

Chiquinha! Ó Zeca! Nhô Tedo! Nhô Tico! Nhá Mariana! Venha tudo! (As pessoas chamadas aproximam-se e formam uma roda. Bonifácio, ao ver formada a roda) Ó mundo aberto sem porteira!

CATERETÊ

Vancê me chamou de feio
Eu não sou tão feio assim.
Foi depois que vancê veio
Que pegô feio ne mim.

FOLIÕES

Neste mato tem um passarinho, ai,
Passarinho chamado andorinha, ai,
Andorinha avoou agorinha, ai,
Deixou os óvo chocando no ninho.

CORO

Neste mato tem um passarinho, ai, etc.

BONIFÁCIO

Não quero mais namorá
A filha do barrigudo.
Não quero que o povo diga
Que eu tenho cara p'ra tudo.

CORO

Neste mato, etc.

BONIFÁCIO

Pronto. Tá i.

TODOS

(Aplaudem) Bravo! Bravo! (Os foliões dispersam-se à vontade.)

CHICO INÁCIO

Bem, os senhores hão de me dar licença. Tenho que me vestir de imperador para sair no bando.

FRAZÃO

O senhor vestido de imperador? Pois não é um menino?

CHICO INÁCIO

Não. A moda aqui é à antiga. Sou eu mesmo que vou vestido.

MARGARIDA

(Olhando para dentro) Olhem quem ali vem. O coronel Pantaleão.

FRAZÃO

O coronel Pantaleão?

TODOS

Sim. É ele! É ele!

ISAURA

(À parte) Veio atrás da Laudelina. Dá Deus nozes...

CENA II

(Os mesmos e Coronel Pantaleão, que entra montado num burro e desce ao proscênio. Os circunstantes aglomeram-se em semicírculo.)

CORO

É ele! É ele! É o genuíno
É o coronel Pantaleão,
Que vem à festa do Divino
Por ser de sua devoção!

RONDÓ**PANTALEÃO**

(Montado no burro)

Eu, por chapadas e atoleiros,
Aqui vim ter com dez cargueiros
Com acessórios, vestuários
E maquinismos e cenários
Do meu encaiporado drama,
Que uma desforra enfim reclama,
Porque, por infelicidade,
Não passou nunca da metade
Um meio autor eu sou apenas!
Para aplacar as minhas penas,
Eu por chapadas e atoleiros,
Aqui vim ter com dez cargueiros!

CORO

Com dez cargueiros! Dez cargueiros!...
É ele, é ele, é o genuíno!
É o coronel Pantaleão,
Que vem à festa do Divino,
Por ser da sua devoção!

CHICO INÁCIO

Ó meu caro coronel Pantaleão Praxedes Gomes!
Apeie-se.

PANTALEÃO

(Apeando-se) Seu Chico Inácio! Madama! Meus senhores!

CHICO INÁCIO

O senhor por aqui. Grande honra.

PANTALEÃO

Vim ver a festa. *(A Frazão)* Preciso falar-lhe.

FRAZÃO

Recebeu os vinte e cinco mil réis?

PANTALEÃO

Recebi. Não se trata disso.

CHICO INÁCIO

(A Bonifácio) Ó Bonifácio! Recolhe o burro do coronel.

PANTALEÃO

(Voltando-se) Como?

CHICO INÁCIO

Estou mandando recolher o seu animal, porque sei que o amigo vai para nossa casa.

BONIFÁCIO

(Saindo com o burro) Bamo, patrício. *(Sai.)*

MADAMA

Para onde havia de ir?

PANTALEÃO

Mas é que vieram comigo mais dez cargueiros que estão ali do outro lado da ponte. São os cenários do meu drama.

ATORES

Que! Pois trouxe?

PANTALEÃO

Não quero perder a vasa.

CHICO INÁCIO

Providencia-se já. *(A um do povo)* Eustáquio! Vá d'outro lado da ponte e diga ao arrieiro que descarregue os cargueiros na casa da Câmara. Se a chave não estiver na porta, está em casa da Chiquinha Varre Saia. *(O homem do povo sai correndo.)*

PANTALEÃO

É muita amabilidade.

CHICO INÁCIO

Vamos até a casa, seu coronel.

MADAMA

Vou mostrar-lhe o seu quarto.

CHICO INÁCIO

Eu tenho que me vestir de imperador. *(Aos artistas)* Até logo.

PANTALEÃO

(Saindo, a Frazão) Preciso falar-lhe. *(Sai com Chico Inácio e Madama.)*

CENA III

(Frazão, Vilares, Margarida, Florêncio, Isaura, Coutinho, depois Vieira.)

FRAZÃO

Pois não se meteu em cabeça esse idiota de fazer montar aqui a tal bagaceira...

ISAURA

O que ele quer montar sei eu...

VILARES

Livra! Não venha ele trazer-nos a caipora. Por enquanto vamos tão bem!

MARGARIDA

É verdade! Fomos de uma felicidade inaudita.

FLORÊNCIO

Há muito tempo não víamos tanta gente no teatro.

VILARES

Nem tanto dinheiro!

COUTINHO

E que entusiasmo!

FRAZÃO

Teatro é um modo de dizer. Olhem para aquela fachada. (*Aponta o barracão.*)

VILARES

E o palco?

FRAZÃO

Não subo nele sem reçar a todo o momento que as barricadas venham abaixo.

MARGARIDA

E a repetição do primeiro ato?

FRAZÃO

É verdade! Fomos obrigados a repetir todo o primeiro ato, porque o Chico Inácio só apareceu depois de cair o pano.

VILARES

Não foi por gosto dele...

FRAZÃO

Não foi por gosto dele, mas o povo todo começou a gritar: Repita, repita o ato que seu Chico Inácio não viu, e não houve outro remédio senão repetir! Confesso que é a primeira vez que me acontece uma coisa dessas. (*Entra Vieira.*)

VIEIRA

(*Entrando fúnebre como sempre*) Venho do correio. Nenhuma carta da família... Como é dolorosa esta ausência... Em compensação mandei-lhes cem mil réis...

VILARES

E eu cinqüenta para o Monteiro.

FRAZÃO

Coragem, Vieira. Em breve estaremos no nosso Rio de Janeiro.

VIEIRA

Mas até lá!...

MARGARIDA

Até lá é esperar. Descansa que não haverá novidade em tua casa.

VIEIRA

(*A Frazão*) Você já viu o cemitério daqui?

FRAZÃO

Não.

VIEIRA

Uma coisinha à-toa: ali atrás da igreja. Nem

parece cemitério.

FRAZÃO

Esta noite depois do espetáculo, se Deus não mandar o contrário, vou fazer uma “fezinha”...

ARTISTAS

(*Interessados*) Onde? Onde?

FRAZÃO

Cá, em certo lugar. Já fui convidado por um “alabama”, mas não consinto que vocês joguem! Jogarei por todos!

VILARES

Por falar nisso, se fôssemos para casa cair num sete e meio até a hora do jantar?

MARGARIDA

Bem lembrado!

TODOS

Valeu! Valeu! Vamos! (*Saem.*)

VIEIRA

Vou sempre dar um giro até o tal cemitério. (*Sai.*)

CENA IV

(*Laudelina, D. Rita e Eduardo, saindo da igreja.*)

D. RITA

(*Contemplando Vieira, que não os vê*) Pobre homem! Mire-se naquele espelho, Laudelina. Como o teatro é mentiroso. (*Vieira sai.*)

LAUDELINA

Mentiroso, mas cheio de surpresas e sensações. Anteontem estávamos desanimados, tendo perdido quase a esperança de poder voltar à nossa casa e ainda agora, ajoelhadas e de mãos postas naquela igreja, agradecemos a Deus a reviravolta que houve na nossa situação. Para isso bastou um espetáculo...

D. RITA

E que felicidade a de termos encontrado esta gente que nos hospedou. Que francesa amável!

LAUDELINA

E o senhor Chico Inácio? Que homem simpático!

D. RITA

Não nos esqueçamos de que estamos convidadas para comer canjica com eles depois do espetáculo.

EDUARDO

O diabo é ter eu que decorar este papel para depois de amanhã. Que lembrança do Frazão em fazer representar um dramalhão de capa e espada, quando há tanta peça moderna.

LAUDELINA

Console-se comigo que fui obrigada a estudar o papel de D. Urraca.

D. RITA

E eu o de D. Branca... uma ingênu!... Eu a fazer ingênu!! Nesta idade e com este corpanzil...

EDUARDO

A necessidade tem cara de herege... A peça exige quatro ingênuas. Quatro irmãs. (*Ouve-se a música de Carrapatini vir se aproximando.*)

LAUDELINA

Lá vem a banda do Carrapatini.

EDUARDO

Naturalmente vem tocar outra vez no coreto.

D. RITA

Não. Foi buscar o Chico Inácio para assistir ao sorteio do imperador do ano que vem.

VOZES

(*Dentro*) Viva o imperador Chico Inácio! Viva!...

CENA V

(*Os mesmos, Chico Inácio, Madama, Carrapatini, dois Mordomos, um Anjo, Irmãos do Espírito Santo, Músicos, Povo e Rodopiano.*)

(*Soltam foguetes, repicam os sinos. A irmandade do Espírito Santo sai da igreja e vai receber Chico Inácio, que entra com toda a solenidade, dando a mão à Madama. Chico Inácio, que vem vestido de casaca de veludo verde, manto escarlate, calção, meias de seda, sapatos afivelados, com coroa e cetro, tendo ao peito refulgente emblema do Espírito Santo, vem debaixo de um pátio cujas varas são encarnadas. Dois mordomos de casaca, chapéu de pasta, espadim e calção, suspendem-lhe o manto. Seguem-lhe Carrapatini à frente da música, soldados em linha e povo. Dão todos uma volta pela praça. Chico Inácio, a Madama e o Anjo sobem para o palanque, que foi transformado em Império, depois que o leilão terminou. Cessa a música.*)

CHICO INÁCIO

(*Sentado no trono do lado da Madama*) Meus senhores, atenção!

MADAMA

Attention! Attention!

CHICO INÁCIO

Agradeço aos bons moradores deste arraial a ajuda que me deram para eu levar até o fim a festa do Divino. Ao vigário de Tocos, de vir fazer a festa. Ao seu Frazão, o ter trazido a sua

companhia dramática. Ao Sr. Carrapatini, a sua banda.

CARRAPATINI

Grazie tanti.

CHICO INÁCIO

Agora vai-se fazer o sorteio do imperador do ano que vem. Neste chapéu (*Procurando*) Cadê o chapéu?

ANJO

(*Dando*) Tá qui.

CHICO INÁCIO

(*Tomando o chapéu*) Neste chapéu estão os nomes das pessoas mais no caso de serem festeiras. (*Ao Anjo*) Tire um papel, Bibi. (*O Anjo tira. Abre e lê.*) Rodopiano Nhonhô de Pau a Pique.

MADAMA

O meu palpite!

RODOPIANO

Eu, o festeiro? Vou para casa esperar a bandeira! (*Sai correndo.*)

CHICO INÁCIO

(*Erguendo-se*) Vamos entregar a bandeira. Toque a banda. Viva o imperador Pau a Pique!

TODOS

Viva! Viva! (*Forma-se a marcha. Toca a música e saem todos a dar vivas.*)

(*MUTAÇÃO*)

QUADRO IX

(*Varanda em casa de Chico Inácio. Ao fundo, pátio iluminado por um luar intenso que clareia a cena. À direita, passagem para o interior da casa. À esquerda, primeiro plano, porta para o quarto de Pantaleão. No segundo plano, uma passagem que vai ter aos aposentos de Chico Inácio.*)

CENA I

(*Pantaleão, só*)

PANTALEÃO

(*Saindo do seu quarto em mangas de camisa*) Que maçada! Estou às escuras! Acabou-se o toco de vela que havia no meu castiçal, e não tenho outro. Não sei a quem pedir luz... Não quero chamar: seria um abuso. Aqui está claro, graças ao luar, mas lá no quarto está escuro que nem um prego... Ainda se tivesse vidraças, mas as folhas das janelas são de pau... Gastei toda a vela porque estive a escrever esta carta... É uma carta para Laudelina... Francamente: eu não vim cá

por causa dela... vim por causa do meu drama... mas ontem, quando a vi no “Poder do Ouro”, toda a minha paixão despertou: era um leão que dormia dentro de um Pantaleão! É impossível que ela não se dobre aos argumentos... *(Faz sinal de dinheiro.)* que encontrará aqui... o poder do outro! A festa não me sairá barata, mas é um capricho, e mais vale um gosto que quatro vinténs. Espero que desta vez ela não se faça de manto de seda e ceda. Se não cedeu em Tocos, foi por causa do tal galã empata-vasas. Estava cai, não cai, quando ele surgiu e fez todo aquele escândalo. Laudelina ficou, mais a velha, conversando com a família do Chico Inácio, que as convidou para comer canjica. Ah! Elas aí vêm. Por que meios conseguirei fazer chegar esta carta às mãos da minha bela?

CENA II

(O mesmo, Laudelina e D. Rita, entrando pela direita alta)

D. RITA
(Entrando) Decididamente, são muito amáveis.

LAUDELINA
Não há dúvida. Procuram todos os meios de agradecer.

PANTALEÃO
(Adiantando-se) Minhas senhoras.

D. RITA
Ah! É o coronel? Que estava fazendo aqui?

PANTALEÃO
Saí do quarto, para apreciar o luar desta varanda. Esta admirável, não acham?

LAUDELINA
(Secamente) Esplêndido. *(Deixa cair o lenço.)*

PANTALEÃO
(À parte) Uh! Que bela ocasião! *(Apanha o lenço e o restitui depois de meter nele a carta.)*

LAUDELINA
Obrigada.

PANTALEÃO
(Baixinho à Laudelina) Leva recheio!
(Disfarçando) Hum! Hum! *(Alto)* Boa noite, minhas senhoras.

D. RITA
Boa noite, seu coronel.

PANTALEÃO
(À parte) É minha! *(Entra no quarto.)*

D. RITA
Então, menina, vamos para o quarto. *(Vendo que*

Laudelina fica imóvel, sem lhe responder) Que tens? Estás assim a modo que apalermada!

LAUDELINA
Sim, dindinha, apalermada é o termo.

D. RITA
Por quê?

LAUDELINA
Pois não é que esse velho sem-vergonha, que já devia estar bem ensinado, aproveitou o ensejo de me entregar o lenço para me entregar também uma carta.

D. RITA
Uma carta?

LAUDELINA
Sim, aqui está. *(Mostra a carta, que tira de dentro do lenço.)*

D. RITA
Que desaforo!

LAUDELINA
Vou dá-la a seu Eduardo. *(Dá um passo.)*

D. RITA
(Detendo-a) Estás doida! Queres provocar novo escândalo?

LAUDELINA
Tem razão, mas que devo fazer?

D. RITA
Restituir a carta a esse patife, sem abrir ela. Dá cá, eu me encarrego disso.

LAUDELINA
Mas ele há de ficar impune? *(Vendo entrar Frazão)* Ah! Cá está quem vai decidir.

CENA III

(As mesmas e Frazão)

FRAZÃO
Que é isso? Ainda acordadas? É quase meia-noite.

D. RITA
Estivemos com a família do Chico Inácio.

FRAZÃO
Eu fui fazer uma fezinha no “lasca”... Quem não arrisca não petisca... Entrei no jogo com um medo dos diabos... Vi os “turunas” cheios de pelegas de cem, de duzentos e quinhentos... Mas Deus é grande!... Quando peguei no baralho, comecei por dois *doublés* de cara... Não capei... dei a terceira sorte... depois veio um sete de cabeça para baixo... o sete de cabeça para baixo não falha!

LAUDELINA
Não falhou?

FRAZÃO

Qual falhou, qual nada! Oito sortes seguidas! Um chorrilho! Acabei dando lambujas fantásticas!... E justamente quando veio o azar, foi que ninguém lhe pegou! Enfim ...*(Batendo na algibeira da calça)* foi como se o Madureira houvesse respondido três vezes ao me telegrama! Agora estamos garantidos contra a miséria.

D. RITA

Bravos!

LAUDELINA

Também eu tenho que lhe contar uma coisa.

FRAZÃO

Que é?

LAUDELINA

Quando entramos inda agora, estava aqui o coronel Pantaleão.

FRAZÃO

Meus pêsames.

LAUDELINA

Sabe que fez ele? Apanhou este lenço, que por acaso deixei cair, e, ao entregar-me, meteu-me esta carta na mão.

FRAZÃO

(Tomando a carta) Uma carta?

D. RITA

Não acha o senhor que deve ser devolvida sem ser aberta?

FRAZÃO

Era o que faltava! Vejamos primeiramente o que ela diz. *(Abrindo resolutamente a carta)* O luar é magnífico, mas leio com dificuldade. *(Dando a Laudelina uma caixa de fósforos)* Faça o favor de ir riscando enquanto leio. *(D. Rita, sem dizer nada, tira também uma caixa de fósforos e ambas vão riscando fósforos e iluminando uma de um lado e outra de outro. Lendo)* “Minha adorada Laudelina *(Passando os olhos)* Hum... hum... *(Fala)* Tudo isso são bobagens. Ah! *(Lendo)* Tenho aqui no meu quarto a quantia de dois contos de réis à tua disposição, sob a condição de vires buscá-la quando der meia-noite no relógio da capela. A essa hora todos estarão dormindo. Deste que te adora loucamente – Leãozinho”. Que grande bandalho!

D. RITA

Que devemos fazer?

FRAZÃO

Hom’essa! Não há duas opiniões a respeito: apanhar os dois contos de réis.

LAUDELINA

Que pois o senhor acha que eu?...

FRAZÃO

A senhora? Quem falou aqui da senhora? Vão ambas para o quarto e durmam sossegadas. Eu encarrego-me de tudo. Era o que faltava... Esse dinheiro compensará os prejuízos que aquele tipo nos causou, pois foi, não há dúvida, o seu drama que em Tocos escabriu o público e desmoralizou a companhia...

LAUDELINA

Mas será uma extorsão!...

FRAZÃO

Pode ser, mas eu não quero um vintém para mim. Será distribuído pelos artistas, a título de receita eventual.

D. RITA

Mas qual é o seu plano?

FRAZÃO

Depois o saberão... Basta dizer-lhes que disto não lhes resultará mal algum. Só lhe peço uma coisa, Laudelina: empreste-me este xale.

LAUDELINA

(Hesitando) Meu xale?

FRAZÃO

Sim, dê cá. *(Toma-lho.)* Bom, vão dormir com Deus. *(Sai pela direita.)*

D. RITA

É dos diabos este Frazão!

LAUDELINA

Mas que irá ele fazer?

D. RITA

Naturalmente mandar a Margarida ou a Josefina ou a Isaura em teu lugar ao quarto do Leãozinho.

LAUDELINA

Isso não. Esse homem vai julgar que sou eu.

D. RITA

Apenas à primeira vista, por causa do xale vermelho, mas depois...

LAUDELINA

Eu achava melhor acordar seu Eduardo.

D. RITA

Qual seu Eduardo, qual nada!... Seu Eduardo é um estabanado! Quer logo deitar o mundo abaixo! Deixa lá o Frazão: ele sabe como essas coisas se fazem, e não será capaz de te comprometer. Vamos dormir.

LAUDELINA

Queira Deus! *(Saem pela direita.)*

CENA IV

(Chico Inácio, Madama e Bonifácio.)

(Entram os três cautelosamente em camisola de dormir. Bonifácio vem à frente trazendo um lampião)

CANTO**OS TRÊS**

Nós, sem primeiramente

A casa revistar,

Não vamos nos deitar. bis

Este costume, a gente

Não pode mais largar.

Pisando de mansinho

P'ra não incomodar,

Cantinho por cantinho

Nós vamos revistar. (Saem.)

CENA V

(Pantaleão, depois Frazão.)

PANTALEÃO

(Saindo do quarto) Eu podia ter pedido um toco de vela a D. Rita: não me lembrei.

Decididamente, fico no escuro. Ora, o amor mesmo às escuras tem graça... Talvez seja melhor assim: Laudelina não terá vergonha e portanto se entregará com mais facilidade. Mas, como são as mulheres! Aquela história do lenço não acudiria a um homem viajado! Ela percebeu que eu tinha uma carta engatilhada e deixou cair o lenço... Falta pouco! Que ansiedade! Que ansiedade! (Vai para o quarto.)

FRAZÃO

(Entrando da direita, vestido de mulher e com a cabeça envolta no xale de Laudelina) Arranjei um vestido da Josefina que me ficou ao pintar. Eu já fiz um papel em que havia uma situação parecida com esta. Mas era no teatro: não sei se na vida real a coisa se passará do mesmo modo. O que eu quero são os dois contos de réis na mão. (Dá meia-noite.) Meia-noite! Está na hora. (Vendo Pantaleão sair do quarto) Lá vem o Leãozinho.

PANTALEÃO

(Vendo Frazão, à parte) É ela! Eu não disse? Não há nada como o poder do ouro! (Baixo) És tu, Laudelina?

FRAZÃO

(Baixo) Sim!

PANTALEÃO

(Aproximando-se) Como és boa! (Toma-lhe a

mão. À parte) Ai! Que delícia! Que mãozinha de cetim!

FRAZÃO

(Baixinho) Que é do dinheiro?

PANTALEÃO

(Idem) Está ali.

FRAZÃO

(Idem) Dê cá.

PANTALEÃO

Vou buscá-lo. (À parte) Quer adiantado! Fiem-se lá nestas ingênuas.

FRAZÃO

Dê cá.

PANTALEÃO

Dar-to-ei logo que entres no meu quarto.

Vamos, vamos, meu amor; porque aqui podemos ser surpreendidos. (Puxa Frazão para o quarto.)

FRAZÃO

Não, meu Deus! (Cobre o rosto com as mãos.)

PANTALEÃO

Deixa-te de luxos. Agora, que deste o primeiro passo, não podes recuar.

FRAZÃO

Que vai pensar de mim?

PANTALEÃO

O mesmo que a outra perguntou a Pedro I. Vamos.

FRAZÃO

Meu Deus! (Pantaleão puxa-o e entram no quarto.)

CENA VI

(Chico Inácio, Madama, Bonifácio, depois Frazão. Cantam.)

OS TRÊS

Nós, sem primeiramente, etc., etc.

(Terminado o canto, abre-se a porta do quarto de Pantaleão e sai Frazão a correr, derrubando na passagem Chico Inácio, a Madama e Bonifácio, que gritam.)

CENA VII

(Chico Inácio, Madama, Bonifácio, depois Pantaleão, depois D. Rita, Laudelina, Eduardo, Vilares, Margarida, Isaura, Florêncio, Coutinho, Vieira, depois Frazão.)

CHICO INÁCIO E BONIFÁCIO

(No chão) Ai! Ai!

MADAMA

Aux secours!

PANTALEÃO

(Saindo do quarto a gritar) Pega ladrão! Pega ladrão! *(Entram todos os Artistas, sobressaltados, em camisolões de dormir, trazendo castiçais com velas acesas.)*

CORO

Ai, quanta bulha, que alarido!
Que foi, que foi que se passou?
Foi o meu sono interrompido
Pega ladrão, alguém gritou.

PANTALEÃO

Sim, eu gritei: pega ladrão!

TODOS

É o coronel Pantaleão,
Pantaleão, Pantaleão.

FRAZÃO

(Entrando de camisola e castiçal) Que foi, meu caro amigo?

PANTALEÃO

Eu lhe digo... Eu lhe digo...
Um audaz ratoneiro, um bandido qualquer,
O meu quarto invadiu, disfarçado em mulher,
E dois contos de réis o ladrão me levou
E estendido no chão, a correr, me deixou!

CORO

Um audaz ratoneiro, um bandido qualquer
O seu quarto invadiu, disfarçado em mulher
E dois contos de réis o ladrão lhe levou
E estendido no chão a correr o deixou!

LAUDELINA

Sei o que foi, vou dizê-lo:
O coronel teve um sonho,
Ou antes um pesadelo,
Um pesadelo medonho.

CHICO INÁCIO, MADAMA E BONIFÁCIO

Eu tinha a casa revistado
Ninguém de fora aqui entrou.

EDUARDO

Se estava o quarto bem fechado
Como o ladrão lá penetrou?

MARGARIDA

Por que motivo, disfarçado,
O malfeitor no quarto entrou?

FRAZÃO

Eu também estou capacitado
De que o Pantaleão sonhou.

TODOS

Sei o que foi: basta vê-lo!
O coronel teve um sonho

Ou antes um pesadelo,
Um pesadelo medonho.

PANTALEÃO

(Consigo) Sem os dois contos fico:
Não posso me explicar,
Porque se eu abro o bico,
Se toda a coisa explico
Pancada hei de apanhar.
(Alto) Foi, foi, um sonho!

CORO

Sim, foi um sonho,
Um pesadelo medonho!

PANTALEÃO

Desculpem tê-los
Incomodado, senhores meus,
Boa noite, e que destes pesadelos
Os livre Deus,
Boa noite!

TODOS

Boa noite!
(Todos, à exceção de Pantaleão, se retiram, cantando o boa noite.)

PANTALEÃO

(Só) Sim, senhor, dois contos de réis! Caro me custa a lição! Ah! Laudelina, Laudelina! Vais obrigar-me a ir ao Rio de Janeiro! É lá que te quero apanhar! *(Entra no quarto.)*
(MUTAÇÃO)

QUADRO X

(A cena representa um teatrinho improvisado. Ao fundo, o palco levantado sobre barricas. O pano está arriado: é uma colcha. O lugar da orquestra é separado da platéia por uma grade de pau tosca. Toda a cena é tomada pela platéia, cheia de longos bancos longitudinais. À direita, a entrada do público. À esquerda, uma porta que dá para o quintal de Chico Inácio, e pela qual passam os artistas. O teatro não tem camarotes. Ao levantar o pano, Bonifácio tem acabado de varrer o teatro e está arrumando os bancos.)

CENA I

(Bonifácio, depois Chico Inácio, Madama, depois um Espectador.)

BONIFÁCIO

(Só, arrumando os bancos) Tá tudo pronto. Agora só farta acendê as irendela. O drama de hoje parece que é bão memo! Seu Frazão faz de velho...

CHICO INÁCIO

(*Entrando com a Madama*) Então, o teatro ainda está às escuras?

MADAMA

Fora o gasista!

BONIFÁCIO

Isto é um instantinho! (*Começa a acender os candeeiros, que são de petróleo.*)

CHICO INÁCIO

As nossas cadeiras estão no lugar?...
(*Examinando a primeira fila, onde se acham duas cadeiras*) Estão.

MADAMA

Devíamos ter mandado pôr também uma cadeira para o coronel Pantaleão.

CHICO INÁCIO

Ora, o coronel Pantaleão que vá para o diabo! Não lhe perdôo o ter-se engraçado... Então com quem?... Com a Laudelina, uma rapariga honesta, ajuizada...

MADAMA

Que simpatia você lhe tem!

CHICO INÁCIO

Eu sou assim... quando simpatizo com alguém, simpatizo mesmo!

MADAMA

Eu que o diga! Lembras-te? (*Apóia-se no ombro de Chico Inácio.*)

CHICO INÁCIO

(*Sorrindo*) De quê?

MADAMA

De 1879?

CHICO INÁCIO

Olha o Bonifácio.

COPLAS**I****MADAMA**

Naquele belo, venturoso dia,
Em que te vi pela primeira vez,
Houve entre nós tamanha simpatia
Que outra maior não haverá talvez!
De outra mulher gostavas, mas, em suma,
Desde que tu me conheceste bem,
Tu nunca mais pensaste em mais nenhuma,
Tu nunca mais amaste a mais ninguém!

II

Correspondi ao teu bondoso afeto
Com toda a força do meu coração,

E à sombra amiga do teu doce teto
Achei sossego, achei consolação.
O meu passado é triste, mas perdoa,
Porque, ao ser tua, ao conhecer-te bem,
Eu nunca mais pensei noutra pessoa,
Eu nunca mais amei a mais ninguém!

CHICO INÁCIO

Pois sim, mas escusas de falar-me do passado...
Também eu tenho culpas no cartório...

MADAMA

Bem sei... tua filha...

CHICO INÁCIO

Falemos de coisas mais alegres.

MADAMA

Avec plaisir.

ESPECTADOR

(*Entrando*) Parece que cheguei cedo.

CHICO INÁCIO

Que deseja?

ESPECTADOR

Vancê mi dá dois mi réis de teatro?

CHICO INÁCIO

A bilheteria é lá fora, mas é cedo para entrar.
Agora é que se estão acendendo as luzes – não vê?
(*Empurrando-o para fora*) Entre quando entrar a música. Nem o porteiro está no lugar.

ESPECTADOR

Então até logo, seu Chico Inácio. A sua festa tem estado de primeira!

CHICO INÁCIO

E... tem estado de primeira, mas vá-se embora.
(*Espectador sai.*)

BONIFÁCIO

(*Que tem acabado de acender as luzes*) Pronto!

FRAZÃO

(*Characterizado de velho, com cabeleira e barbas brancas, aparecendo por trás da colcha*) Ó seu Bonifácio!

BONIFÁCIO

Que é?

FRAZÃO

Diga a seu Vilares, a seu Vieira e a D. Rita, que são horas. Eles estão esperando, para passar, que a platéia fique cheia de espectadores?

MADAMA

Aí vêm eles!

FRAZÃO

Bom! (*Desaparece.*)

CENA II

(*Os mesmos, D. Rita, Vilares, Vieira. Todos três*)

vestidos a caráter. Vieira traz o vestuário dos lacaios do teatro clássico francês.)

D. RITA

(Da porta da esquerda) Ainda não está ninguém?

CHICO INÁCIO

Não. Pode passar.

D. RITA

(Atravessando a cena a correr) Eu! Eu a fazer ingênuas! (Desaparece ao fundo.)

VILARES

(Atravessando) E eu ser obrigado a amar esta matrona! Isto só no Pito Aceso! (Desaparece ao fundo.)

BONIFÁCIO

(Vendo Vieira e rindo-se a perder) Ah! Ah! Ah! Sim, senhor! Isto é que é um diabo jocoso!...

VEIEIRA

(Sempre muito triste) Felizmente é o último espetáculo... Vou em breve abraçar a família... (Atravessa a cena e desaparece ao fundo, como os demais.)

CHICO INÁCIO

Este Vieira acaba suicidando-se!

MADAMA

Vamos para os nossos lugares?

CHICO INÁCIO

Espera. Temos tempo.

CENA III

(Os mesmos, Carrapatini, Músicos.)

CARRPATINI

(Aos músicos) É muito cedo.

CHICO INÁCIO

Não é muito cedo, não.

CARRPATINI

(Cumprimentando) Oh! Signor Chico Inácio... Madama...

CHICO INÁCIO

Ó maestro, veja se hoje você varia um pouco o repertório... Você tem nos impingido todas as noites as mesmas músicas!...

CARRPATINI

Si... no há molta varietá!... ma no se puó dire que non sia um repertório de primo cartelo! Habiamo tutte le novitá musicale!

MADAMA

Pois sim! *(Carrapatini vai com os músicos para a orquestra e começa a afinar os instrumentos.)*

CHICO INÁCIO

Vá para a porta, Bonifácio, e veja lá! Não deixe

entrar ninguém sem bilhete!...

BONIFÁCIO

Povo tudo já tá esperando.

(Vai para a porta. Desde esse momento em diante, vão entrando espectadores, isolados, ou por família. Grande rumor. Cena muda. Aos poucos, o teatrinho enche-se completamente, e todos os lugares ficam ocupados. Pantaleão entra e vai, com Chico Inácio e Madama, tomar lugar na 1ª fila. Durante este tempo, os Músicos afinam os instrumentos, os espectadores conversam uns com os outros. Quadro animado, cujo resultado os autores confiam à inteligência do ensaiador. Os atores que não figuram mais na peça podem, caracterizados, fazer número entre os espectadores, para que a cena não fique entregue exclusivamente à comparsaria, da qual não é possível esperar coisa com jeito. É preciso que todos concorram com a sua boa vontade para que este quadro, de uma execução difícil, dê um resultado satisfatório.)

CENA IV

(Chico Inácio, Madama, Pantaleão, Bonifácio, Carrapatini, Músicos, Espectadores, Frazão.)

FRAZÃO

(Deitando a cabeça fora do pano) Ó seu Chico Inácio!

ESPECTADORES

(Rindo) Ah! Ah! Ah! Bravos, ó Frazão!...

CHICO INÁCIO

Que é?

FRAZÃO

Não é nada. Apenas queria saber se o senhor estava aí, para não nos acontecer o mesmo que o outro dia, em que tivemos de repetir o 1º ato. *(Risadas dos espectadores.)* Ó Carrapato, vamos a isto!

CARRPATINI

Carrapato, non: Carrapatini! *(Nova risada dos espectadores. Frazão desaparece. A sala está de bom humor. A música toca uma peça a que o público dá pouca atenção. Continuam a entrar alguns espectadores retardatários. Bonifácio, à porta, de vez em quando tem uma pequena discussão. Afinal, tudo cessa e restabelece-se o silêncio. Pausa. Ouve-se um apito. Depois outro. Sobe o pano.)*

CENA V

(Os mesmos, Vieira, depois Vilares. A cena do

teatro representa uma praça. Vieira está em cena com uma carta na mão. Representa o baixo cômico de um modo muito exagerado.)

VIEIRA

Coitado do meu amo, o senhor Lisardo!... Por causa destes amores o pobrezinho não dorme, não come, não bebe, não... hum... hum...
(*Gargalhada do público*)

BONIFÁCIO

(*Da porta*) Ah! Danado!...

VIEIRA

Está desesperado, coitadinho, e, quando ele está desesperado, quem paga sou eu, que logo me transforma em caixa de pontapés!... (*Risadas do público*) Se ele me pagasse os salários com a mesma facilidade com que me dá pontapés, eu seria o mais feliz dos lacaios!... Ah! Mas desta vez outro galo cantará, porque tenho aqui uma cartinha que lhe dirige a formosa Urraca!
(*Examinando se a carta está bem fechada*) Se eu pudesse ler antes dele... Os criados devem conhecer os segredos dos patrões...

BONIFÁCIO

Ah! Ladrão!...

ESPECTADORES

Psiu! Psiu!...

VIEIRA

A carta está mal fechada... Que tentação!...

VILARES

(*Que tem entrado sem ser pressentido, dando um grande pontapé em Vieira*) Patife! (*Grande risada do público*)

BONIFÁCIO

Bem feito!...

VIEIRA

(*Sem olhar para trás*) É ele, é o Sr. Lisardo!... O meu posterior está tão familiarizado com aquele pé, que não há meio de o confundir com outro!

VILARES

Oh! Tratante! Pois não te voltas? (*Dá-lhe outro pontapé. Risadas.*)

VIEIRA

(*Sem se voltar*) Outro! Este foi mais taludo que o primeiro! Pôs-me as tripas em revolução!
(*Risadas*)

VILARES

Se não te voltas, apanhas outro!

VIEIRA

(*Voltando-se*) Não vos incomodeis, senhor meu amo: bastam dois.

VILARES

Olha, se queres outro, não faças cerimônias...
(*Risadas*)

VIEIRA

Sei que sois muito liberal... sei que sois um mãos largas... quero dizer, um pés largos, e não me despeço do favor, mas por ora falta-me o apetite!
(*Risadas*)

VILARES

Anda! Dá-me essa carta!...

BONIFÁCIO

Apetite de pontapé! Que ladrão!...

VIEIRA

Aqui a tendes. É da formosa Urraca!

VILARES

Dela?! E fazias-me esperar, maldito! (*Toma-lhe a carta das mãos. Lendo-a*) Que vejo! Urraca dá-me uma entrevista nesta praça!...

VIEIRA

Ela espera apenas que eu lhe faça um sinal.

VILARES

Falaste-lhe?

VIEIRA

Falei-lhe, sim, senhor.

VILARES

Que te disse ela?

VIEIRA

(*Imitando voz de mulher*) “Tareco, meu Tarequinho, dize a teu amo que o amo, e que me espere na praça. Lá irei a um sinal teu!” (*Risadas dos espectadores. Roda de palmas.*)

VILARES

Então, faze-lhe o sinal.

VIEIRA

(*Depois de fazer sinais para fora*) Ela aí vem!

VILARES

Oh! Suprema dita!... Retira-te, mas não vás para muito longe. (*Vieira sai, resguardando o assento para não levar outro pontapé. Risadas.*)

BONIFÁCIO

Tá com medo do pé do patrão!

CENA VI

(*Os mesmos, D. Rita, depois Frazão e depois Vieira.*)

D. RITA

(*Entrando, saltitante*) Lisardo!

VILARES

Urraca! (*Enlaça-a com dificuldade.*)

D. RITA

Oh! Meu belo cavalheiro! Não calculais como

tardava ao meu coração este momento ditoso!
Sabeis? Meu pai quer meter-me no convento das Ursulinas...

VILARES

Que ouço?

BONIFÁCIO

Coitada!

D. RITA

É absolutamente preciso que me rapteis hoje mesmo...

VILARES

À primeira pancada da meia-noite, estarei debaixo da vossa janela com uma escada de seda, e dois fogosos corcéis que nos transportarão longe, bem longe daqui!

D. RITA

Sim, meu belo cavalheiro! Até a meia-noite!... Sou vossa!...

FRAZÃO

(Entrando) Maldição!... Maldição!... Filha desnaturada!...

D. RITA

(Com um grito) Ah! *(Foge. Frazão vai persegui-la, Vilares toma-lhe a passagem.)*

VILARES

Senhor conde!...

FRAZÃO

Deixa-me passar, vilão ruim!

VILARES

Não passareis!

FRAZÃO

(Desembainhando a espada) Abrirei com a minha espada um caminho de sangue!

VILARES

(Desembainhando a espada) Encontrareis ferro contra ferro! Em guarda!...

FRAZÃO

Encomenda a tua alma a Deus!... *(Batem-se em duelo. O público aplaude com entusiasmo.)*

VIEIRA

(Entrando) Meu amo bate-se? Devo salvá-lo. Vou empregar o seu processo!... *(Dá pontapé em Frazão, que se volta. Vilares foge.)*

FRAZÃO

Quem foi o miserável? *(Agarrando Vieira)* Vou matar-te como se mata um cão!

VIEIRA

(Gritando) Desculpa!... Julguei que fosse meu primo!...

FRAZÃO

Infame! *(Outro tom)* As barricadas estão dando em

si! O palco vai abaixo! *(Cai o palco com Frazão e Vieira, que gritam. Todos os espectadores se levantam, assustados. Grande confusão.)*

CORO

O teatro foi abaixo!
Que terrível confusão!
Coitadinho do Vieira,
Pobrezinho do Frazão!
Apanharam ambos eles
Um tremendo trambolhão!
O teatro foi abaixo!
Que terrível confusão!
(MUTAÇÃO)

QUADRO XI

(A mesma cena do quadro IX, mas de dia.)

CENA I

(Pantaleão, só.)

PANTALEÃO

(Saindo do seu quarto) A companhia está se aprontando para partir... Também eu parto! Vou a Tocos, ponho em ordem os meus negócios, e de lá sigo para o Rio de Janeiro. Não descansarei enquanto Laudelina não me pertencer! O que me está aborrecendo é o material da "Passagem do Mar Amarelo", que tem de voltar comigo para Tocos. Também que lembrança a minha! O meu drama poderia lá ser representado num teatro daqueles!... Um teatro que cai!...

CENA II

(Os mesmos, Laudelina, D. Rita, Eduardo. Vêm todos os três prontos para a viagem. Depois, Chico Inácio e Madama.)

EDUARDO

Senhor coronel, estas senhoras e eu andávamos à sua procura.

PANTALEÃO

Ah! Já sei, resolveram entrar em acordo comigo para a aquisição do material do meu drama.

LAUDELINA

Não, senhor, não é isso!

EDUARDO

A Companhia Frazão resolveu unanimemente restituir-lhe estes dois contos de réis que lhe foram subtraídos por brincadeira... *(Dá-lhe o dinheiro.)*

PANTALEÃO

(*Contente*) Ah! Foi brincadeira?

D. RITA

Nós três fomos incumbidos de lhe fazer esta restituição.

PANTALEÃO

Muito obrigado. Já lhes tinha chorado por alma. (*Entram Chico Inácio e a Madama, também prontos para sair. Ele de botas e rebenque, ela de amazona.*)

CHICO INÁCIO

(*Entrando*) Estão prontos? Tomaram todos café?

D. RITA

Com bolo de milho.

CHICO INÁCIO

Vou acompanhá-los até fora da povoação. A Madama também vai.

MADAMA

Avec plaisir.

CHICO INÁCIO

D. Laudelina, creia sinceramente que deixa aqui um verdadeiro amigo. Vou dar à sua madrinha este cartão com o meu nome, para que em qualquer circunstância da vida não se esqueçam de mim. Recorram ao Chico Inácio como se o fizessem a um parente rico.

D. RITA

(*Que toma o cartão, lendo-o com um grito*) Que é isto?!...

TODOS

Que é?

D. RITA

O senhor se chama Ubatatá?

CHICO INÁCIO

Francisco Inácio Ubatatá. Mas que tem isso?

D. RITA

Dar-se-á o caso que... O senhor esteve no Rio de Janeiro em 1879?

MADAMA

Esteve, foi quando me conheceu.

D. RITA

E quando conheceu também a Florentina Gaioso... Lembra-se?...

CHICO INÁCIO

A Florentina Gaioso... sim! Pois a senhora sabe?...

D. RITA

Sei tudo!

CHICO INÁCIO

Onde está ela?

D. RITA

No céu!

MADAMA

(*À parte*) *Tant mieux!*

CHICO INÁCIO

E... minha filha? Que fim levou minha filha?

D. RITA

Que fim levou? (*Solenemente, a Laudelina*)

Laudelina, abraçe seu pai!...

TODOS

Seu pai!...

CHICO INÁCIO

Ela!...

LAUDELINA

Meu pai!...

D. RITA

Sim, esta é a filha da pobre Florentina, que morreu nos meus braços, abandonada pelo Ubatatá!

CHICO INÁCIO

(*Dramático*) Oh! Cale-se!...

D. RITA

Agradeça-me! Fui eu que a eduquei.

CHICO INÁCIO

Minha filha! (*Abraçando Laudelina*) Havia não sei o quê que me dizia ao coração que eu era teu pai!

PANTALEÃO

A voz do sangue!

CHICO INÁCIO

Desta vez não sairás da minha companhia... A Madama consente...

MADAMA

Avec plaisir.

CHICO INÁCIO

Foi mesmo uma condição do nosso casamento.

LAUDELINA

Perdão, meu pai, mas eu sou noiva de seu Eduardo... (*Vai tomar Eduardo pela mão.*)

CHICO INÁCIO

De um ator...

EDUARDO

Perdão, não sou ator, sou empregado no comércio do Rio de Janeiro. Estou com licença dos patrões.

CHICO INÁCIO

Pois peça uma prorrogação da licença porque desejo que o casamento se realize aqui. Mandarei vir os papéis.

CENA III

(Os mesmos, Frazão.)

FRAZÃO

(Entrando, preparado para a viagem) Os nossos companheiros estão todos na praça à nossa espera. Vamos!

LAUDELINA

Sabe, senhor Frazão? Encontrei meu pai.
(Apontando Chico Inácio) É ele!...

EDUARDO

Ele!

D. RITA

Ele!

MADAMA

Ele!

PANTALEÃO

Ele!

CHICO INÁCIO

Eu!

FRAZÃO

O senhor é que era o Ubatatá?

CHICO INÁCIO

Era e sou!

FRAZÃO

Pois, senhores, para alguma coisa serviu tê-la trazido no mambembe.

PANTALEÃO

(À parte) Perdi-lhe as esperanças...

LAUDELINA

(Triste) Mas devo deixar o teatro...

FRAZÃO

Não te entristeças por isso, filha: o nosso teatro, no estado em que presentemente se acha, não deve seduzir ninguém. Esperemos pelo Municipal.

TODOS

Quando?

FRAZÃO

O edifício já temos... Ei-lo!... Falta o resto...

(Aponta o fundo.)

(MUTAÇÃO)

QUADRO XII

(O futuro Teatro Municipal.)

(Cai o pano.)

FIM

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais, **livres de pagamento de direitos autorais.**

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1. 123, 8º andar - Tel. : (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel. : _____

Nome do diretor ou responsável: _____


Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de _____ a _____ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua Mauá, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP CEP 01028-907



TINSI
SÉDEALENCARMACHAL
VEDOFRANÇAJUNIOR
OTOJEIROJORACYCAMARGO
JRADESILVEIRASAMPAIONELSON
LIODEALMEIDAJORGEANDRADE
ONIERFODUVALDOVIANNAFILH
SARMUNIZARIANOSUSSUNASÉ
SGOMESJOÁOBITENCOURT
APALOTINICONSUELODF
OISABELCÁMARAJÓ
EBIANTONIOBIVARM
TAÍDEMARIOPRATA
S JOSÉDEANCHI
SMARTINSPE
SÉDEA
AZEVED
TÁOT
AD

500 Anos de Dramaturgia Brasileira

